



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SUELI APARECIDA ROS FAJARDO DOS SANTOS

**LEITURA DE QUADRINHOS NA ESCOLA:
PRÁTICA NECESSÁRIA**

Londrina
2019

SUELI APARECIDA ROS FAJARDO DOS SANTOS

**LEITURA DE QUADRINHOS NA ESCOLA:
PRÁTICA NECESSÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), ofertado pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Sonia Aparecida Vido Pascolati

Londrina
2019

SUELI APARECIDA ROS FAJARDO DOS SANTOS

**LEITURA DE QUADRINHOS NA ESCOLA:
PRÁTICA NECESSÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), ofertado pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Sonia Aparecida
Vido Pascolati
Universidade Estadual de Londrina –UEL

Prof.^o Dr^o Rozinaldo Antonio Miani
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Borges
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 30 de abril de 2019.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, minha própria essência, e à minha família, pela compreensão e pela força.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Sonia Pascolati, pela orientação e amizade.

Ao Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, pela organização, pela excelência do curso e de seus professores e por oportunizar essa capacitação tão importante para a vida profissional de um docente.

A todos os meus professores do PROFLETRAS 2017/2018, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), pela dedicação, profissionalismo e contribuição intelectual à minha formação.

Aos amigos e companheiros de caminhada: João Marcos, Reginaldo, Paulo Robson e Suely Lobato, pela alegria contagiante e pela generosidade.

Ao meu grande amigo, mentor espiritual e poeta da alma Romualdo Magela (*in memoriam*), que sempre me incentivou a continuar e a acreditar em mim mesma.

À direção, às pedagogas, aos alunos e colegas de trabalho do COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA, pela colaboração e confiança.

Eu não sou um profeta, mas estou adivinhando que os quadrinhos vão ser sempre fortes.

Stan Lee

SANTOS, Sueli Aparecida Ros Fajardo dos. **Leitura de quadrinhos na escola: prática necessária.** 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

A leitura de imagens é pouco explorada nos livros didáticos e ler imagens exige domínio de habilidades específicas, como compreender a função de recursos gráficos, figuras, cores e o sentido que isso provoca durante a leitura. Além disso, no caso da leitura de histórias em quadrinhos, é preciso compreender a integração entre as linguagens da literatura (narratividade), da fotografia e do cinema, por exemplo, em uma só arte. A partir dessas constatações, a presente pesquisa-ação dedicou-se a inserir os quadrinhos no cotidiano escolar por meio da elaboração do material didático com atividades analíticas da obra em quadrinhos *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette, 1991. O objetivo é estimular a leitura de imagens e capacitar os alunos para a leitura de quadrinhos, levando-os ao reconhecimento de suas especificidades como balões, onomatopeias, recursos gráficos, figuras cinéticas, planos, ângulos e cores. Para tanto, realizamos estudos teóricos sobre leitura de imagens e especificidades dos quadrinhos, fundamento a partir do qual construímos uma proposta didática aplicada a alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, em escola pública do norte do Paraná, e destinada também ao professor, como subsídio.

Palavras-chaves: Leitura. Imagens. Quadrinhos. Escola.

SANTOS, Sueli Aparecida Ros Fajardo dos. **Comic reading at school: necessary practice** 167 pp. Dissertation (Professional Master in Letters – Profletras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

Reading images is little explored in textbooks and reading images requires specific skills, such as understanding the function of graphic features, figures, colors and the sense that it causes during reading. In addition, in the case of reading comics, one must understand the integration between the languages of literature (narrativity), photography and cinema, for example, in a single art. From these findings, the present action research was dedicated to inserting the comics in the school daily by the elaboration of didactic material with analytical activities of the comic book *The island of the treasure*, of Pat Boyette, 1991. The objective is to stimulate the reading of images and to enable students to read comics, leading them to recognize their specificities such as balloons, onomatopoeia, graphic resources, kinetic figures, planes, angles and colors. In order to do this, we carried out theoretical studies on reading of images and comic specificities, the foundation from which we constructed a didactic proposal applied to students of the 7th year of Elementary School II, in a public school in the north of Paraná, and also destined to the teacher, as subsidy.

Keywords: Reading. Images. Comics. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	A chegada do pirata cego	23
Figura 2 -	O ponto	25
Figura 3 -	Linha em espiral	25
Figura 4 -	Jim assombrado.....	26
Figura 5 -	Linha cinética:movimento rápido.....	26
Figura 6 -	Linha cinética aproximada.....	26
Figura 7 -	A chegada de Black Dog.....	27
Figura 8 -	Luta sangrenta	28
Figura 9 -	Fuga.....	28
Figura 10 -	Bom humor.....	29
Figura 11 -	O descanso	30
Figura 12 -	Terrível descoberta	30
Figura 13 -	Jim perseguido por criatura monstruosa	32
Figura 14 -	Guardas aduaneiros.....	32
Figura 15 -	Surpresa.....	33
Figura 16 -	Cores suaves: tranquilidade momentânea	34
Figura 17 -	Cores mais fortes: predominância da sombra, significando perigo	34
Figura 18 -	Dimensão e perspectiva.....	36
Figura 19 -	Movimento marcado pela briga e pela corrida	37
Figura 20 -	Perseguição e o uso da linha cinética	37
Figura 21 -	Recordações	42
Figura 22 -	Um beerrão	43
Figura 23 -	Imediato ao mar	43
Figura 24 -	A morte de Bones e o mistério contido em seus pertences	44
Figura 25 -	Recebimento da dívida.....	44
Figura 26 -	A morte do capitão e a arca misteriosa	45
Figura 27 -	Tranquilidade	46
Figura 28 -	Traição	46
Figura 29 -	A contiguidade	47
Figura 30 -	Mãe e filho tristes	47
Figura 31 -	Sorriso malicioso da personagem Silver	48

Figura 32 - O ataque	48
Figura 33 - Estruturação de quadrinhos: Katzenjammer Kids (RUDOLPH DIRKS, 1903)	51
Figura 34 - Brasil: O fantasma do Barba Azul (SHIMAMOTO, 1959)	53
Figura 35 - Anúncio no álbum gigante número 26, contracapa, 1956	54
Figura 36 - Representação da face humana	56
Figura 37 - Principais ações marcando o tempo	57
Figura 38 - O tempo	58
Figura 39 - Timing: prolongamento da ação	58
Figura 40 - Timing: final do prolongamento da ação	59
Figura 41 - A inferência: leitura do "vazio"	60
Figura 42 - Jim e a mãe fogem da estalagem	61
Figura 43 - Personagens em foco	61
Figura 44 - Jim próximo ao barril de maçãs quase vazio	62
Figura 45 - Expressão facial sutil.....	63
Figura 46 - Silver sorrindo com ironia.....	63
Figura 47 - Olhos surpresos	64
Figura 48 - Silver saltando a paliçada	64
Figura 49 - Conflito	65
Figura 50 - Piratas tombados	66
Figura 51 - Jim em posição de ataque	66
Figura 52 - A proposta do pirata	67
Figura 53 - Registrando as baixas.....	68
Figura 54 - Bones grita o nome do inimigo	68
Figura 55 - O grito de Bones	69
Figura 56 - Black Dog!.....	69
Figura 57 - Jim e Silver.....	69
Figura 58 - Tiro de canhão	70
Figura 59 - Combate.....	70
Figura 60 - Jim entre os piratas.....	71
Figura 61 - Opinião 1	82
Figura 62 - Opinião 2.....	82
Figura 63 - Histórias sobre pirataria	83

Figura 64 - Qualidades de Jim 1.....	83
Figura 65 - Qualidades de Jim 2.....	83
Figura 66 - Narrativa 1.....	84
Figura 67 - Narrativa 2.....	84
Figura 68 - Pirata cego.....	85
Figura 69 - O pirata sem uma perna.....	85
Figura 70 - Bala de canhão.....	86
Figura 71 - Pensamento.....	86
Figura 72 - A fala do narrador.....	87
Figura 73 - Preto e branco.....	89
Figura 74 - Tanto faz.....	89
Figura 75 - Destaque da cor.....	89
Figura 76 - A cor diverte.....	89
Figura 77 - Cor é vida.....	90
Figura 78 - As cores e seus sentidos 1.....	90
Figura 79 - As cores e seus sentidos 2.....	91
Figura 80 - As cores e seus sentidos 3.....	91
Figura 81 - Planos.....	93
Figura 82 - Ângulos.....	93
Figura 83 - Análise sobre planos 1.....	94
Figura 84 - Análise sobre planos 2.....	94
Figura 85 - Análise sobre planos 3.....	95
Figura 86 - Análise sobre planos 4.....	95
Figura 87 - Análise sobre planos 5.....	96
Figura 88 - Análise sobre planos 6.....	96
Figura 89 - Análise sobre planos 7.....	97
Figura 90 - Análise sobre planos 8.....	97
Figura 91 - Análise sobre ângulos 1.....	97
Figura 92 - Análise sobre ângulos 2.....	98
Figura 93 - Análise sobre ângulos 3.....	98
Figura 94 - Análise sobre ângulos 4.....	98
Figura 95 - Análise sobre ângulos 5.....	99
Figura 96 - Análise sobre ângulos 6.....	99

Figura 97 - Análise sobre ângulos 7	100
Figura 98 - Explosão 1	100
Figura 99 - Explosão 2	101
Figura 100 - Expressões faciais e corporais 1	101
Figura 101 - Expressões faciais e corporais 2	102
Figura 102 - Expressões faciais e corporais 3	102
Figura 103 - Opinião 1	104
Figura 104 - Opinião 2	104
Figura 105 - Opinião 3	104
Figura 106 - Narrador e leitor 1	105
Figura 107 - Narrador e leitor 2	105
Figura 108 - Temporalidade 1	106
Figura 109 - Temporalidade 2	106
Figura 110 - Bones: como tudo começou 1	107
Figura 111 - Bones: como tudo começou 2	107
Figura 112 - Fortes emoções	107
Figura 113 - Progressão narrativa	108
Figura 114 - Inferência	109
Figura 115 - Jim, o herói	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 LEITURA DE IMAGENS, QUADRINHOS E LITERATURA: LETRAMENTOS NECESSÁRIOS.....	20
1.1 A narratividade dos quadrinhos	39
1.2 As especificidades dos quadrinhos.....	50
2 UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA COM QUADRINHOS.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	
Material didático	117
Trechos do Caderno de Campo	158
ANEXOS	
Termo de confidencialidade e sigila	161

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como fundamento a definição de Gil (2002, p. 17) sobre pesquisa, entendendo ser "o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos."

A pesquisa teve por motivação o tema leitura. Compreende-se que a leitura não é "salvação" para a humanidade, mas uma "prática social" que necessita das experiências vividas pelo leitor e das "representações" que ele faz de tudo que o cerca. É, também, "uma ação cultural" e, sendo assim, "um ato de posicionamento político diante do mundo" (BRITTO, 2003, p. 100).

Cafiero (2005, p. 9) afirma que a escola deve desenvolver um trabalho eficaz o suficiente para tornar os alunos "cada vez mais capazes de usar a leitura e a escrita em suas práticas sociais", pois saber "processar a informação" e utilizá-la "no momento certo" possibilitará, a cada um deles, a chance de melhor alcançar os objetivos e de atuar efetivamente na sociedade.

Antunes (2005, p. 51) entende que há "exigências de saberes cada vez mais complexos e diversificados", que exigem habilidades em relação às "linguagens verbal e não verbal", às dezenas de "textos multimodais de gêneros cada vez mais numerosos e complexos na prática social moderna", demandando, assim, muito mais preparo do professor.

Essas exigências citadas por Antunes (2005) apontam os novos desafios que se apresentam e que fazem parte de uma diferente forma de ler, porque os textos multimodais aparecem na vida do aluno com bastante frequência. No entanto, são pouco explorados na escola e nos livros didáticos. Geralmente, esses textos aparecem como pretexto para o estudo de gramática, mas não exploram as especificidades dessa leitura com linguagem tão diversificada.

Segundo Barbosa (1998, p. 17) há uma imposição de imagens, feita pela mídia, "vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos *slogans* políticos". Sendo assim, "a educação deveria prestar atenção ao discurso visual" tão presente na sociedade contemporânea e tornar os alunos conscientes em relação às mensagens expressas pelas imagens, tornando-os capazes de "compreender e avaliar todo o tipo de imagem."

Entende-se, a partir dessas leituras, que, para compreender e avaliar imagens, precisa-se, também, de estudar sobre arte. Dondis (2003, p. 231), por exemplo, acredita no *alfabetismo visual*. Segundo ela, há uma elevação na “capacidade de avaliar acima da aceitação (ou recusa) meramente intuitiva” qualquer “manifestação visual” e torna os leitores “inteligentes visuais”, ampliando o “espírito criativo”. Desta forma, a inteligência, como um todo, é também alongada.

Por isso, o/a professor/a de Língua Portuguesa necessita compreender o universo em que a palavra escrita e a oral junto com a imagem e o som estão, muitas vezes, totalmente integrados e difundidos pelas mídias digitais/eletrônicas (internet rádio, tv) e analógicas (livros, revistas, jornais, desenhos, pinturas) e precisam ser compreendidos desta forma, para a percepção dos sentidos ali contidos.

Ao se escolher história em quadrinhos como objeto de estudo, compreende-se que ela é “uma linguagem que pode conter uma imensa gama de simbologia”, a ser compreendida pelo leitor, “ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática e, claro, por suas especificidades” (GUERINI, BARBOSA, 2013, p. 89).

Por meio dos quadrinhos, o/a professor/a estará propiciando aos alunos a oportunidade de conhecer as linguagens: verbal e não verbal, presentes na obra e totalmente integradas, além da proximidade com a fotografia, o cinema e a animação.

Vergueiro e Ramos (2009, p. 8) comentam que “a última virada do século” foi muito importante, pois “representou o coroamento de uma nova fase para os quadrinhos.” Ressaltam que a entrada dos quadrinhos na Educação começou “a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), quando compreendeu-se a necessidade da inclusão de “outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio”.

Outro movimento para a inclusão dos quadrinhos no ensino foi, segundo Vergueiro e Ramos (2009, p. 12), constarem na lista do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), de 2006. Porém, estar em uma lista do PNBE sinaliza duas coisas: primeira, prestígio social, por estar em um programa voltado à leitura literária; segunda, a não compreensão de que os quadrinhos são “uma linguagem autônoma”.

Apenas a presença de quadrinhos em livros didáticos ou em paradidáticos não capacita alguém a ler quadrinhos, nem mesmo os professores. Vergueiro e

Ramos (2009) afirmam que é justamente por meio dos estudos acadêmicos que o professor terá um maior entendimento sobre esse e outros hipergêneros, pois para ensiná-los há a necessidade de compreendê-los em todas as suas especificidades.

Dessa forma, esse trabalho está amparado na leitura e no estudo dos quadrinhos, devido à disposição dessa riqueza de recursos e a chance de explorá-la. Além disso, "as histórias em quadrinhos auxiliam o ensino" ao possibilitarem "resultados muito melhores" de compreensão dos conteúdos (VERGUEIRO, 2014, 21).

Esses resultados se concretizam, segundo Santos (2001), porque os quadrinhos ativam a imaginação e, quando metodologicamente bem aplicados, ao se explorar suas especificidades, podem estar presentes nos livros didáticos de todas as disciplinas, pois trazem conhecimentos diversos, como outros idiomas, localizações geográficas, história, o saber científico e reflexões sobre ética, responsabilidades do cidadão, entre outros assuntos e temas.

Percebe-se que por ser uma linguagem multimodal, os quadrinhos: a) possibilitam a ampliação "dos meios de comunicação" ao incorporar "a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita"; b) estimulam a leitura "de revistas, jornais e de livros"; c) possibilitam enriquecer "o vocabulário do estudante", quando trazem o falar de um lugar específico ou de um grupo social; d) tornam o leitor um co-participante na construção da narrativa, à medida que ele necessita de preencher os sentidos dela; e) "podem ser utilizados em qualquer nível escolar", devido à "variedade de títulos, temas e histórias" (VERGUEIRO, 2014, 25).

Sabe-se que "as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens", uma vez que são de fácil acesso em diversos sites, muitas delas de baixo custo e há "a forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa", como, por exemplo, os super-heróis, facilitando aquisição, leitura e trabalho com quadrinhos (VERGUEIRO, 2014, 21).

Para que se pudesse compreender as especificidades da arte sequencial, buscou-se auxílio nos estudos teóricos, presentes nas obras relacionadas ao assunto, de autores como Antônio Luiz Cagnin, um dos pioneiros nos estudos sobre histórias em quadrinhos; Waldomiro de Castro Santos Vergueiro, pesquisador e autor de várias obras sobre quadrinhos; William Erwin Eisner, cartunista que até hoje influencia e forma, com o legado deixado, quadrinistas no mundo inteiro; Scott

McCloud, cartunista respeitado, que se destaca pelas obras teóricas sobre o assunto.

A escolha desses autores e as diversas leituras feitas, durante todo o processo de construção do trabalho, foram muito importantes para a construção do conhecimento e elaboração do material que foi aplicado.

A partir dessas diversas leituras, foram elaboradas atividades, para os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, que permitiram contemplar a leitura de algumas obras em quadrinhos, para um primeiro contato, durante a aplicação do material, e, como corpus para leitura, reflexão e análise, o quadrinho de aventura *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette, publicado, no Brasil, em 1991, pela editora Abril Jovem.

Essa obra em quadrinhos foi escolhida porque, por ser uma empolgante história de pirataria, em que o protagonista é um adolescente, teria grandes chances de agradar jovens entre 11 e 12 anos, para quem o trabalho foi elaborado.

A turma escolhida era formada por vinte e cinco alunos que vieram de escolas públicas municipais de Jandaia do Sul, Paraná, tanto da periferia, do distrito São José e da zona rural, quanto do centro da cidade. Eles estavam juntos desde o 6º ano e pertenciam às camadas de poder aquisitivo: médio-baixo e baixo. Eram muito espertos, inteligentes, mas possuíam dificuldade quanto a se expressarem por meio da escrita. Eram também inquietos e agitados. A turma foi escolhida justamente por ter essas características e, por isso, necessitar de um trabalho mais dinâmico e criativo.

Quanto ao município de Jandaia do Sul, possui aproximadamente 22.000 habitantes, pertence ao Vale do Ivaí, no norte do Paraná e se encontra distante 390 quilômetros da capital Curitiba. A instalação do município data de 14 de dezembro de 1952. A economia, antes predominantemente centralizada em atividades agrícolas, tem se concentrado atualmente na prestação de serviços.

O Colégio Estadual Rui Barbosa é uma das seis escolas públicas estaduais de Jandaia do Sul. Foi fundado em 1948, quando Jandaia do Sul ainda era Patrimônio de Apucarana. Ele oferece Ensino Fundamental e Médio, atendendo a seiscentos e sessenta e cinco alunos matriculados em 2018 e disponibilizando uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e CELEM – Centro de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol e Inglês. É um colégio central e, apesar disso, acolhe alunos do distrito São José, da zona rural, da periferia e do centro da cidade.

A ilha do tesouro, de Boyette (1991), é uma história cheia de aventura, com ação frequente, em que o protagonista, Jim Howkins, é um adolescente, o que provoca certa cumplicidade entre aluno e protagonista. Além disso, Jim se envolve com piratas, como o capitão Billy Bones, que passa a morar na estalagem da família do garoto e se mostra misterioso, cheio de segredos, principalmente em relação ao baú trazido por ele. É visitado por piratas perigosos e, ao receber de Pew, perigoso e cego corsário, a mancha negra, marca da morte, tem um infarto e morre.

Jim e sua mãe descobrem, dentro do baú, o mapa do tesouro. A partir daí, o jovem, junto com outros homens, dentre eles o dissimulado e perigoso pirata Long John Silver, formam a tripulação do navio Hispaniola e vão à procura do tesouro, que está em uma ilha desconhecida.

Durante a aventura, o protagonista conhece também homens de caráter ilibado, como o capitão Smollet, Lord Trelawney e o doutor Livesey. Junto a esses homens e com a ajuda do insano Ben Gunn, abandonado na ilha por três anos e que sabia onde estava o tesouro, vencem os piratas e voltam para casa com a fortuna encontrada.

Quanto ao perigoso e envolvente Long John Silver, durante a viagem de retorno, em uma das paradas do navio, rouba um pouco do tesouro e some. Ao final, Jim se sente aliviado com o desfecho da aventura, além de ter ficado rico, com sua parte da fortuna encontrada.

Além da história em quadrinhos de aventura, bastante envolvente, primou-se também, durante a escolha, pela qualidade artística dos quadrinhos, tendo como artista o famoso Pat Boyette. A versão para o Português é bastante interessante, porque traz um vocabulário rico em expressões próprias de piratas e marujos, provocando a curiosidade dos alunos.

O material passa por diversas versões, durante os meses destinados à elaboração, e é construído a fim de que o aluno possa localizar informações implícitas, interpretar e compreender as especificidades da arte sequencial, que exige uma leitura mais atenta, pois abarca diferentes linguagens, como a oral, a gestual, a escrita, entre outras.

Espera-se, também, que a partir desse conhecimento adquirido, o aluno possa ler, com compreensão satisfatória, esse e outros textos multimodais tão utilizados atualmente.

Por fim, a reflexão sobre as especificidades da história em quadrinhos, também visa apontar um norte ao trabalho do professor, para que possa se instrumentalizar para as demandas que a sociedade e a tecnologia nos impõem todos os dias em relação aos gêneros multimodais, e tenha segurança de levar esse conhecimento, de forma didática e sistematizada, aos alunos.

Faz-se necessário observar também que o trabalho apresenta certa polifonia, tendo em vista o resultado da pesquisa feita a partir das leituras e da reflexão, apresentando-o de forma impessoal e objetiva, utilizando a 3ª pessoa do singular, até o final do capítulo I.

Quanto ao capítulo II, há uma flutuação entre a 1ª e a 3ª pessoa do discurso, de acordo com a intencionalidade do que foi exposto. Quando houve a necessidade do posicionamento da pesquisadora em relação aos resultados da aplicação do material didático, utilizou-se a 1ª pessoa do singular. Ao se refletir e se analisar as leituras e as atividades realizadas em conjunto, pesquisadora e alunos, empregou-se a 1ª pessoa do plural. Foi preciso, ainda, o retorno à teoria, por meio de citações e reflexões. Nesse momento, a 3ª pessoa do singular foi novamente usada.

1 LEITURA DE IMAGENS, QUADRINHOS E LITERATURA: LETRAMENTOS NECESSÁRIOS

O conceito de leitura vai além da decodificação dos signos, pois representa a integração do ser humano à sociedade. Ler implica dominar a linguagem e, conseqüentemente, adequá-la às necessidades.

Sabe-se também que a leitura vai além dos textos escritos, pois ler é reconhecer os inúmeros textos verbais e não-verbais que circulam, o tempo todo, em todos os lugares. Ler é ter um olhar mais atento a tudo o que faz parte do dia a dia de cada um. É questionar, formar opinião, agir, mudar.

Esse ler, que é também muito importante, está relacionado à interpretação que se faz do mundo, por meio da observação e do aprendizado adquirido a partir das experiências vividas. Entretanto, leitura, de forma consciente e consistente, significa, segundo Britto (2003, p. 25) "decifrar e entender", ações que devem estar "interligadas" e implicadas.

Muitas vezes, o leitor sente dificuldade em relação à leitura de textos de vocabulário mais técnico ou formal, mas isso é "consequência do modo como as pessoas interagem com os objetos da cultura, em particular com o conhecimento formal, e das formas de inserção e participação social". (BRITTO, 2003, p. 30)

Para diminuir as potenciais dificuldades, a experiência com a leitura, logo nos primeiros anos, facilita sua apropriação. Cabe à escola o aperfeiçoamento dessa prática, por meio de metodologias diferenciadas e eficazes, associadas ao saber que o aluno tem e traz para a sala de aula. Com isso, amplia-se seu conhecimento e aprendizagem, tornando-o capaz, por meio da mediação do professor, de buscar as respostas das quais necessita, conscientizando-o de seu papel diante do mundo e de como agir e interagir nele.

Solé (1988, p. 24) ressalta que "para ler, é necessário dominar as habilidades de decodificação e aprender as distintas estratégias que levam à compreensão." E continua dizendo que, com a leitura, há "um processo constante de emissão e verificação de hipóteses". Desta forma, o leitor tem o domínio da compreensão do texto, comprovando-a por meio dessa verificação.

Sabe-se que é o leitor quem efetivamente atribui significado ao que lê, pois, segundo Leffa (1996, p. 10), a leitura é como um espelho e "a visão a ser dada por

esse espelho, depende da posição da pessoa em relação ao espelho. Diferentes posições refletem diferentes segmentos da realidade."

Nesse sentido, com a prática da leitura, não há como ficar imune a ela, porque reflexões são inevitáveis, bem como a ampliação do olhar sobre o próprio universo e os outros universos com o qual o leitor se relaciona. Não se aprende a ler sem leitura efetiva, sem a compreensão dos códigos e dos procedimentos do ato de ler, do paralelo feito com o próprio olhar de cada um dos leitores e a exploração do mundo imaginativo dos textos.

O leitor lê por diversos motivos e, dependendo deles, desenvolve habilidades de leitura por meio de estratégias eficazes e que se realizam aparentemente de forma natural, mas que, na realidade, exigem do professor conhecimento, preparo e um trabalho incansável em sala de aula; do aluno, muita percepção, como na busca de palavras, em dicionários; notícias, em jornais; os ingredientes e o modo de fazer, em uma receita; informações técnicas, para formação de opinião ou acúmulo de conhecimento sobre os diversos assuntos e temas, em revistas, jornais, livros ou conhecer um olhar diferente sobre coisas e pessoas por meio dos textos literários.

Ao falar sobre leitura, Cafiero (2005, p. 43) destaca a necessidade de se desenvolver algumas importantes habilidades, como antecipar fatos, assuntos, temas, gêneros, a partir do primeiro contato com o que se vai ler. E uma das mais importantes habilidades é a inferência, porque capacita o leitor a uma melhor compreensão dos textos, quando conhecimentos trazidos por ele e os adquiridos durante suas leituras produzem sentido, ao relacioná-los com o social, partindo de pressupostos que serão ou não ratificados, ativados por diversos tipos de raciocínio feitos durante todo esse processo.

Bakhtin (2006, p. 67) diz que a "palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais". Sendo assim, o texto dialoga com o leitor e apresenta suas várias vozes, com suas diversas significâncias. O leitor, por sua vez, ativa seus conhecimentos, suas experiências com leitura, sua própria cultura, seus hábitos e os compara ao apresentado. A partir daí, reflete, questiona, refuta ou aceita o que lhe foi exposto no texto.

Leffa (1996, p. 16) ao falar sobre a capacidade necessária para uma leitura satisfatória, isto é, aquela em que haja interação entre a compreensão do que está mas também do que não está expresso na obra e que pode ser subentendido, ressalta que "o leitor precisa possuir, além da competência sintática, semântica e

textual, uma competência específica da realidade histórico-social refletida pelo texto."

Segundo Koch e Elias (2008, p. 71), "não existem textos totalmente explícitos", pois o autor "pressupõe" que seu leitor tenha "os conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos" necessários para "recuperar", a partir das pistas deixadas na obra, as informações ocultas "por meio de inferências".

Para Dell'Isola (2001, p. 44) a inferência é "uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas." Para ela, a inferência não só pode estar no texto, mas também nas "informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida" do leitor.

Koch e Elias (2008, p. 21) consideram que "o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor".

No tocante à leitura de quadrinhos, a interpretação se voltará ao conjunto, pois "devido em grande parte a seu suporte, cria uma relação de *parceria* entre texto verbal escrito e texto visual, uma relação de dependência" (ZENI, 2007, p.13).

Uma narrativa em quadrinhos terá, por exemplo, recursos como vinhetas, a escolha das cores, onomatopeias, balões, entre tantos outros que serão, a seguir, estudados.

Esses recursos utilizados são visíveis, reconhecíveis, expressos e, mesmo assim, a compreensão só acontecerá "mediante processos em que atuam planos de atividades desenvolvidos em vários níveis e em especial com a participação decisiva do leitor ou ouvinte numa ação colaborativa." (MARCUSCHI, 2008, p. 239).

Barroso (2013, p. 13), ao analisar a relação entre o autor e o leitor, nas histórias em quadrinhos, considera que

A história em quadrinhos é uma linguagem que pode conter uma imensa gama de simbologia, ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática e, claro, por suas especificidades, tão particulares. A principal delas, a nosso ver, é a forma como se dá o relacionamento entre autor e leitor, sendo este último não somente um leitor, um coadjuvante, mas um coautor, de forma muito mais decisiva e participativa do que em outras manifestações artísticas.

Pode-se conferir essa relação estreita, entre autor e leitor de quadrinhos e a própria obra, ao considerar, por exemplo, que "os espaços entre um quadro e outro" conduzem o leitor ao que também está implícito na narrativa. (BARROSO, 2013, p. 14). Sendo assim, o leitor vai preenchendo os espaços e se colocando como um

“coautor” da obra.

É possível notar, no quadrinho destacado, que Jim olha para o misterioso homem que se aproxima com certa reserva, pois o considera “tenebroso”. Para o leitor, observar a chegada dessa personagem sinistra, depois dos acontecimentos passados com o capitão Billy Bones, é sinal de que algo importante e perigoso acontecerá e que é mais um pirata que chega à estalagem, à procura de Bones.

Figura 1 - A chegada do pirata cego



Fonte: Boyette (1991, p. 11)

É importante saber também que os quadrinhos, mesmo partindo de obras literárias, não são literatura. Vergueiro e Ramos (2009, p. 58) defendem que

Quadrinhos são uma manifestação artística autônoma, assim como o são a literatura, o cinema, a dança, a pintura, o teatro e tantas outras formas de expressão. Esse entendimento é corroborado por diferentes autores como Moacyr Cirne (1977, 2000), Will Eisner (1989) e Daniele Barbieri (1998), para quem os quadrinhos já teriam se emancipado e constituído recursos próprios de linguagem.

Portanto, mesmo tendo a obra literária adaptada aos quadrinhos, será necessário um aprofundamento em suas especificidades, a fim de compreender que além do roteiro e dos recursos gráficos, há a escolha das cores, dos ângulos e planos, das linhas que expressam gestos, ações e reações, espanto, dor, alegria.

Ao se falar sobre diversos tipos de texto, esbarra-se em opiniões diversas. Dependendo dos estudos, alguns autores apoiam apenas a leitura de textos

escritos, outros acreditam, no entanto, que tudo aquilo que transmite uma mensagem, verbal ou não verbal, é texto e exige, para ser compreendido, uma leitura. Britto (2016, p. 28) diz que

[...] interpretar não é o mesmo que ler (ainda que faça parte da leitura), assim como ler é diferente de escutar, mesmo que em ambos os casos haja realização linguística, e diferente de ver, mesmo que para ler se lance mão da visão.

Para Britto (2016, p. 70), ler implica “decifrar e entender”. Por isso, não “corresponde a qualquer ação intelectual”.

No entanto, segundo Santaella (2012, p. 10) para se interpretar e compreender uma imagem, por exemplo, há a necessidade de lê-la primeiramente. Argumenta que

desde os livros ilustrados e, depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre a palavra e a imagem, entre o texto, a foto e a legenda, entre o tamanho dos tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação.

Santaella (2012) defende que existe a alfabetização visual e que poderá ser compreendida por meio de estudo dos conhecimentos existentes e da sensibilidade. Defende, ainda, que há a necessidade de se sistematizar o ensino da leitura das imagens nas escolas, tendo em vista a relevância dela na vida das pessoas.

O trabalho de análise dos quadrinhos oportuniza conhecer e compreender imagens. Para tanto, faz-se necessário conhecer os seus "três domínios". O primeiro diz respeito ao imaginário de cada um, na formação mental das imagens; o segundo, ao que se vê, se observa, se vive; o terceiro, à reprodução do mundo pelas artes (SANTAELLA, 2012).

Diante do que foi exposto, nota-se a necessidade de um aprofundamento na leitura e na compreensão da imagem, pois apenas vê-la não é apreender todo seu significado. Para tanto, é preciso conhecer os caminhos que levam a esse total entendimento da imagem.

Dondis (2003, p.18-23) afirma que "a sintaxe visual existe" e deve ser compreendida. Afirma também que ela apresenta componentes básicos e essenciais

para o alfabetismo visual: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a escala ou proporção, a dimensão e o movimento.

Ainda segundo Dondis (2003 p. 23) e defendido por Santaella (2012, p. 40), o *ponto* é "a unidade visual mínima". Apesar disso, a partir dele e da união de vários pontos, pode-se construir imagens.

Figura 2 - O ponto



Fonte: Dondis (2003, p. 53)

A *linha*, resultado do deslocamento do ponto ou da união de vários pontos, é fundamental na construção da imagem e permite determinar sensações, sentimentos. Pode ser: horizontal, inclinada, quebrada, vertical, curva, em espiral e mista, indicando movimento, alegria, equilíbrio, suavidade, entre outras sensações;

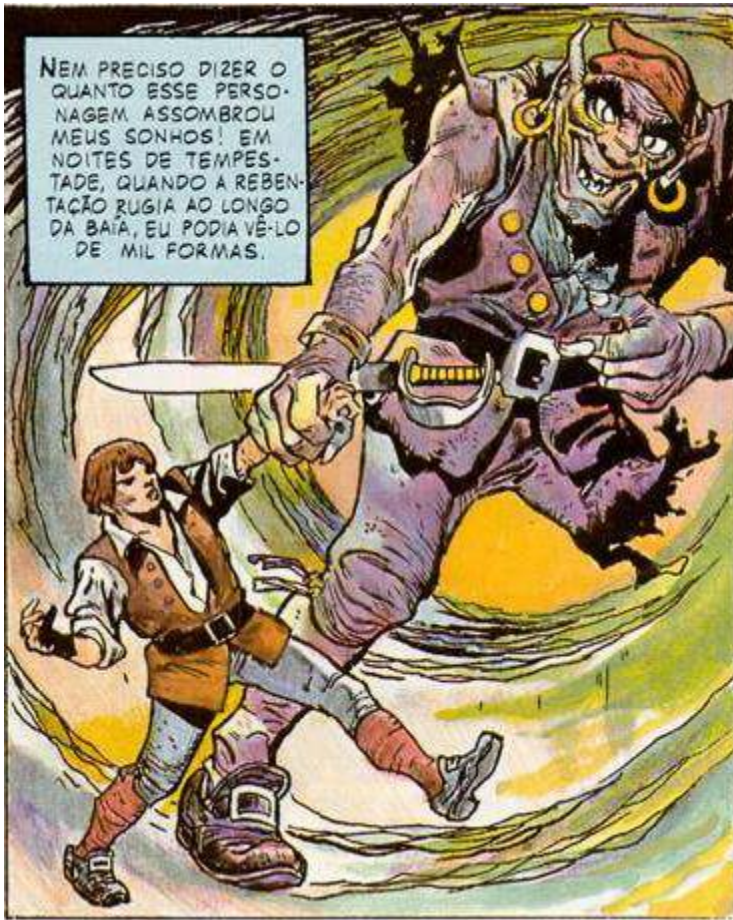
Alguns exemplos foram retirados do livro *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette.

Figura 3 - Linha em espiral



Fonte: Wong (1998, p. 166)

Figura 4 - Jim assombrado



Fonte: Boyette (1991, p.5)

Figura 5 - Linha cinética: movimento rápido aproximado



Fonte: Boyette (1991, p. 8)

Figura 6 - Linha cinética



Fonte: Boyette (1991, p. 8)

Há três *formas básicas* de onde se originam as demais: o círculo, o quadrado e o triângulo. Essas formas podem expressar sensações e sentimentos diversos, tais como medo, aflição, conflito, amplidão, eternidade, dedicação e muitos outros. (DONDIS, 2003). A seguir, exemplo de como as formas determinam expressões: triângulo (sobancelha) e círculos (olhos de espanto), demonstrando medo e surpresa. Pode-se observar, na imagem, sobancelhas arqueadas e olhos arregalados, demonstrando que o Capitão foi pego de surpresa.

Figura 7 - A chegada de Black Dog



Fonte: Boyette (1991, p.7)

A *direção*, garantida pelas formas, dá ideia, muitas vezes, de instabilidade, ou de movimento repetitivo, entre outras sensações (DONDIS, 2003). Um exemplo disso são os movimentos em diagonal, do próximo quadrinho, no qual há a representação de uma luta e as personagens sendo atingidas por tiros e tombando.

Figura 8 - Luta sangrenta



Fonte: Boyette (1991, p. 45)

O *tom* traz à imagem a luz sobre a sombra, ou vice-versa, dependendo do ambiente que se quer criar. (DONDIS, 2003). Um exemplo disso é a representação da noite, no quadrinho abaixo, dando maior sensação de perigo e suspense, quando Jim, curioso, se arrasta para ver os piratas dentro da sua estalagem.

Figura 9 - Fuga



Fonte: Boyette (1991, p.14)

As *cores* possuem sentidos, seduzem e despertam a atenção do leitor. Segundo Farina, Peres e Bastos (2006, p. 2),

as cores influenciam o ser humano e seus efeitos, tanto de caráter fisiológico como psicológico, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem etc. As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos.

Percebe-se que elas “exercem uma ação tríplice” sobre cada pessoa. Impressionam, ao serem vistas; são sentidas e, por isso, emocionam; conseguem transmitir ideia, construir significados. (FARINA; PERES; BASTOS, 2006).

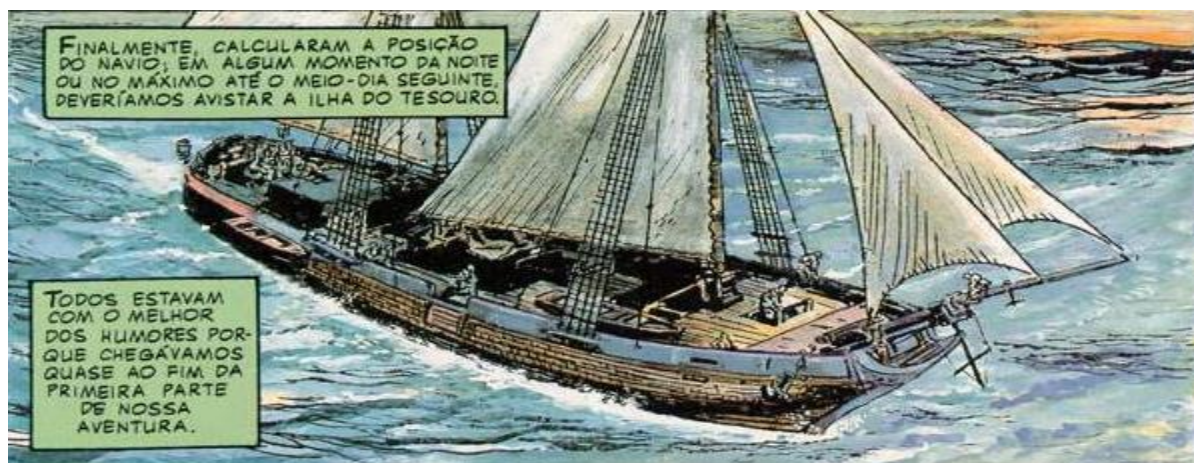
Sabe-se que as cores, além de motivar diversas sensações e emoções, possuem “uma dinâmica envolvente e compulsiva” ao “produzirem sensação de movimento”. (FARINA; PERES; BASTOS, 2006).

Observa-se, por exemplo, que a maioria dos quadrinhos foi produzida com cores fortes, como o preto, o vermelho e o laranja. Com isso, aproxima-se o leitor da história, estimulando-o a continuar com a leitura. Há momentos em que essas cores contrastam com cores mais suaves, como o azul e o verde, passando a sensação de que o bem e o mal estão em permanente confronto.

Pode-se constatar, nos excertos seguintes, como as cores influenciam as sensações e as emoções, bem como a construção espacial e temporal.

O azul e o branco trazem, a esse momento temporal e espacial da história, durante o percurso da viagem até a ilha, tranquilidade, suavidade.

Figura 10 -- Bom humor



Fonte: Boyette (1991, p.25)

Nesse momento, em que o azul se mistura com o vermelho, o branco, o amarelo, o verde e o preto, há uma mudança nas sensações, representadas pela conjunção dessas cores, quando se percebe a proximidade do perigo, durante a noite, no navio. Jim está cansado e com fome. Resolve pegar maçãs no barril, mas acaba adormecendo dentro dele. As cores escuras, que representam a noite, também representam a quebra da tranquilidade que, até aquele momento da viagem, era a sensação descrita. Nos quadrinhos a seguir, o protagonista descobre o plano dos piratas.

Figura 11 -- O descanso



Fonte: Boyette (1991, p. 25)

Figura 12 -- Terrível descoberta



Fonte: Boyette (1991, p. 26)

Nota-se que as cores fazem parte da linguagem dos quadrinhos, por isso sua importância. O próprio Maurício de Sousa¹, em entrevista para o Doutor Dráuzio Varella, em 2014, comentou que pensa nas cores como algo agradável de ser visto. Disse ainda que usa cores quentes, “pois estamos em um país tropical”. Comenta que já recebeu críticas por isso, pois alguns especialistas acreditam que, por serem quadrinhos voltados às crianças, as cores utilizadas por ele representam muita sensualidade. Ele, porém, discorda. É interessante ver um profissional, como Maurício de Sousa, se posicionar em relação ao próprio trabalho artístico e quebrar paradigmas.

McCloud (1995) conta que o uso delas nos jornais trouxe um aumento significativo nas vendas, porém, também nos custos. Por isso, diminuíram a qualidade do papel, os "heróis foram trajados com cores primárias brilhantes" e as cores de suas vestimentas se tornaram ícones, identificando cada personagem. Além disso, elas ajudavam a identificar a forma dos objetos e, mais recentemente, com o uso do computador, podem “assumir um papel central, expressar um estado de espírito, acrescentar profundidade”, ocupar “cenas inteiras”, como nos exemplos a seguir.

As cores verde, amarelo e magenta representam como Jim imagina o pirata de uma só perna: monstruoso, cruel e gigantesco. São cores fortes e muito expressivas, reforçando esse momento de tensão, como se pode ver na figura 4.

Estado de espírito – o cinza, o preto e, mais uma vez, o magenta, porém menos ressaltado aqui, simbolizam aflição, medo. Há uma combinação com o plano de visão em que se percebe melhor as personagens no espaço.

¹ Essa entrevista está disponível no canal do Dr. Dráuzio Varella, no You Tube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wE3upxNE3JM>>. Acesso em 21/03/2018

Figura 13 -- Jim perseguido por criatura monstruosa



Fonte: Boyette (1991, p. 06)

A cor pode acrescentar profundidade, aproximando a personagem do leitor e afastando o cenário, como no exemplo, a seguir, em que as personagens estão a galope, pela estrada, à noite. Há também a percepção de movimento em relação ao que está sendo contado.

Figura 14 -- Guardas aduaneiros



Fonte: Boyette (1991, p. 15)

Utilizando somente as cores, cenas inteiras são construídas. No exemplo a seguir, sombra e luz formam a cena da chegada da personagem principal, em um dos momentos de grande tensão e perigo, quando Jim é recebido pelos piratas.

Figura 15 -- Surpresa



Fonte: Boyette (1991, p. 41)

McCloud (1995, p. 191-192) acredita que ainda há muito que aprender sobre como melhor explorar o potencial das cores e que existe uma diferença significativa entre usar o preto e branco, cujo "significado transcende a forma", também cor, e usar as demais cores, em que "o mundo se torna forma e espaço". Percebe-se que depende muito da intenção, do que se quer sugerir, demonstrar, apresentar ao leitor.

Sendo assim, o uso das cores, nos quadrinhos, dinamiza forma e espaço, além de despertar, no leitor, devido à sua simbologia, sentimentos e emoções que se alinham com a própria história. É a criatividade compartilhada.

Importante também ressaltar que “as sensações visuais cromáticas compreendem todas as cores do espectro solar”. “O branco e o preto não existem no espectro solar” e devido a isso, junto com todas as tonalidades de cinza que se formam entre eles, são chamados de “sensações visuais acromáticas”, ou seja, sem cor, pois “a cor branca” é, na verdade, a soma de todas as cores, enquanto que “a cor preta” nada mais é que a ausência de todas elas. (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 62-63).

Quanto aos sentidos provocados, é necessário saber que as cores podem subverter convenções sociais e criar novos significados, de acordo com novos olhares, tempos e culturas. Heller (2013, p. 206) ao falar, por exemplo, sobre a cor verde, comenta que ela pode significar vida, primavera, natureza, esperança, sentidos conhecidos por muitos. No entanto, quebrando essas convenções, pode

significar também seres assustadores, como “serpentes e lagartos”, “demônios” e até subentender “infelicidade”.

Tendo em vista o contexto, notam-se, nas figuras 16 e 17 a seguir, cores mais suaves, quando há maior tranquilidade momentânea, enquanto mãe e filho olham os pertences do capitão Billy Bones, após seu falecimento, e cores mais fortes, com mais sombra, quando, logo após a saída de Jim e sua mãe, os piratas chegam à estalagem, à procura do mapa do tesouro, marcando a volta da tensão.

Figura 16 -- Cores suaves: tranquilidade momentânea



Fonte: Boyette (1991, p.13)

Figura 17 -- Cores mais fortes: predominância da sombra, significando perigo



Fonte: Boyette (1991, p. 14)

A *textura* indica a característica de uma superfície, podendo ser observada por meio da visão, do tato ou de ambos. No caso da imagem, a textura terá de ser muito bem representada pelo artista, em relação aos efeitos que se espera:

aspereza de uma parede ou de um piso, tramas de um tecido, algo enrugado, nós de uma madeira, entre tantas coisas. A *textura* pode representar tranquilidade, aderência, fragilidade, perigo, se presente na imagem do rosto da personagem: preocupação, intolerância (DONDIS, 2003).

Observa-se na figura 13, Jim, personagem principal, imagina suposto navegante de uma perna só, como sendo um monstro marinho, com escamas e muitos dentes afiados. Nesse momento, a ação é situada em relação ao tempo/espço e faz um paralelo entre a realidade e a imaginação na história em quadrinhos de aventura.

A escala ou proporção é relativa, pois um objeto pode ser reproduzido em maior ou menor tamanho que o real. Há intenções quando a escala utilizada diminui ou aumenta uma imagem. Pode-se obter a sensação de poder, perigo, ameaça, para o aumento da imagem, ou inferioridade, medo, angústia, quando é diminuída (DONDIS, 2003).

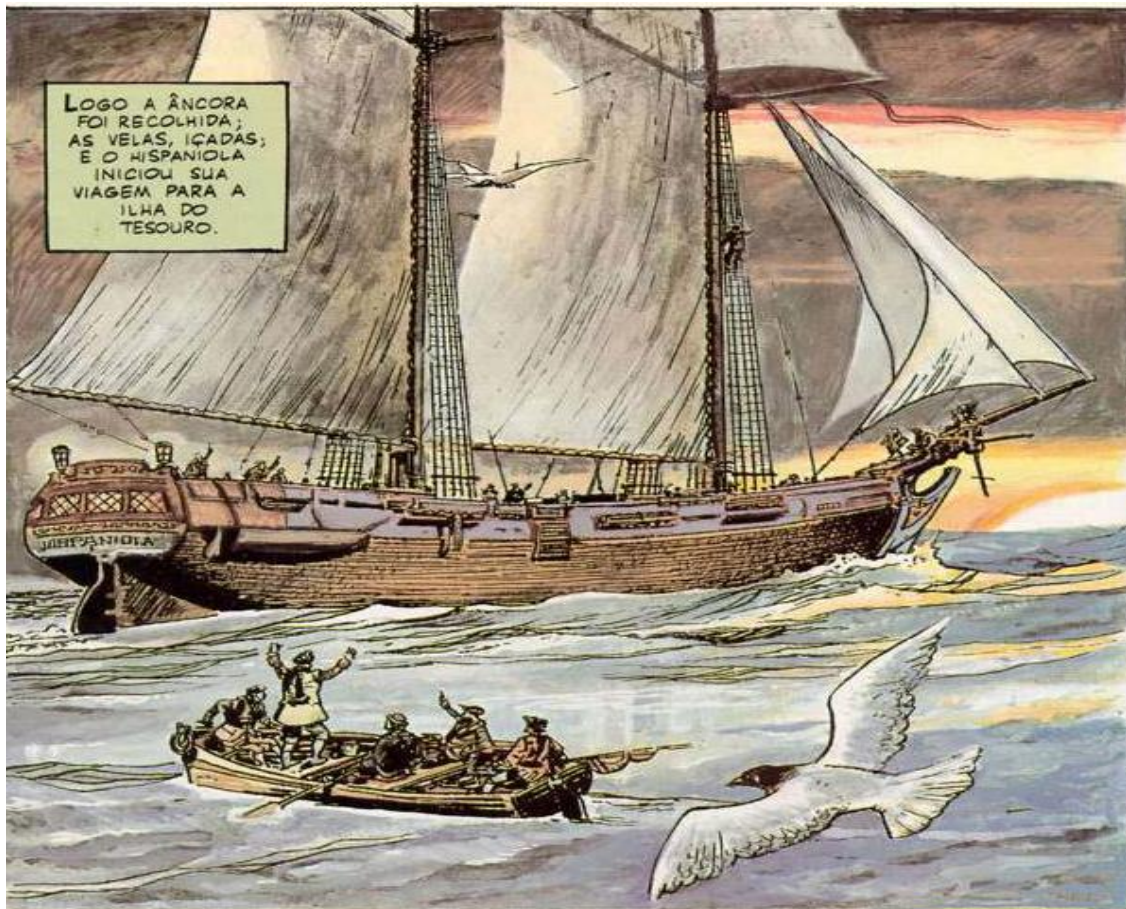
Na figura 4, Jim se sente ameaçado por um navegante desconhecido, de uma perna só. A personagem vilã é extraordinariamente maior que Jim e espantosamente medonha.

A *dimensão* pode ser vista e sentida pelo olho humano, pois apresenta, na largura e no comprimento, a imagem bidimensional; no comprimento, largura e altura, a tridimensional.

Nas diversas formas de se criar imagem, a *dimensão* é produzida por meio de alguns artifícios utilizados para a elaboração da *perspectiva* (aproximação da imagem criada com a real), como a alternância de sombra e luz, claro e escuro, entre outros recursos (DONDIS, 2003)

A seguir, um exemplo de dimensão aliada à perspectiva, quando Jim começa sua grande aventura, em um navio, rumo à Ilha do Tesouro. Notam-se três níveis do espaço: uma visão acima da gaivota, de onde se vê um pequeno barco em que os tripulantes se despedem dos que estão no navio. Nota-se ainda, ao longe, mais uma gaivota, as velas içadas e um homem subindo ao topo de um dos mastros. Mais ao longe, o mar aberto, o céu e sol despontando no horizonte. Um momento da narrativa que suscita história em quadrinhos de aventura, com cores que destacam o amanhecer (tempo). A posição da embarcação sugere partida (movimento).

Figura 18 -- Dimensão e perspectiva



Fonte: Boyette (1991, p. 23)

O *movimento*, apesar de fazer parte da vida do ser humano e de suas experiências visuais, é subentendido quando reproduzido em uma imagem, pois o olho humano entende, por movimento, tanto grandes quanto pequenas alterações na imagem. Essas alterações podem representar mudança de cenários, fuga, ação das personagens, como também sutilmente indicar a reflexão da personagem, um olhar diferente ao anterior, entre muitas outras interpretações e inferências.

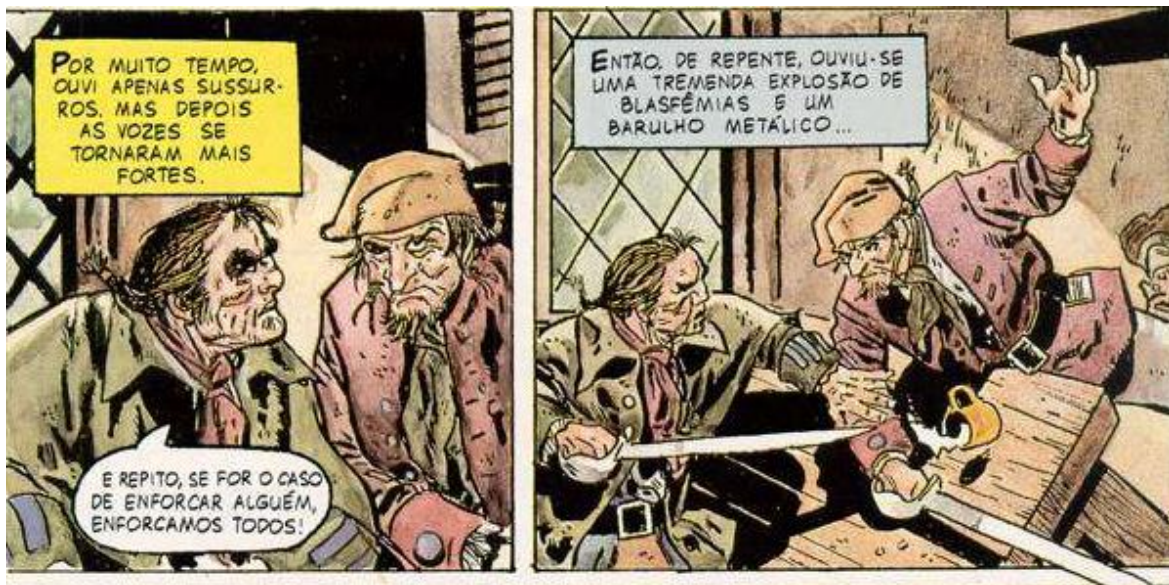
Quando se observa com atenção a figura 19, percebe-se que o capitão está muito exaltado com a presença de Black Dog e o assunto da conversa. Em seguida, começa a perseguição, o quadrinho seguinte.

Na figura 20, Black Dog corre, enquanto o capitão tenta feri-lo com uma espada. Nota-se, primeiramente, Billy Bones e Black Dog ainda dentro da estalagem. Black Dog vai à frente, correndo para a porta de saída, com uma espada na mão direita e a mão esquerda levantada, em sinal de defesa, e o capitão vem

logo atrás, furioso, com a espada para cima, e desferiu um golpe, mas não atinge o outro pirata.

No quadrinho seguinte, ainda na figura 20, Black Dog, fora da estalagem, foge rapidamente e a espada de Bones só não o acerta porque bate primeira na tabuleta da estalagem, acima da cabeça do capitão. Esse movimento da espada foi representado por linha cinética. A sequência confere a impressão de grande movimentação e de conflito, próprias dos quadrinhos de aventura.

Figura 19 -- Movimento marcado pela briga e pela corrida



Fonte: Boyette (1991, p. 8)

Figura 20 -- Perseguição e o uso da linha cinética



Fonte: Boyette (1991, p. 8)

Dessa forma, compreender o processo pelo qual a leitura de quadrinhos acontece, começando por entender o próprio ato de ler, traz, para o leitor, a segurança do abrangente e, ao mesmo tempo, do peculiar, ao se respeitar as especificidades da obra em quadrinhos que se pretende ler.

1.1 A NARRATIVIDADE DOS QUADRINHOS

Muito se fala sobre a contribuição da leitura dos clássicos para a formação cidadã das pessoas e que o "compromisso entre a literatura e a cidadania reveste-se de traços ideológicos" (PROENÇA FILHO, 2007, p. 16). O texto literário reflete o mundo a partir da visão do leitor e, ao mesmo tempo, apresenta novos reflexos do universo humano.

O texto literário repercute em nós, na condição de leitores ou ouvintes, na medida em que revele traços profundos do nosso psiquismo, coincidentes com o que em nós se abrigue como seres sociais. O artista da palavra, co-partícipe de nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que no texto se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural (PROENÇA FILHO, 2007, p. 17).

Fala-se também sobre a necessidade de se reler uma obra, às vezes, mais de uma vez, porque dá ao leitor maior proximidade com as diversas possibilidades que um livro traz. Calvino (1993, p. 12) acredita que, mesmo que se tenha ouvido falar sobre os clássicos, ao serem lidos "mais se revelam novos, inesperados, inéditos".

E quando se trata do meio escolar, é relevante o trabalho do professor como mediador entre a leitura dos clássicos e o aluno, para que ele possa conhecê-los e, depois, fazer suas próprias escolhas. Calvino (1993, p. 13) ressalta ainda que

a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus" clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola.

Quando a leitura dos clássicos é em quadrinhos, o aluno tem ali a oportunidade de conhecer uma boa história, que encanta gerações, em uma visão adequada às especificidades de um hipergênero. Barroso (2013, p. 13) afirma que "os pontos em comum" entre quadrinhos e literatura são muitos, pois a história em quadrinhos contém "uma imensa gama de simbologia, ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática" e por suas particularidades. Afirma também que os quadrinhos possibilitam a coautoria do leitor, potencializando, nos

quadrinhos, o que já existe nas obras, por exemplo, de Machado de Assis, que lançam “hipóteses, dúvidas, premissas”, como “estratégia de comunicação entre leitor e autor”.

Além disso, a leitura em quadrinhos torna-se uma atividade muito mais divertida e desafiadora quando os alunos percebem que os desenhos representam coisas e pessoas, mas não são elas. Isso porque "chamamos de figuras: imagens criadas para se assemelharem a seus temas." (McCLOUD, 1995, p. 27) e a imaginação do leitor vai, à medida que o autor-artista permite, preenchendo os espaços deixados.

Vergueiro (2014) cita alguns motivos importantes que justificam o trabalho com histórias em quadrinhos nas escolas como recurso didático. Primeiramente defende a popularidade dos quadrinhos, pois são conhecidos, há décadas, pelos jovens. Isso facilitaria a abordagem de vários assuntos por meio deles.

Em segundo lugar, há uma identificação entre muitas das personagens dessas narrativas e os estudantes. O terceiro motivo é que há uma maior compreensão do conteúdo ensinado, quando se juntam a palavra escrita com a imagem, contribuindo para maior entendimento por parte do aluno.

Em quarto lugar, os temas tratados nos quadrinhos podem ser explorados em diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, no caso de *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette, a Geografia, explorando localização, leitura de mapas, coordenadas geográficas; Língua Portuguesa, os recursos utilizados para a comunicação, como os termos próprios da navegação marítima, a própria narrativa, a pontuação; as artes, reconhecendo as especificidade de recursos como as imagens, as cores e os balões, entre tantas outras áreas do conhecimento e outras formas de análise.

O quinto motivo é que a leitura dos quadrinhos oportuniza ao aluno a chance de conhecer outras maneiras de se comunicar, por meio da linguagem gráfica, o que pode garantir maior expressividade e, conseqüentemente, socialização, assim como motiva outros tipos de leitura e incentiva o hábito de ler.

O sexto motivo, tão importante quantos os outros quatro, é que, por abordarem diversos temas, introduzem, de forma quase que imperceptível pelo leitor, novas palavras, ampliando, assim, o vocabulário. Além disso, desenvolvem a criatividade do leitor, pois os quadrinhos possibilitam que ele preencha, em sua mente, fatos que foram omitidos pelo quadrinista, por optar por outros mais significativos.

É bom saber que uma obra literária, quando adaptada para quadrinhos, contém muitas "vozes e individualidades" que "dialogam no texto adaptado", pois há o trabalho de "roteiristas, desenhistas, coloristas etc." (PINA, 2014, p. 29). Nesse sentido, o aluno passa a compreender a riqueza que há nas especificidades dessas adaptações e que as tornam obras independentes.

Pina (2014, p. 32) ressalta ainda que as adaptações de obras literárias "não deixam as obras-fonte serem esquecidas". Há, nesse momento, uma valorização maior da obra literária, pois se a adaptação não deixa que esqueçam a obra que a inspirou, é porque não há, então, na adaptação, a consumação de uma nova obra, tão importante quanto à obra-fonte e diferente, em suas especificidades. Ou seja, despreza-se que seja uma nova e única obra e, portanto, com a mesma relevância da adaptada.

Pensando assim, Pina desconsidera que a adaptação tem um novo e particular olhar, o do adaptador. Hutcheon (2013, p. 30), ao contrário de Pina, acredita que "a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária", entendendo, dessa forma, como uma nova obra.

Mc Cloud (1995), Ramos (2009), Vergueiro (2014) e Zeni (2007), também acreditam que a adaptação não é a cópia de uma obra, e sim uma outra obra e, portanto, uma não anula a outra.

Cabe ao professor, segundo Zeni (2007, p. 228), ao trabalhar uma adaptação, para os quadrinhos, de uma obra literária, fazer "uma leitura eficiente da adaptação". É importante reconhecer, conforme o autor informa, que há a necessidade de se explorar os elementos da narrativa, reconhecendo-a como a sequência de acontecimentos que constituem a obra em si. Quanto aos elementos, há o enredo: que "é a maneira particular com que uma obra conta a história." (ZENI, 2007, p. 231)

Nota-se no exemplo a seguir que, para iniciar a narrativa, Boyette (1991) optou por começar com narrador protagonista escrevendo suas memórias, deixando claro, ao leitor, que a história que seria contada pertencia a seu passado. O presente e o passado são destacados nesse quadrinho, quando há a figura de um homem de meia idade, Jim Hawkins, em um lugar escuro, provavelmente um quarto, à luz de velas, começando seus registros, a partir de sua memória. Junto a essa imagem, à esquerda, logo abaixo da escrivaninha, há duas moedas de ouro. As moedas estão no balão recordatório e representam o ouro que será procurado; acima da cabeça da personagem e por todo lado direito, o passado aparece com a imagem de quando o

capitão Billy Bones apareceu na estalagem de seu pai, trazendo consigo o perigo e a aventura que Jim viveria nos dias seguintes.

Figura 21 -- Recordações



Fonte: Boyette (1991, p. 04)

A trama são "os acontecimentos, em linhas gerais, de uma obra." (ZENI, 2007, p. 232). Nos excertos a seguir, Jim conta os principais acontecimentos da viagem à ilha misteriosa, em busca do tesouro. Há certa tranquilidade em boa parte da viagem, exceto quando ele conta sobre a insatisfação do capitão em relação ao imediato e, em seguida, o desaparecimento do senhor Arrow. Chama a atenção o fato de o menino relatar que o sumiço do imediato não sensibilizou muito a nenhum dos que estavam ali, ao mesmo tempo que os quadinhos mostram o mar turbulento e duas mãos empurrando Arrow, demonstrando certa cumplicidade dele na evidente execução do ébrio.

Figura 22 -- Um beberrão



Fonte: Boyette (1991, p. 24)

Figura 23 -- Imediato ao mar



Fonte: Boyette (1991, p. 24)

Jim Hawkins, narrador e protagonista da história em quadrinhos, demonstra, no início, certa fragilidade, inocência e temor. Nos quadrinhos utilizados como exemplo, ele está sempre acompanhado pela mãe, que o auxilia e se solidariza com a dor dele, quando vê o capitão Billy Bones morto. Além disso, há uma grande cumplicidade entre os dois quando resolvem mexer nas coisas de Bones a fim de receber o pagamento que lhes era devido. No entanto, achando-se no direito, Jim

pega a algibeira de oleado, sem saber do que se tratava, mas como estava muito bem guardada, considerou ser algo valioso.

Figura 24 -- A morte de Bones e o mistério contido em seus pertences



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Figura 25 -- Recebimento da dívida



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Dondis (2003, p. 64), a fim de mostrar a importância da cor, diz que ela “está impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum”.

Analisando um pouco mais sobre os sentidos que as cores dão à obra em quadrinhos, Dondis (2003, p. 64) destaca que “a cor tem maiores afinidades com as emoções” e, muitas vezes, serve “como estímulos comuns a todos”, como o verde

lembrar as matas; o azul, o céu; o amarelo, o ouro; o vermelho, sangue, paixão, sensualidade, guerra, dependendo da cultura ou da significação que cada pessoa atribui a ela.

No caso da obra analisada, com base no princípio de que as cores já possuem sentidos cristalizados de acordo com as associações e simbologias determinadas culturalmente (DONDIS, 2003), e explorando os sentidos despertados pela narrativa presente nos quadrinhos, percebe-se, na primeira parte, o predomínio do preto, do marrom e do vermelho, criando uma atmosfera de medo, suspense, perigo.

Na segunda parte, com as cores ao fundo: Jim está no navio até a chegada à ilha e há o predomínio do azul, indicando certa tranquilidade. Em um momento importante da narrativa surge o preto representando a noite e dialogando com o motim que seria planejado em seguida.

Na terceira e última parte: na ilha, o verde, o preto, o vermelho e o azul colaboram com a aventura, indicando traição, perigo e morte, que são mostrados na sequência dos quadrinhos. É interessante observar também que as legendas mudam de cor, conforme os acontecimentos e se harmonizam com os quadrinhos, em tons menos vibrantes, mais foscos.

Parte I

Figura 26 -- A morte do capitão e a arca misteriosa



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Parte II

Figura 27 -- Tranquilidade



Fonte: Boyette (1991, p. 25)

Parte III

Figura 28 -- Traição



Fonte: Boyette (1991, p.30)

É importante saber também que imagem e texto escrito podem se relacionar, mas sempre há a necessidade de entender "as variações" entre eles, sob o ponto de vista "sintático, semântico e pragmático". (SANTAELLA, 2012, p. 162)

Nos quadrinhos, observa-se uma relação sintática de contiguidade, pois imagem e texto em palavras mediam-se. Há também a relação semântica, na qual imagem não só representa o texto escrito, mas também o completa. Por fim, a

relação pragmática, pois o leitor, ao observar cada quadro, compreende a obra em sua totalidade: imagem e texto escrito.

Seguem-se exemplos tirados do material em estudo.

a) Relação sintática de contiguidade -

o leitor terá de acompanhar as ações e os balões, a fim de entender a sequência da narrativa.

Figura 29 -- A contiguidade



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

b) Relação semântica - o leitor terá de fazer a ponte entre o que está na imagem: mãe e filho olhando o Capitão morto, e o sentimento de preocupação e de perigo mencionado pelo narrador-protagonista, além da tristeza evidente.

Figura 30 -- Mãe e filho tristes



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Relação pragmática -- o leitor necessita ter um conhecimento maior sobre leitura de imagem, para compreender a totalidade da narrativa em quadrinhos. Assim, ficará mais fácil, por exemplo, perceber que há a conversa entre dois piratas, portanto, perigosos. No entanto, a malícia e a maldade são acentuadas no rosto da personagem Long John Silver. É possível reconhecê-la pela focalização do rosto dele, com sorriso maquiavélico, antes de atacar o outro pelas costas, demonstrando, além da maldade, covardia.

Figura 31 -- Sorriso malicioso da personagem Silver



Fonte: Boyette (1991, p. 30)

Figura 32 -- O ataque



Fonte: Boyette (1991, p. 3)

Desta forma, a narrativa dos quadrinhos é composta por esses importantes elementos citados que a conduzem e dão sentido à história em quadrinhos. Reconhecê-los é imprescindível para a compreensão da história em quadrinhos.

1.2 AS ESPECIFICIDADES DOS QUADRINHOS

A história da história em quadrinhos remete à época das pinturas rupestres, nas paredes das cavernas, feitas pelos homens primitivos, com o objetivo de contar como faziam para sobreviver em condições tão inóspitas e conseguir alimento (EISNER, 2005)

Depois, por meio de imagens, as histórias passaram a ser contadas por vários povos, em diferentes épocas, como os egípcios, com os hieróglifos; kanji, da Dinastia de Han; “os relevos das colunas de Trajano”; e em muitos outros lugares, como vitrais de igrejas, “tapeçarias”, até, mais recentemente, em “ilustrações de livros e jornais do século XIX” (CAGNIN, 1975, p. 19).

O século XIX trouxe, para a arte sequencial, uma grande evolução, a partir de nomes como Jean-Jacques Pellerin, com a publicação de "gravuras com uma arte sequencial conduzida através de quadros regulares e legendas", William Heath, trazendo os quadros "sem espaço em branco entre eles", Rodolphe Töpffer, que utilizava "quadros com moldura e espaço em branco entre eles para separar as cenas", Neuruppiner Bilderbogen, Wilhelm Busch e Ângelo Agostini. (SILVA, 2010)

Os quadrinhos de humor passaram a ser uma nova forma de entretenimento, publicados, em sua maioria, em revista inglesas. Surge, então, a revista *Punch* que, com o tempo, introduz fatos do dia a dia e traz, também, uma análise de julgamento sobre esses acontecimentos. (SILVA, 2010)

Nos Estados Unidos, o imigrante inglês Frank Leslie publica em "diversos jornais ilustrados influentes, como a *The Gazette of Fashion* e em 1855 o *Frank Leslie's Illustrated Newspaper*, o *Leslie's Weekly*." (SILVA, 2010, p. 32)

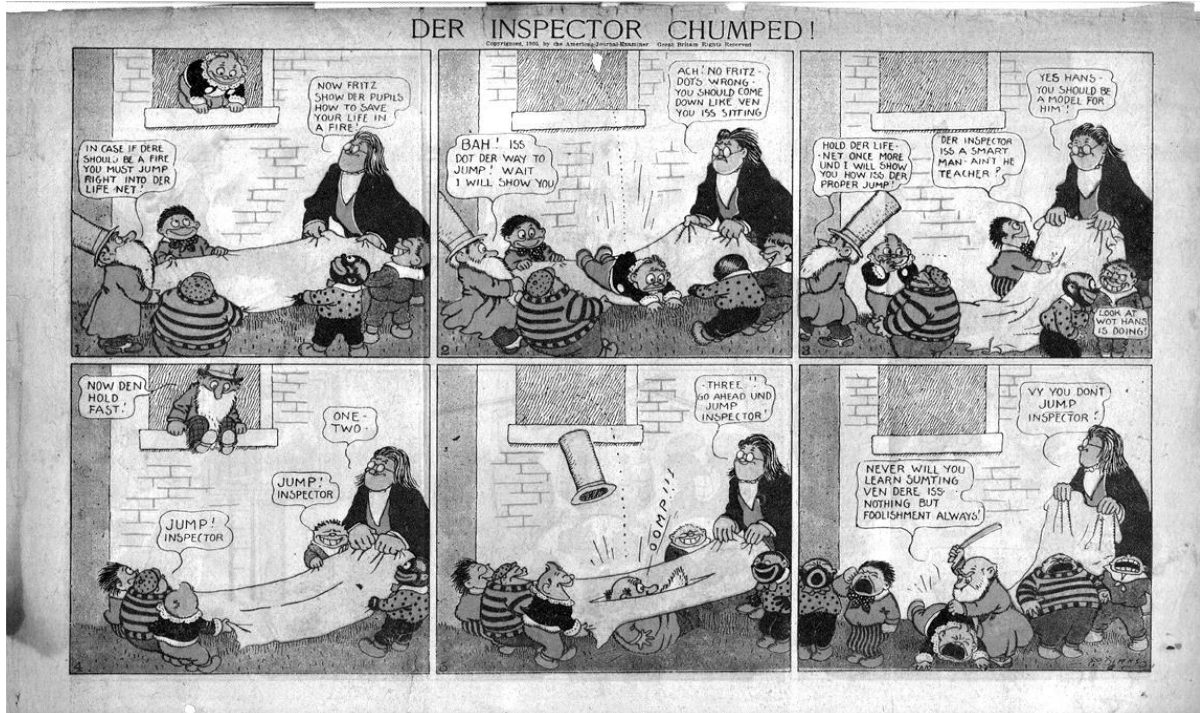
Dessa forma, ao saírem das revistas e passarem a fazer parte dos suplementos dominicais dos jornais *New York World* e *New York Journal*, os quadrinhos foram desenvolvidos, aos poucos, até chegarem ao modelo de hoje.

Com a disputa pelo maior número de tiragens, Hearst, dono do jornal *New York Journal*, contrata Richard Outcault, que já trabalhava no jornal *New York World*, e é ele o responsável pela tira “Yellow Kid”, publicada, pela primeira vez, em 1896, no suplemento dominical. Harry Greening cria, em seguida e com apenas cinco episódios, *The Tinkle Brothers*. (SILVA, 2010, p. 36)

Tempos depois, Rudolph Dirks criaria “Katzenjammer Kids”. No exemplo a seguir, nota-se já a construção de quadrinhos muito parecidos com os atuais.

Os quadrinhos mostram uma simulação de incêndio. Um dos meninos rasga o pano que iria segurar o inspetor, quando pulasse da janela. Ele passa pelo pano e vai ao chão. Levanta-se e bate em todos os meninos que estavam ali.

Figura 33 -- Estruturação de quadrinhos: Katzenjammer Kids (RUDOLPH DIRKS, 1903)



Fonte: Silva (2010, p. 50). Transcrição com tradução livre da figura 33²

² **Inspetor:** in case if there should be a fire you must jump right into her life net . (Em caso de incêndio, pule na rede) / **Professor:** now fritz show der pupils how to save your life in fire (Agora, Fritz, mostre aos nossos alunos como salvar suas vidas do fogo. / **Inspetor:** Bah! Iss dot der way to jump! Wait I will show you (Bah! Isso não é maneira de saltar. Espere, eu mostrarei a você.) / **Professor:** Ach! No Fritz, dont's wrong. You should come down like ven you iss sitting (Não, Fritz, você está errado. Você deveria descer como se estivesse sentado. / **Inspetor:** Hold der life. Net once more und I will show you how iss der proper jump (Vou lhe mostrar como saltar) / **Hans:** Der inspector is a smart man. Aint he teacher? (O inspetor é um homem inteligente. Não é, professor?) / **Professor:** Yes, Hans. You should be a model for him (Sim, Hans. Você deveria ser um exemplo para ele.) / **Aluno:** Look at wot Hans is doing. (Olhe o que o Hans está fazendo) / **Inspetor:** Now den hold fast (Agora segurem) / **Alunos:** Jump Inspector (Pule, Inspetor!) / **Professor:** One...two...(Um...dois...) / **Professor:** Three. Go ahead und jump, Inspector (Três. Vá em frente e pule, Inspetor!) / **Inspetor:** Never will you learn sunting ven der is nothing but foolishment always. (Você nunca aprenderá nada) / **Professor:** vy you dont jump inspector (Você não pula, Inspetor?)

Sabe-se que, na publicação dos quadrinhos de humor, no Brasil do século XIX, havia o revezamento entre "duas páginas com texto e duas com ilustrações". Com o passar do tempo e a "inclusão do texto no meio da imagem", há uma maior integração entre eles (SILVA, 2010, p. 82).

A partir da segunda metade do século XIX, Ângelo Agostini se destaca com publicações semanais, em arte sequencial, para Revista Ilustrada.

No início do século XX, surge a revista Tico-tico, com quadrinhos, charges e muitos outros passatempos, durante quase seis décadas. Surgem, nesse período, grandes nomes como J. Carlos, K. Lixto, Storni, Max Yantok, Luiz Sá e Nino Borges. A partir da década de 1930, houve "uma concentração maior de material relacionado aos quadrinhos, as tiras, inicialmente no *Suplemento Infantil / Suplemento Juvenil*". Destaca-se, nesse período, Carlos Thiré (SILVA, 2010, p. 84).

A década de 1950 tornou-se muito importante para os quadrinhos brasileiros porque, "com os problemas que as editoras de quadrinhos americanas sofreram, as revistas nacionais passaram a publicar material nacional". Destacam-se, nesse período, os autores: Cortez, Shimamoto e Colin (SILVA, 2010, p. 85).

A seguir, são apresentados alguns exemplos de publicações da época, com autores e conteúdo brasileiro, inclusive, anúncio, em que os quadrinhos também se destacaram e fizeram grande sucesso.

O *fantasma do Barba Azul* foi uma publicação famosa, dos anos de 1959. O excerto escolhido mostra o carteiro indo entregar uma carta de Paris na mansão abandonada do Barba Azul, morto há séculos. Antes, porém, tem o balão recordatório, no qual o narrador conta, em poucas palavras, o que aconteceu e sugere o ressurgimento do vilão.

Figura 34 -- Brasil: O fantasma do Barba Azul (SHIMAMOTO, 1959)³



Fonte: Silva (2010, p.85)

³Transcrição: 1º quadrinho: Nos arredores de Paris, uma sinistra mansão em ruínas abriga personagem terrível: o Barba Azul. Segundo a lenda, muitos séculos antes, o Barba Azul foi morto quando estava na iminência de assassinar a sua sétima esposa. Assim morreu antes de executar o seu sétimo desejo macabro. Teria ele voltado para completar a sua obra e assim poder dormir em paz o seu sono eterno? 2º quadrinho: Curioso... Pela primeira vez em minha vida de carteiro tenho algo a entregar neste endereço! É uma carta de Paris! 3º quadrinho: Sempre pensei que ninguém mais viesse morar aqui, desde que o barão morreu degolado... Ah, um aviso aqui no portão! Aviso: Atire a correspondência para dentro e desapareça.

É muito interessante a história em quadrinhos, de 1956, usada para divulgação do creme dental Eucalol, que mostra a luta diária da mãe para fazer com que o filho escove os dentes. Aqui os quadrinhos são usados tanto com finalidade pedagógica quanto como marketing para a venda do creme dental Eucalol.

Figura 35 -- Anúncio no álbum gigante número 26, contracapa, 1956⁴



Fonte: Silva (2010, p.85)

A segunda metade do século XX é marcada pelo surgimento de nomes importantíssimos como Henfil, Maurício de Sousa, Jô Oliveira, Deodato Filho, Watson Portela e Mozart Couto. Nessa época, perceberam "a necessidade de se publicar no exterior para entrar e trabalhar na área de quadrinhos". (SILVA, 2010, p. 86)

⁴ 1º quadrinho -- O menino é teimoso e desafia a mãe. A mãe chega a dar umas palmadas nele. O narrador diz: Menino teimoso e ruim. Menino mau, foi sempre assim. 2º quadrinho – O pai chega e fica assustado com o que vê. O menino teima e a mãe tenta fazê-lo ir ao dentista à força. O narrador comenta: Por mais que a mamãe insista, tem mais medo do dentista. 3º quadrinho – Os amigos caçoam dele pela falta de dente. Narrador: O seu sorriso revela horrível falta de um dente. 4º quadrinho – Há uma festa de aniversário com várias crianças em volta do bolo. O menino, porém, está sentado em uma cadeira, afastado delas, com forte dor de dente. O narrador comenta: Ele chorava porque com doce o dente doía. 5º quadrinho – O menino está na cama, com a região da boca inchada, sendo cuidado pela mãe. Ele diz: Água, gelo, ai de mim! Essa dor não tem mais fim! O queixo deste tamanho! Dói mais que quando apanho! Há um balão recordatório que diz: Agora enfim, que virtude! Fez-se amigo do dentista. Usa Eucalol e coquistou um sorriso de saúde! 6º quadrinho – No final, menino, creme dental personificado e o dentista se abraçam felizes. Após os quadrinhos, o desenho do creme dental e o slogan: *O sorriso de saúde é um sorriso Eucalol. E ressalta: À base de eucalipto.*

Outro fato importante, acontecido nesse período, foi que a partir de 1970, narrativas sequenciais começaram a fazer parte dos livros didáticos brasileiros, “elaboradas por artistas consagrados” (SANTOS; VERGUEIRO, 2012, p. 83)

A partir do início do século XXI, aparecem novas propostas em quadrinhos, no Brasil, como *Mosh e Jukebox*, com impressões sofisticadas, porém com formato popular (SILVA, 2010).

Há também, a partir de 2006, a inclusão dos quadrinhos na lista do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997, pautado “prioritariamente na distribuição de livros literários” (RAMOS; VERGUEIRO, 2009, p. 12).

Mas como reconhecer histórias em quadrinhos, apesar de não haver consenso?

Segundo Ramos (2009, p. 17), os quadrinhos “gozam de uma linguagem autônoma, que usam mecanismos próprios para representar as narrativas”.

Os elementos verbais podem estar contidos em balões, que representam emoções e formas de se dizer alguma coisa ou de se marcar um pensamento, e o recordatório, utilizado, às vezes, pelo narrador, para garantir o entendimento da narrativa. Os balões “podem adquirir diversos formatos, cada um com uma carga semântica e expressiva diferente” (RAMOS, 2009, p. 36).

Há ainda as onomatopeias, que, segundo Ramos (2009, p. 78), são criadas de acordo com a criatividade do artista, da maneira que ele quiser, pois dependerá dos sons que ele desejará representar por meio de palavras. Muitos outros recursos são usados, como os recursos gráficos, que definem a disposição e desenho das letras, além das metáforas visuais utilizadas para representar fisionomia, sentimentos como dor, alegria, entre outros.

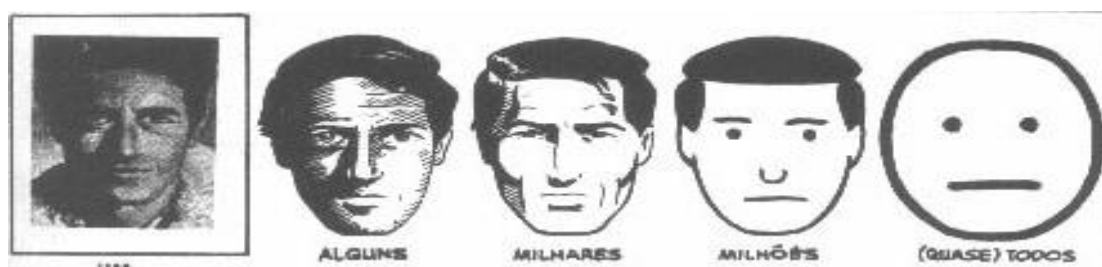
É interessante ressaltar também que histórias em quadrinhos e cinema são artes que se aproximam em suas especificidades, quando analisadas sob os aspectos visual e sequencial, diferenciando-se basicamente em sequência temporal, “projetada no mesmo espaço - tela”. Quando se analisa, por exemplo, uma animação, e sequência espacial, a projeção acontece em espaços diferentes (requadros) e, “antes de ser projetado, o filme é só um gibi muito, muito, muito lento!” (Mc CLOUD, 1995, p. 8)

No entanto, para entendê-las melhor, é necessário conhecer os principais elementos na construção dessas histórias.

Primeiramente, é importante saber que, apesar das histórias em quadrinhos dialogarem com outras linguagens, como a da poesia, da música, da pintura, da fotografia, da caricatura, do cinema, do teatro e da narrativa, possuem sua própria linguagem, seu próprio modo de ser, de se apresentar e de serem lidas e compreendidas, como muito bem ilustra Ramos (2009).

Quanto às especificidades das histórias em quadrinhos, segundo Mc Cloud (1995), o ser humano constrói representações de si mesmo e quanto mais simples forem essas representações, maior será a abrangência de sentidos.

Figura 36 -- Representação da face humana



Fonte: Mc Cloud (1995, p. 30)

O mais interessante, segundo o próprio Mc Cloud (1995, p.42), é que as paisagens, os cenários são mais realistas, pois não representam as pessoas. Quanto às personagens, são apresentadas de maneira mais icônica, “de forma simples e básica”, porque parecem “espelhar” cada uma das pessoas que está lendo aquele quadrinho, e não uma pessoa desconhecida, além do “fascínio” que as pessoas têm “por desenhos animados” e a associação que fazem com a infância. As personagens mais realistas são assim produzidas para que haja um distanciamento entre o leitor e elas, pois representam um ser único, pela riqueza de detalhes.

Na leitura em quadrinhos tudo acontece quase que ao mesmo tempo. Sendo assim, o *timing* acontece quando tempo e espaço se fundem. No entanto, para um trabalho didaticamente melhor explicado/compreendido, há a necessidade de observar esses fenômenos separadamente.

Ao se construir os quadrinhos sabe-se, por exemplo, que são necessárias cinco escolhas: a do momento, mostrando qual parte da história está sendo retratada naquele ponto; a do enquadramento, em que se divide esse momento em requadros; a das imagens, em que se faz a escolha de quais desenhos representarão o fato; a das palavras, que faz parte do roteiro da linguagem verbal; a

do fluxo, a forma como os requadros serão disponibilizados na página (McCLOUD, 2008). A leitura fluirá ou não, dependendo das escolhas que foram feitas para compor a história em quadrinhos.

As narrativas, de modo geral, apresentam o tempo em que os fatos acontecem. As produzidas por imagens também possuem tempo. No entanto, há uma particularidade do tempo nos quadrinhos: o *timing*, que, segundo Eisner (1989), é um prolongamento da ação, tendo como objetivo “realçar a emoção”.

Pode-se ver, nos exemplos, que as ações acontecem na sequência dos quadrinhos quando o pirata cego Pew entra no quarto de Bones e, de forma ameaçadora, entrega a mancha negra.

Tempo

Figura 37 -- Principais ações marcando o tempo



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

Ao receber a mancha negra, que significava grave ameaça, os quadrinhos que se seguem mostram que o capitão sofre um ataque fulminante do coração

Figura 38 -- O tempo



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

Devido ao ataque, a cena da queda se perpetua, como se fosse em câmera lenta.

Figura 39 -- Timing: prolongamento da ação



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

Nesse momento acontece o *timing*, para destacar a emoção do momento, prolongada nas figuras 39 e 40.

Figura 40 -- Timing: final do prolongamento da ação



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

O tempo pode ser inferido pelo número de requadros em sequência e pelo tamanho deles, conferindo ritmo e marcação temporal. Quanto mais juntos forem, “o tempo será comprimido, “ao contrário da ação que ocorre nos quadrinhos maiores, mais convencionais.” (EISNER, 1989, p. 30)).

Além disso, segundo Cagnin (1975, p.55-57), o tempo pode ser sequencial, ilustrado pelo antes e pelo depois; histórico, retratado pelos costumes, roupas utilizadas pelas personagens, cenário; “astronômico”, marcado pelo dia e pela noite; “meteorológico”, marcado pelos fenômenos que representam o inverno, o verão, o outono e a primavera, como chuva, neve, árvores floridas, praia, sol, bem como as roupas das personagens; “o tempo da narrativa” é construído na sequência dos requadros; “o tempo de leitura”, em relação a cada requadro: futuro, antes da leitura; presente, durante a leitura; passado, após a leitura.

Há ainda as elipses, que marcam o “vazio” que se lê, indicando a continuidade ou não das ações. O leitor, nesse momento, tem um papel fundamental, pois busca também, em seu repertório, o conhecimento para completar as lacunas deixadas por esse recurso. A seguir, um exemplo de uma cena e outra, um quadrinho e outro, em que podemos supor que o menino e o pirata cego caminharam rapidamente até o outro pirata, sendo que aquele se aproximou deste de forma ameaçadora.

Figura 41 -- A inferência: leitura do "vazio"



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

O espaço, outro importante elemento dos quadrinhos, é construído a partir do que o roteiro indica, com quadrinhos que “possibilitam a percepção de uma série de elementos, como distância, proporção, volume.” (RAMOS, 2009, p. 136). Essa percepção, que é visual, mostra a proximidade ou o distanciamento da personagem e dos objetos que estão inseridos no espaço, em diferentes planos e ângulos, como se fosse uma filmadora ou uma máquina fotográfica, permitindo diferentes perspectivas.

O plano é usado em cada quadrinho para dar o enquadramento necessário para a continuidade da narrativa e a produção de sentido, para o leitor. O ângulo, por sua vez, dependendo da intenção do autor, posiciona o olhar do leitor, em relação a cada um dos quadrinhos.

Quanto aos planos, Acevedo (1990), Ramos (2009), com base em Cagnin (1975) indicam vários tipos.

a) Geral ou panorâmico – engloba cenário e personagem.

Figura 42 -- Jim e a mãe fogem da estalagem



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Jim e a mãe fogem da estalagem, durante a noite, na iminência da chegada dos piratas. Nota-se que filho e mãe estão representados com o mesmo destaque do espaço.

b) Total ou de conjunto – aumenta a visualização da personagem.

Figura 43 -- Personagens em foco



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Na fuga, a mãe de Jim passa mal e desmaia. Por ser um momento delicado e importante, Boyette, desta vez, dá um destaque maior às personagens do que ao espaço que elas ocupam.

c) Americano – do joelho para cima.

Figura 44 -- Jim próximo ao barril de maçãs quase vazio



Fonte: Boyette (1991, p. 25)

Nesse momento, Jim sente fome e se aproxima do barril de maçãs para pegá-las. Essa aproximação foi marcada dos joelhos para cima, a fim de destacar que as maçãs estavam mais ao fundo do barril. Nota-se isso pela posição da mão direita dele em busca das maçãs, pois ela some dentro do barril, e porque a borda do barril e abaixo dela há um espaço vazio.

d) Médio ou aproximado – aparece, ainda de forma sutil, a expressão facial.

Figura 45 -- Expressão facial sutil



Fonte: Boyette (1991, p. 27)

Boyette, com a intenção de demonstrar que Jim cochichava e que seria um momento de sigilo, aproximou a imagem dele e do doutor ao plano médio.

e) Primeiro plano – as expressões faciais são destacadas.

Figura 46 -- Silver sorrindo com ironia



Fonte: Boyette (1991, p. 27)

Boyette (1991) utilizou o primeiro plano, a fim de que ficasse claro, pela expressão facial de Long Jonh Silver, a malícia das palavras.

f) *Close-up* – detalha rostos ou objetos.

Figura 47 -- Olhos surpresos



Fonte: Boyette (1991, p. 33)

Clouse up foi utilizado para mostrar os olhos de espanto de Ben Gunn, durante o momento das lembranças.

g) Em perspectiva – soma de diferentes planos.

Figura 48 -- Silver saltando a paliçada



Fonte: Boyette (1991, p. 35)

Nota-se, nesse plano em perspectiva, que há diferentes fatos representados: ao fundo, a mata e a fortificação. No terreno da fortificação, o capitão e um marujo.

Percebe-se, sem dificuldade, pulando a cerca, com a ajuda dos outros piratas, o pirata Silver, com a bandeira do armistício.

Ramos (2009), com base em Acevedo (1990), também enumera três possibilidades de ângulos a partir dos quais a imagem é construída, observando a posição das personagens e objetos em relação ao olhar do leitor. A seguir, os exemplos.

- a) De visão médio – mostra o quadrinho à altura dos olhos.

Figura 49 -- Conflito



Fonte: Boyette (1991, p. 36)

O ângulo utilizado foi o de visão médio para que o leitor pudesse ver o conflito à altura dos olhos e perceber que o capitão e seus aliados conseguem expulsar os piratas.

b) De visão superior (*plongê* ou picado) – uma abordagem de cima para baixo.

Figura 50 -- Piratas tombados



Fonte: Boyette (1991, p. 37)

No quadrinho anterior foi utilizado o ângulo de visão superior para mostrar a superioridade do capitão e sua equipe diante dos piratas, que na cena aparecem mortos.

c) De visão inferior (*contra plongê* ou *contra picado*) – uma abordagem de baixo para cima.

Figura 51 -- Jim em posição de ataque



Fonte: Boyette (1991, p. 40)

O uso de visão inferior mostra a inferioridade do pirata diante de Jim, que do alto, estava mais protegido e o tinha em sua mira.

O balão é um recurso poderoso porque representa falas e pensamentos das personagens, além de indicar diversas situações, de acordo com a forma e a cor. É lido frequentemente da esquerda para direita e de cima para baixo. O “letreiramento” contido no balão imprime a personalidade do quadrinista e da personagem. Os recursos utilizados nas letras, como o negrito, o itálico, o tipo da fonte, tamanho e disposição dentro do balão “ampliam o nível sonoro e a dimensão da personagem em si. (EISNER,1989, p. 27)

Os balões possuem várias formas, para as mais diversas finalidades. No entanto, basicamente são compostos de corpo e rabicho: aquele, abrigando o texto verbalizado e/ou imagens; este, apresentando a personagem que “fala”.

Alguns balões comumente utilizados, segundo Ramos (2009, p.37-39, apud CAGNIN, 1975, p. 120-124) são:

- a) Balão-fala – contorno com traçado contínuo.

Figura 52 -- A proposta do pirata



Fonte: Boyette (1991, p. 42)

b) Balão-pensamento – balão ondulado e apêndice em forma de bolinhas. Nota-se que, para o registro do pensamento, o balão tem apêndice de bolinha.

Figura 53 -- Registrando as baixas



Fonte: Boyette (1991, p. 34)

c) Balão-berro – pode ser formado por um traçado ondulado, representando grito. Há o traçado mais escuro e "quebrado".

Figura 54 -- Bones grita o nome do inimigo



Fonte: Boyette (1991, p. 07)

Quando se trata de imagem e som, a televisão e o cinema trazem criativas possibilidades, mas e quanto aos quadrinhos? Como representar os sons por meio do visual?

Os sons e seus efeitos são representados pelas palavras, as chamadas onomatopeias. Segundo McCloud (2008, p. 147), podem ser da seguinte forma:

- volume – indicado pelo “tamanho, espessura, inclinação” da palavra e pelo “ponto de exclamação” que a acompanha (McCLOUD, 2008, p. 147).

No exemplo, fonte em negrito e o ponto de exclamação marcam o volume, ou seja, a personagem, espantando, falou alto o nome do outro.

Figura 55 -- O grito de Bones



Fonte: Boyette (1991, p. 07)

Figura 56 -- Black Dog!



Fonte: Boyette (1991, p. 07)

- timbre – a forma como a palavra é desenhada, imprime “qualidade do som, sua aspereza, ondulação, agudeza, imprecisão”. (McCLOUD, 2008, p. 147)

A fonte utilizada para a fala do papagaio é ondulada, representando a estridência do som da fala do animal.

Figura 57 -- Jim e Silver



Fonte: Boyette, (1991, p. 25)

- associação – “estilos e formas de fonte que designam ou imitam a fonte do som.” (McCLOUD, 2008, p. 147)

Na figura seguinte, o formato da fonte representando, por estar na vertical, o impacto da explosão. Nota-se o formato arredondado de uma bala de canhão.

Figura 58 -- Tiro de canhão



Fonte: Boyette (1991, p. 34)

- integração gráfica – “puras considerações de forma, linha e cor”, em que “o efeito se mescla com a imagem.” Percebe-se no quadro a seguir, indicações de gritos de dor, onomatopeia sugerindo o som do tiro, as armas utilizadas e os piratas sendo abatidos (McCLOUD, 2008, p. 147).

Figura 59 -- Combate

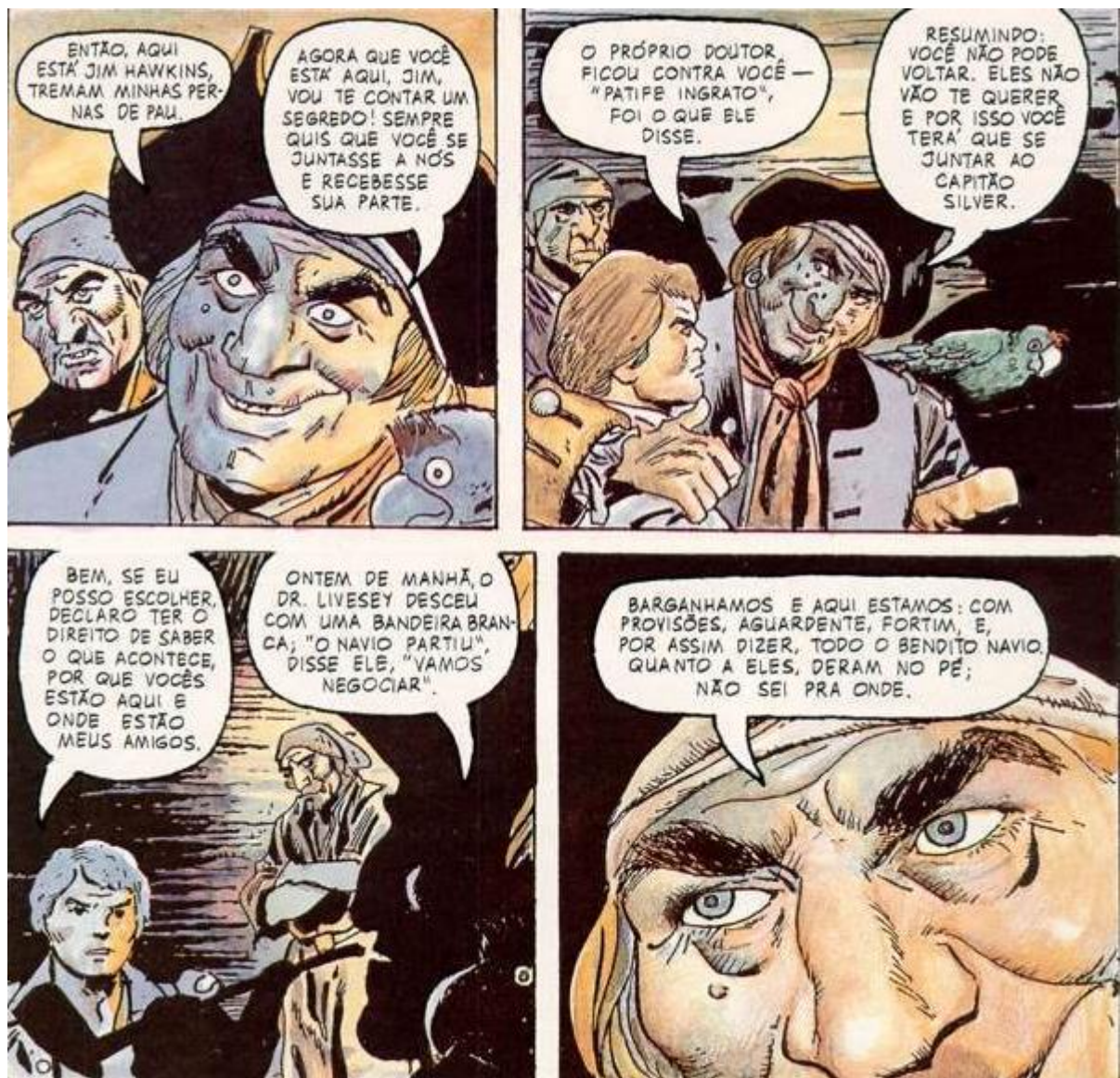


Fonte: Boyette (1991, p. 45)

Layout é a disposição escolhida pelo cartunista para dispor os requadros. Verifica-se aí uma disposição padrão chamada de contêiner. O contêiner apresenta o modo de ler os quadrinhos, como nos exemplos a seguir. (EISNER, 2005) O fluxo da leitura dependerá dessa disposição.

Observa-se o contêiner com quadrinhos menores à esquerda e maiores à direita, indicando, no exemplo, o destaque para as ações ardilosas do vilão.

Figura 60 -- Jim entre os piratas



Fonte: Boyette (1991, p. 42)

Conclui-se que, para que o leitor "entenda coisas como tempo implícito, espaço, movimento, som, emoções", nos quadrinhos, ele "não deve apenas se utilizar de reações viscerais mas também fazer uso de um acúmulo razoável de

experiências”. (EISNER, 2005, p. 53)

Além disso, ao reconhecer as especificidades dos quadrinhos, o leitor é capaz de construir sentidos e de aceitar os limites “da convenção da leitura” em uma “cooperação voluntária” dele com o cartunista. (EISNER, 1989, p. 40).

2 UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA COM QUADRINHOS

Minha experiência com leitura de imagens e de quadrinhos começou em abril de 2017. Quando me decidi trabalhar com quadrinhos, precisei estudar o universo das imagens, fazendo as leituras necessárias, analisando-as, compreendendo-as e, a partir desse estudo, preparar o material para alunos e professores.

Comecei separando livros teóricos sobre leitura de imagens. Conforme ia separando os primeiros livros, durante, pelo menos, uns seis meses, fiquei impressionada com a qualidade do conhecimento que estava adquirindo e o quanto eu precisava me preparar, pois minha leitura de imagens era muito intuitiva e, muitas vezes, equivocada e/ou incompleta. Percebi também que precisaria estudar sobre teóricos voltados às artes, como Dondis (2003) e Santaella (2012).

Organizei minhas leituras começando sobre a compreensão do potencial que as imagens têm para se comunicar, dialogar conosco. Foi aí que percebi, com maior clareza, o quanto elas estão inseridas em nosso dia a dia e o quanto é importante não sermos ingênuos ao observá-las e lê-las.

Sendo assim, eu como professora deveria levar esse conhecimento aos meus alunos, porque, além do mundo físico, em que a presença delas é constante, como em *outdoors*, placas de trânsito, livros, jornais e revistas, são potencialmente exploradas pelas mídias digitais/eletrônicas, como televisores, computadores e celulares, muito utilizados por eles.

Depois, veio a vez de compreender os sentidos que as imagens dão às histórias em quadrinhos e, mais uma vez me surpreendi, pois, quando trabalhava com quadrinhos, explorava superficialmente suas especificidades, no máximo, recursos como as onomatopeias e os balões. Compreender que são, na verdade, a junção de várias linguagens, como a fotográfica e a cinematográfica, formando uma nova arte, foi uma surpresa para mim.

Explorei o conhecimento de teóricos voltados à leitura das especificidades dos quadrinhos e à inserção deles no ensino como Cagnin (1975/2014), Eisner (1989/2005), Mc Cloud (1995/2008), Ramos (2009), Santos (2001/2012), Silva (2010) e Vergueiro (2009/2014).

Minhas leituras ainda se estenderam a assuntos como leitura, leitura literária e das cores, que ajudaram a alicerçar meus conhecimentos sobre leitura de imagens

e de quadrinhos, além de me assessorarem na construção do material didático destinado a alunos e professores.

Apesar de trabalhar 40 horas em escola pública e ter três dias da semana totalmente tomados pelas tarefas exigidas pela profissão de professora de Língua Portuguesa, fiz minhas leituras e escrevi meu trabalho sempre com a orientação da professora Sonia Pascolati.

Devo confessar que muitas vezes pensei que não conseguiria terminar o trabalho, pela falta de tempo, pois minha forma de estudar é metódica e, por isso, necessita de tempo para digerir o conhecimento e, depois, organizá-lo. No entanto, fui superando meu principal desafio, a falta de tempo, e cá estou terminando meu mestrado.

Após escrever toda parte sobre a fundamentação teórica, fui para a produção do material que seria destinado aos alunos e que serviria de contribuição para o trabalho de outros professores.

Foram meses de leitura, escrita e reescrita até que, em maio de 2018, passei pela qualificação e recebi das professoras Sonia Pascolati, Maria Isabel Borges e Maria Carolina de Godoy orientações de como deveria conduzir meu trabalho, para que pudesse alcançar, junto aos meus alunos, uma leitura de histórias em quadrinhos mais atenta e eficaz, observando suas especificidades.

Eu me equivoquei ao elaborar atividades baseadas em animações, pois tinha previsto passá-las aos alunos, com o objetivo de compará-las aos quadrinhos. As professoras pediram que eu focasse na leitura das especificidades da imagem e da história em quadrinhos.

Seguindo as recomendações, foi o que fiz. As atividades propõem uma reflexão sobre cores, planos, ângulos, onomatopeias, balões, entre outras especificidades, junto com a narrativa presente na história em quadrinhos de aventura analisada.

Ao construir o material para os alunos, elaborei caixas de texto direcionadas ao professor, com a finalidade de levar, até ele, o conhecimento sobre as especificidades da arte sequencial e apresentar sugestões de como trabalhá-lo.

Também foram momentos de leitura, escrita e reescrita, até que consegui finalizá-lo, para que pudesse aplicá-lo. Já estávamos em meados de 2018 e precisava passar pelo Conselho de Ética. O trabalho retornou duas vezes, para que

eu acrescentasse informações e fizesse pequenas correções, por isso, o atraso na aplicação foi inevitável, o que muito me angustiou.

Escolhi trabalhar com vinte e cinco alunos que formavam a turma do 7º ano *b*, integral, e tinham entre 11 e 12 anos, apesar de ainda ter como escolha os do 7º *a* ou *c*. Eu escolhi o 7º *b* por terem como perfil geral a criatividade, a carência emocional e a alegria. Além disso, gostavam muito de aulas dinâmicas e de assuntos próximos aos interesses deles.

Para não perder tempo ou oportunidade, passei a motivá-los, após a qualificação, dizendo que em breve trabalharíamos um assunto que eu acreditava ser divertido e que traria novos e importantes conhecimentos. Eles sempre faziam perguntas sobre o que veríamos a seguir, durante o tempo em que fiquei reescrevendo o material e que esperei a liberação do Comitê de Ética.

Nesse período, no decorrer do curso de capacitação, depois do recesso de julho, expus o trabalho ao diretor, professor Sebastião Sérgio Fabrício, à diretora auxiliar, pedagoga Lilian Ruiz Borin e a todos os professores presentes. Meu trabalho foi muito bem recebido e acolhido por todos, o que me motivou ainda mais.

Finalmente em novembro de 2018, pude aplicar o meu trabalho junto aos meus alunos. A escola escolhida foi o Colégio Estadual Rui Barbosa, de Jandaia do Sul, núcleo de Apucarana, localizado à rua Clementino S. Puppi, 1125, no centro da cidade.

É um colégio de porte médio, tendo 665 (seiscentos e sessenta e cinco) alunos matriculados em 2018, ano em que completou 70 anos de existência em prol da Educação.

A aplicação do projeto foi dividida em cinco etapas, conforme os passos propostos por Thiollent (1986, p.16- 75), pois a pesquisa-ação "consiste em resolver ou, pelo menos, esclarecer os problemas da situação observada".

Para garantir o anonimato dos alunos, serão chamados por Sujeito 1, 2, e assim sucessivamente, conforme a necessidade de expor e analisar o resultado das aplicação das atividades. Além disso, os responsáveis estavam cientes sobre o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, permitindo a participação dos alunos.

Além das atividades, o material conta, como já explicado, com dicas e informações para os professores sobre o quê e como trabalhar com história em quadrinhos de aventura, pois foi projetado também para eles.

O objetivo maior das atividades apresentadas aos vinte e cinco alunos, com os quais trabalhei, foi o de formar leitores capazes de compreender satisfatoriamente, esse e outros gêneros multimodais que se utilizam de imagens, tão presentes no dia a dia desses alunos.

O período de aplicação ocorreu às quartas-feiras (à tarde), quintas-feiras (pela manhã) e sextas-feiras (à tarde), sempre em aulas geminadas, nos dias 1º, 7, 8, 9, 14, 28, 29, 30 de novembro, sendo a semana dos dias 21, 22 e 23 destinada à leitura da história em quadrinhos de aventura selecionada para análise. Os alunos fizeram a leitura em casa, pois a semana foi marcada por ensaios e apresentações em comemoração ao Dia da Consciência Negra. Em dezembro, utilizamos os dias 05, 06 e 07 para terminarmos a aplicação.

A apresentação da proposta de intervenção didática aos alunos foi muito importante, pois eu a utilizei para expor o novo projeto de leitura de quadrinhos, além de ter sido um momento de motivação e de apoio. (1º nov. 2018)

Os alunos demonstraram interesse pelo trabalho. Nesse momento, durante a minha conversa com eles, descobri que havia uma aluna que nunca tinha lido histórias em quadrinhos, apesar de saber da existência delas. Disse que gostaria muito de lê-las e de entender suas especificidades, conforme o que foi apresentado por mim, pois nunca havia percebido a importância de uma leitura mais atenta das imagens.

Ao continuar com a conversa, perguntei quem poderia trazer, para aula seguinte, as histórias em quadrinhos que tivesse em casa. Dos vinte e cinco alunos, três ergueram a mão. Comentaram que, apesar de já terem lido e gostado de quadrinhos, não costumam adquiri-los. Quando querem ler, emprestam de primos ou de colegas. Às vezes, emprestam quadrinhos da biblioteca pública municipal ou escolar. Cinco alunos disseram que, se quisessem, os pais lhes dariam dinheiro para a compra, mas que não achavam necessário gastá-lo com livros ou quadrinhos. Os demais disseram apenas não dispor de condições financeiras suficientes, mas se pudessem, comprariam.

Com a ajuda de colegas, contando com o material disponível na biblioteca escolar (apenas três quadrinhos de super-heróis), os que os três alunos trouxeram e meu próprio acervo, consegui reunir 45 histórias em quadrinhos.

Esse momento foi oportunizado com o de objetivo possibilitar o manuseio e a escolha, o que estimularia a leitura. Além disso, proporcionar uma leitura

despretensiosa e o levantamento de dados sobre o que sabiam sobre quadrinhos e se era comum a leitura dos mesmos. (07 nov. 2018)

À medida que iam descobrindo mais sobre as histórias, comentavam uns com os outros sobre do que gostaram e do que não gostaram do enredo, o que chamou a atenção em relação às personagens e ao espaço. Depois, combinavam as trocas, de acordo com a preferência.

Ao término das duas aulas, eles me pediram que oportunizasse pelo menos mais duas aulas, para que pudessem terminar as que tinham começado e fazer novas leituras.

Como notei o entusiasmo deles, resolvi ceder, pois percebi a importância daquele momento de descobertas e redescobertas, sem, contudo, deixar de observá-los e de fazer-lhes algumas perguntas, como por exemplo, se gostavam mais de aventura ou de quadrinhos de humor. A maioria dos alunos gostava mais de aventura, como as histórias em quadrinhos de super-heróis. Por isso, os três que tínhamos eram muito disputados.

Os gibis do Maurício de Sousa também eram muito concorridos. Segundo os alunos disseram, porque gostavam muito da Mônica e do Cascão. Os menos procurados eram os da Disney. Diziam entre eles que não eram tão engraçados ou empolgantes. (08 nov. 2018)

A proximidade dos quadrinhos com os desenhos animados foi percebida pela aluna que nunca tinha lido quadrinhos. Ela também percebeu o movimento que há neles, quando se observa quadrinho por quadrinho.

Perguntei aos outros alunos se também tinham observado isso nas histórias em quadrinhos. Apenas dois disseram que tinham feito essa analogia. Observaram que as ações aconteciam de um quadrinho para se completarem, muitas vezes, nos seguintes e que isso, para eles, era movimento.

Enquanto continuavam a leitura e os comentários entre eles, perguntei sobre a frequência com que liam quadrinhos, se sentiam algum tipo de dificuldade na leitura. Caso sentissem, que tipo de dificuldade seria.

Dos vinte e quatro que já conheciam as histórias em quadrinhos, somente sete liam quadrinhos com frequência. Desses sete, três são os que trouxeram quadrinhos para sala de aula. Disseram que conheceram histórias em quadrinhos, segundo conseguiam se recordar, a partir da alfabetização.

Perguntei por que os outros não liam com maior regularidade. A menina que nunca leu disse que nem em casa, ou em escolas anteriores a que estava estudando atualmente, tinha sido apresentada a eles, apesar de saber da existência deles, pois já tinha visto em bancas. Os demais disseram que não tinham dinheiro para comprá-los sempre que quisessem e que a saída era emprestar de alguém da família ou reler os poucos que estavam na biblioteca do colégio.

Apesar de ser uma biblioteca que contém mais livros didáticos do que literatura e histórias em quadrinhos, ainda assim, o acervo menor é de quadrinhos. Infelizmente, aquela ideia de ser apenas “uma leitura de lazer” e, portanto, pouco significativa, ainda perdura (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

Quanto à dificuldade, três alunos disseram sentir dificuldade em se concentrar na narração, por se distraírem com as imagens. Mesmo assim, ao final, como a maioria, segundo eles, também conseguiam entender a história, que apenas demoravam mais para concluir a leitura, porque ficavam fascinados com as imagens. Todos foram unânimes em dizer que o que mais observavam, o que mais lhes chamava a atenção eram as imagens coloridas.

Perguntei se achavam que as imagens coloridas eram o mais importante a ser observado. Disseram que era o que mais lhes atraía, mas que somente observar imagens coloridas não seria uma leitura completa. Perguntei por que não seria. A menina que nunca tinha lido quadrinhos antes, chamarei de Sujeito 1, disse que havia também palavras escritas que precisariam ser lidas e um menino voltou a falar sobre o movimento, dizendo que se ficassem observando apenas as imagens coloridas, não perceberiam o movimento das personagens, nem a mudança de um lugar para outro. Achei fantásticas essas observações.

Aproveitando que estávamos falando sobre cores, notei que relutavam em pegar gibis em preto e branco. Perguntei por quê. Foi unânime a resposta: “porque as cores deixam o desenho mais bonito”. Mesmo sem nem analisar o trabalho artístico dos gibis em preto e branco, acreditavam que os coloridos fossem mais bonitos. Percebi que, quando entrasse no assunto sobre cores, teríamos um debate interessante e, com certeza, a aula seria muito produtiva.

Perguntei se viam diferença entre as obras literárias e as obras em quadrinhos. Todos disseram, durante o debate, que, nas histórias em quadrinhos a narração acontece por meio das imagens, acompanhadas, quase sempre, pelo diálogo nos balões, enquanto que, nas obras literárias, a narração era por meio de

palavras e por vezes a fala era iniciada por travessão. Ficou evidente que reconheciam essas duas artes como artes distintas.

Quando eu falei que há livros de literatura ilustrados, eles disseram que ainda assim eram diferentes, pois as imagens representavam parte da narração e que, além disso, nunca tinham visto livros de literatura ilustrados e com balões. Quando eu disse que isso também era possível, disseram que até poderia, mas que ainda assim não teriam os “quadros” dos quadrinhos, pois se tivessem, então seriam histórias em quadrinhos, não livros de literatura. Foi um momento de reflexão, debate, como também muito divertido. Não deixaram dúvida alguma quanto ao reconhecimento das especificidades tanto do texto literário, quanto dos quadrinhos.

Por último, perguntei se conheciam algum cartunista brasileiro ou não. Quiseram saber o que significava essa palavra e eu expliquei que era a pessoa, o artista que elabora histórias em quadrinhos. Mesmo aqueles que liam, com certa frequência, quadrinhos, não haviam, ainda, pensado na possibilidade de ser um artista a pessoa envolvida nesse processo de criação.

Vários alunos citaram Maurício de Sousa como cartunista conhecido. Como não conheciam mais nenhum, fomos ao laboratório de informática e acessamos, nos onze computadores que ainda funcionavam, vários *sítes* relacionados às histórias em quadrinhos. Eles gostaram muito, pois, durante as visitas que fizeram, conheceram outros cartunistas famosos e *sítes* com ferramentas apropriadas para que o visitante pudesse criar seus próprios quadrinhos. Foi um momento oportunizado para inclusão e letramento digital. (09 nov. 2018)

Essa pesquisa foi muito importante porque começou a incluí-los no mundo dos quadrinhos, com seus artistas e suas histórias. Além disso, instigou-os a buscarem mais informações sobre o processo criativo, as ferramentas necessárias, os profissionais envolvidos. É importante que o professor tenha esse conhecimento previamente adquirido, para orientá-los no momento da pesquisa. É importante também um conhecimento prévio sobre o laboratório de informática: quantos computadores disponíveis, se há agendamento feito pelo colégio, alguém para ligar os aparelhos e ajudar a acessar os *sítes*, ou se será algo que o próprio professor terá de fazer.

Todos os alunos comentaram que desconheciam existir tanto material sobre quadrinhos na internet e alguns alunos disseram que iriam visitar, com mais tempo e em casa, os *sítes* que tinham acabado de conhecer.

As próximas duas aulas também foram de pesquisa no laboratório de informática, com o objetivo de que os alunos conhecessem sobre o surgimento, a motivação e a evolução das histórias em quadrinhos, perguntei sobre a origem dos mesmos. Ninguém ali sabia me responder. (14 nov. 2018)

Sugeri, logo depois, que fôssemos ao laboratório de informática e pesquisássemos sobre o surgimento dos primeiros quadrinhos; os principais representantes, os tipos de profissionais envolvidos, a ajuda da computação gráfica nos recentes quadrinhos; o uso ou não das cores; os quadrinhos no Brasil.

A pesquisa, assim como a anterior, foi feita em equipe, devido à falta de computadores correspondentes ao número de alunos. Durante a pesquisa, souberam compartilhar informações até com os alunos de outras equipes, debatiam o resultado das pesquisas, comentando que não imaginavam que tudo começou com os desenhos, nas cavernas. Gostaram muito do *Yellow Kid* e alguns até procuraram traduzir, com a ajuda do tradutor *on line* e de dicionários, algumas legendas.

Eu me surpreendi ao saber que, apesar de conhecerem *O menino maluquinho*, ignoravam Ziraldo como um dos grandes quadrinistas brasileiros. Pela pesquisa, conheceram desde o primeiro autor de quadrinhos e toda a sua história, até os criadores dos super-heróis, comentando e fazendo paralelo com os quadrinhos e filmes recém-lançados no cinema, daí a importância de outras mídias para a aproximação do leitor com o universo das histórias em quadrinhos.

Percebi que sentiam grande motivação em estar ali pesquisando e debatendo com os colegas sobre tudo o que encontraram.

Precisei pausar o trabalho com quadrinhos, durante uma semana, devido aos ensaios e às apresentações do Dia da Consciência Negra. No entanto, além de uma pausa necessária, mudando o foco para os ensaios e apresentações, pude também introduzir a obra em quadrinhos *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette. Com a obra em quadrinhos em mão, entregue a eles no início da semana, os alunos tiveram o tempo necessário para fazer a leitura, em casa. (21, 22 e 23 nov. 2018)

Ao retornarmos os estudos sobre quadrinhos, a fim de comprovar se realmente tinham lido a obra, foi oportunizado um debate. Comentaram que gostaram muito da aventura em quadrinhos, especialmente por se passar com um adolescente. Destacaram, durante todo o debate, a coragem do protagonista Jim Hawkins: ainda muito jovem ter participado de uma aventura tão perigosa. Alguns

disseram que acreditavam que a mãe, ao contrário da mãe da personagem, jamais permitiria isso. (28 nov. 2018)

Ao se “enxergarem” na obra, como o adolescente protagonista Jim Hawkins, reforçam a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1994, p. 50), quando diz que

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte da expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.

Comentaram que não gostaram do principal vilão, o pirata Long John Silver, por ser, muitas vezes, enganador e cruel, apesar de o considerarem inteligente. Além disso, consideraram o trabalho artístico de Pat Boyette muito bonito e próximo à qualidade dos desenhos animados de aventura, a que assistem pela televisão. Acharam que a história segue as tradicionais histórias de aventura, pois, no final, “o mocinho sempre acaba bem”.

Com tantos comentários específicos sobre a obra, vi que tinham, de fato, lido a obra em quadrinhos.

Durante o debate, foi inevitável a comparação da história em quadrinhos com as histórias de pirataria do cinema, em especial, Piratas do Caribe⁵. Todos ali, sem exceção, haviam assistido, pelo menos, a um dos filmes da saga. Destacaram algumas semelhanças entre o pirata Jack Sparrow e o pirata Long John Silver, como a malícia, a conversa fácil, a busca pelo tesouro. Em relação à série, muitas são as características semelhantes às da aventura em quadrinhos. De um modo geral, mapas misteriosos, lugares perigosos, traições, as viagens marítimas a lugares desconhecidos, a bandeira da caveira, indicando ser um navio pirata, o vocabulário próprio da pirataria.

Esse momento foi bastante divertido para todos, pois um sempre queria acrescentar um detalhe ou relembrar algum momento da história que o colega não havia percebido.

Depois, entreguei algumas questões para serem respondidas, relacionadas a ambientação da história; personagens mais importantes; biografia do quadrinista;

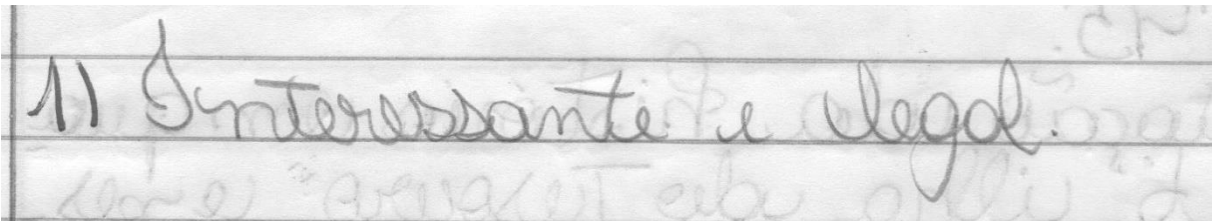
⁵ Saga sobre pirataria inspirada na atração dos parques da Disney, Pirates of the Caribbean.

alguns fatos importantes da narração. Foram necessárias três aulas para o debate, a resolução das atividades propostas e a exposição das respostas, concluindo no dia vinte e nove de novembro.

O resultado dessas atividades foi bastante satisfatório. As respostas vieram de maneira segura e pude concluir, agora de forma sistematizada, que realmente tinham compreendido tanto a história em quadrinhos, quanto as atividades propostas. Seguem alguns exemplos com a transcrição das respostas, para melhor entendimento:

- 1) O que achou da história em quadrinhos que você acabou de ler?

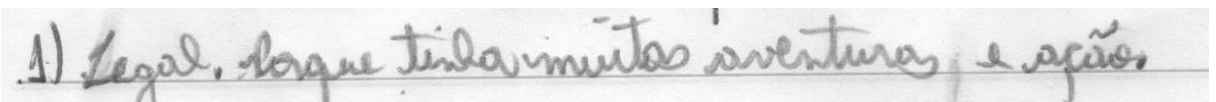
Figura 61 - Opinião 1



Fonte: Sujeito 1

Transcrição: Sujeito 1: 1) Interessante e legal.

Figura 62 -- Opinião 2



Fonte: Sujeito 2

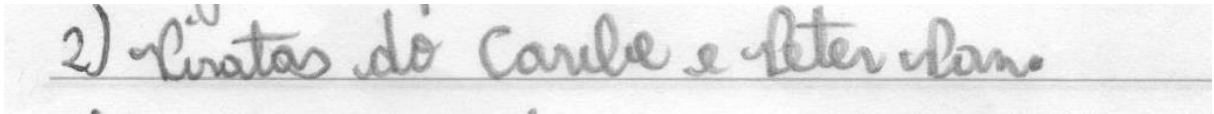
Transcrição: Sujeito 2: 1) Legal, porque tinha muitas aventuras e ação.

Os alunos, de uma forma geral, responderam como o primeiro exemplo. Isso porque consideraram que já tivessem dito tudo o que pensavam sobre ela durante o debate.

O segundo exemplo trouxe uma resposta mais voltada à reflexão, quando destaca a aventura e a ação como características da obra.

- 2) Conhece outras histórias sobre pirataria?

Figura 63 -- Histórias sobre pirataria



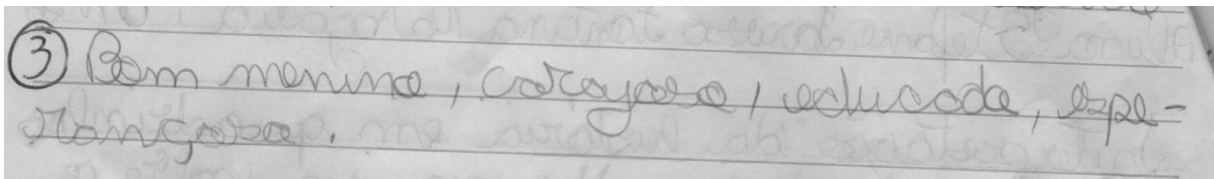
Fonte: Sujeito 2

Transcrição: Sujeito 2: 2) Piratas do Caribe e Peter Pan.

A maioria citou, como já dissemos, anteriormente, Piratas do Caribe, o que vem confirmar que as artes, em geral, dialogam entre si. Somente essa resposta trouxe, também, Peter Pan. Um dos alunos que formaram a dupla, para realizar as atividades tem um histórico de leitura razoável, em relação aos demais da sala. E o estilo preferido é o de aventura.

3) Jim é um adolescente vivendo uma grande aventura. Que qualidades você destaca nessa personagem?

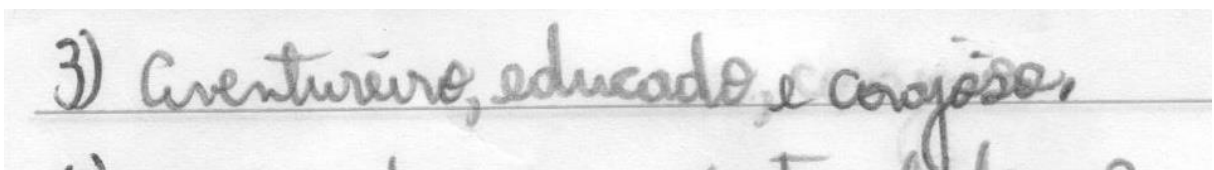
Figura 64 -- Qualidades de Jim



Fonte: Sujeito 3

Transcrição: Sujeito 3: 3) Bom menino, corajoso, educado, esperançoso.

Figura 65 -- Qualidades de Jim 2



Fonte: Sujeito 4

Transcrição: Sujeito 4: 3) Aventureiro, educado e corajoso.

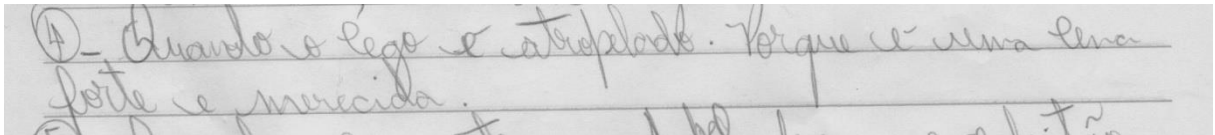
Como as respostas foram semelhantes, apresento duas delas. Aqui eles respondem de forma sucinta, uma característica da turma: expressam-se muito oralmente, mas, ao escrever, se restringem a respostas mais diretas. Acredito que uma reformulação na pergunta, que se apresenta formulada de forma direta, pudesse incentivá-los a responder de forma mais analítica. Por exemplo:

3) Jim é um adolescente vivendo uma grande aventura. Que qualidades você destaca nessa personagem? Comente como chegou a essas qualidades do protagonista, o que observou.

4) De qual momento da narração você mais gostou? Por quê?

Os momentos mais citados foram o do cego sendo atropelado e quando Jim engana os piratas, ao aportar na ilha do tesouro, pois consideraram, no primeiro momento, que o pirata mereceu o castigo e, no segundo, que Jim demonstrou muita esperteza.

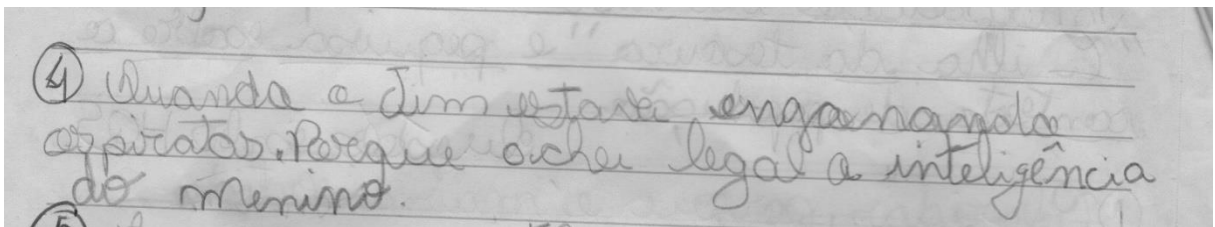
Figura 66 -- Narrativa 1



Fonte: Sujeito 5

Transcrição: Sujeito 5: 4) Quando o cego é atropelado. Porque é uma cena forte e merecida.

Figura 67 -- Narrativa 2



Fonte: Sujeito 6

Transcrição: Sujeito 6: 4) Quando o Jim estava enganando os piratas. Porque achei legal a inteligência do menino.

5) Olhando os quadrinhos, qual deles mais lhe chamou a atenção? Por quê?

A maioria dos alunos disse que gostou de todos eles, porque cada um trazia a continuação da história com novidades. Dois alunos, porém, destacaram seu quadrinho preferido. Um deles chamou o pirata John Long Silver de capitão e esse equívoco foi resolvido durante a exposição das respostas. Porém, ele se esqueceu de arrumar.

Figura 68 -- Pirata cego

Fonte: Sujeito 7

Transcrição: Sujeito 7: 5) Quando o cego entrega o papel para o capitão. E a ansiedade do capitão o levou à morte.

Pew, o pirata cego, apesar da participação passageira, no começo da narrativa, impressionou aos alunos pela crueldade.

Figura 69 -- O pirata sem uma perna

Fonte: Sujeito 8

Transcrição: Sujeito 8: 5- Quando o capitão sem perna aparece

Outro pirata que também impressionou aos alunos foi Long Jonh Silver. Personagem importante, pois foi o antagonista da narrativa e por representar o estereótipo de pirata, quando cruel e violento, ao mesmo tempo em que ganha a simpatia do leitor ao demonstrar afeição e proteger o jovem protagonista. Interessante que na resposta o aluno prefere colocar o número, ao invés de escrevê-lo, como forma de economia, na escrita.

Ressalto a importância da interação entre o professor e seus alunos, no momento da correção, pois, dessa forma, os próprios alunos conseguem compreender em que resposta se equivocaram e como deveria ser, tornando a aula mais atraente e as correções menos constrangedoras e mais voltados ao aprendizado tanto individual quanto coletivo.

As aulas seguintes foram destinadas às explicações sobre as especificidades da linguagem das histórias em quadrinhos: uso e importância das onomatopeias e dos diferentes balões que podemos utilizar. (29 nov. 2018)

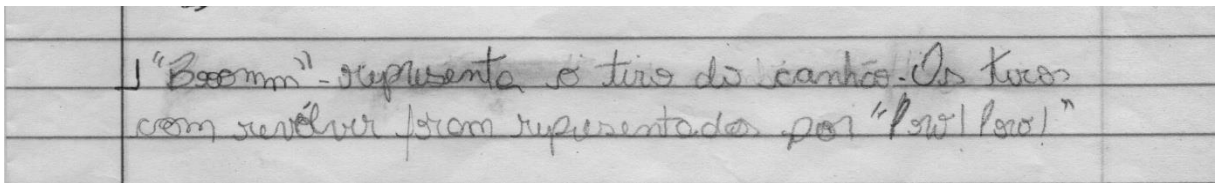
Eles não se lembravam das onomatopeias, mas ao começar a falar sobre e a pedir que localizassem na história em quadrinhos de aventura *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette, conseguiram identificar e dizer a importância delas no desenrolar dos fatos.

Quanto aos balões, observaram os que estavam presentes na obra e fomos juntos identificando a finalidade de cada um deles.

Fiquei muito satisfeita com os resultados, pois não apresentaram dificuldade em reconhecer a importância das onomatopeias e dos balões nos quadrinhos. Os exercícios estão na quarta etapa das atividades, páginas 129, 130 e 131.

Os alunos destacaram as onomatopeias e disseram o que representavam, de acordo com o que se pediu. No entanto, a questão poderia ter abordado, também, o sentido provocado por elas, ou seja, o perigo ali representado para a vida de Jim Hawkins, para que eles pudessem compreender a função delas na narrativa.

Figura 70 -- Bala de canhão

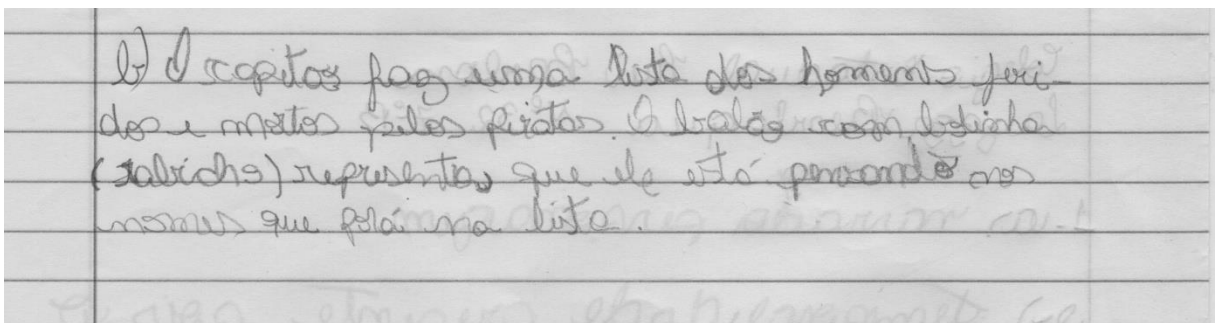


Fonte: Sujeito 9

Transcrição: Sujeito 9: 1 "Boomm" – representa o tiro do canhão. Os tiros com revólver foram representados por "Pow! Pow!".

No que diz respeito aos balões, os alunos não tiveram dificuldade em compreender seu uso nos quadrinhos selecionados. *Rabicho* foi um conhecimento adquirido durante as aulas, pois desconheciam esse termo, o que me surpreendeu, pois já haviam visto sobre balões em outros anos.

Figura 71 -- Pensamento

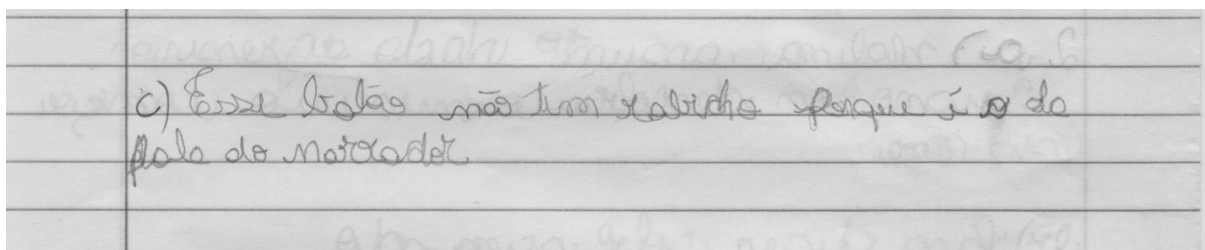


Fonte: Sujeito 10

Transcrição: Sujeito 10: b) O capitão faz uma lista dos homens feridos e mortos pelos piratas. O balão com bolinha (rabicho) representa que ele está pensando nos nomes que porá na lista.

O Sujeito 10 compreende a diferença dos balões quando os difere pela forma, um com rabicho e o outro sem. Entende o uso ao observar que o pensamento é expresso por um balão com rabicho em forma de bolinhas e que a fala do narrador dispensa rabichos. E isso interfere na história em quadrinho de aventura quando o narrador é também protagonista, pois prevalece o seu modo de ver em relação a todos os acontecimentos e demais personagens. Por isso, ele se distancia dos demais, por meio do balão recordatório, para dar seu parecer em relação aos perigos enfrentados, ao lugar e tempo em que acontecem os fatos e à ação e reação de todas as personagens.

Figura 72 -- A fala do narrador



Fonte: Sujeito 10

Transcrição: Sujeito 10: c) Esse balão não tem rabicho porque é o da fala do narrador.

Após as atividades sobre balões e onomatopeias, começaram as atividades sobre cores, em que, naquele momento, voltariam aos quadrinhos e às explicações dadas sobre o assunto, nos dias anteriores. (30 nov. 2018)

Foram selecionados quadrinhos para análise, salientando alguns fatos, desde o início da aventura até a chegada à ilha. Os alunos destacaram que as cores mais vibrantes e escuras, como o vermelho, o preto, o laranja, o azul e o verde foram usadas em momentos de importantes decisões, como a saída de Jim e a mãe, às pressas, da estalagem, fugindo dos terríveis piratas que se aproximavam dali, ou de grande perigo, como no momento em que o menino se torna prisioneiro dos piratas, na ilha do tesouro, próximo ao desfecho. Perceberam que as cores pastéis foram utilizadas em momentos de maior tranquilidade, como quando já estavam em alto mar e que as cores não fazem parte da obra em quadrinhos aleatoriamente, pois o artista tem sempre uma intenção, que, por sua vez, está amparada na narrativa.

Ao final das explicações e das observações feitas pelo grupo, os alunos realizaram atividade relacionada às cores e demonstraram compreensão do que foi ensinado.

Como ainda sobravam mais de vinte minutos de aula, comecei a explicar sobre os tipos de planos e ângulos, no espaço proposto pelos quadrinhos, sempre me utilizando de *A ilha do tesouro*. Eles ficaram impressionados como, nesse momento, os recursos da linguagem fotográfica e do cinema são empregados nos quadrinhos, assim como já tinham comentado em relação ao movimento, gestos, expressões e mesmo à cor. Compreenderam, nesse momento, por que histórias em quadrinhos são compostas de elementos que lembram outros gêneros, como o filme, a animação e a fotografia.

Foram poucos minutos, mas que serviram para introduzir o assunto que, de certa forma, não é fácil nem mesmo para o professor. Somente com muita pesquisa e muito estudo é que se pode ter o domínio suficiente para explicar e exemplificar, utilizando a obra em quadrinhos lida.

No tocante às cores, o objetivo das atividades foi verificar a aprendizagem sobre a importância delas para a formação de sentidos, quais emoções despertam, o que podem comunicar.

Perguntei, no início das atividades realizadas oralmente, quando os alunos entraram em contato com várias histórias em quadrinhos, se gostavam mais de quadrinhos de várias cores ou somente em preto e branco. Depois de termos conhecido as intenções do uso das cores, resolvi perguntar novamente, para que respondessem por escrito, a fim de observar se tinham mudado de opinião.

A resposta dada pela maioria continuou a ser que gostava mais dos quadrinhos coloridos, mas apareceram algumas justificativas interessantes. Além disso, surgiram duas respostas diferentes e com uma reflexão distinta das demais.

Os sujeitos 11 e 12, ao justificarem o gosto pelos quadrinhos em preto e branco, destacam o uso da imaginação do leitor para a escolha dessas duas cores. É interessante essa justificativa em um mundo artístico e midiático onde o uso de muitas cores é sempre ressaltado: cinema, animação, pintura, entre outras artes.

Figura 73 -- Preto e branco

1. Preto e branco. Porque eu posso imagi-
nar do meu jeito

Fonte: Sujeito 11

Transcrição: Sujeito 11: 1. Preto e branco. Porque eu posso imaginar do meu jeito.

Figura 74 -- Tanto faz

1- Os dois, em preto e branco você pode imaginar
como seria, já colorida você pode ver claramente
o que acontece em cada quadrinho.

Fonte: Sujeito 12

Transcrição: Sujeito 12: 1- Os dois, em preto e branco você pode imaginar como seria, já colorida você pode ver claramente o que acontece em cada quadrinho.

Os alunos consideram, nas respostas abaixo, que quadinhos coloridos dão maior clareza à história, às personagens, além de serem mais divertidos. Essa é a opinião de quase todos os alunos, comprovando o quanto a cor atrai.

Figura 75 -- Destaque da cor

1. Coloridas. Porque é melhor para ver o lugar em
que os personagens estão e como são.

Fonte: Sujeito 13

Transcrição: Sujeito 13: 1) Coloridas. Porque é melhor para ver o lugar em que as personagens estão e como são.

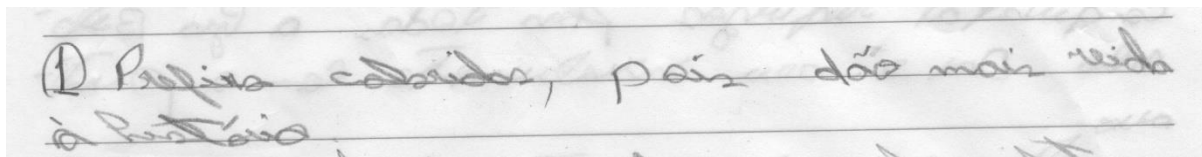
Figura 76 -- A cor diverte

1) Coloridas, porque são mais divertidas.

Fonte: Sujeito 14

Transcrição: Sujeito 14: 1) Coloridas, porque são mais divertidos.

Figura 77 -- Cor é vida

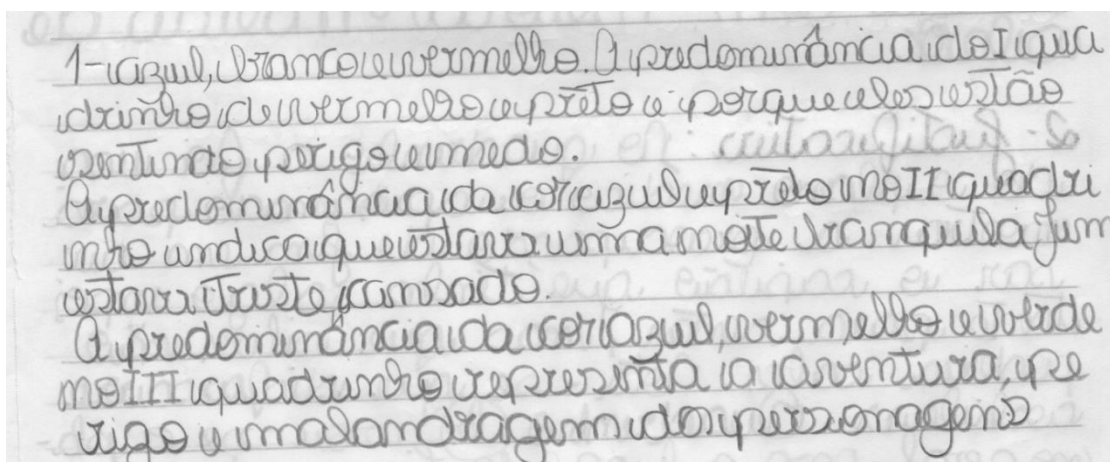


Fonte: Sujeito 15

Transcrição: Sujeito 15: 1) Prefiro coloridas, pois dão mais vida à história.

As respostas abaixo foram dadas às perguntas das páginas 133 – 134. Houve uma reflexão em relação às cenas escolhidas para atividades. As respostas foram dadas após repetidos retornos à obra em quadrinhos e debates.

Figura 78 -- As cores e seus sentidos 1



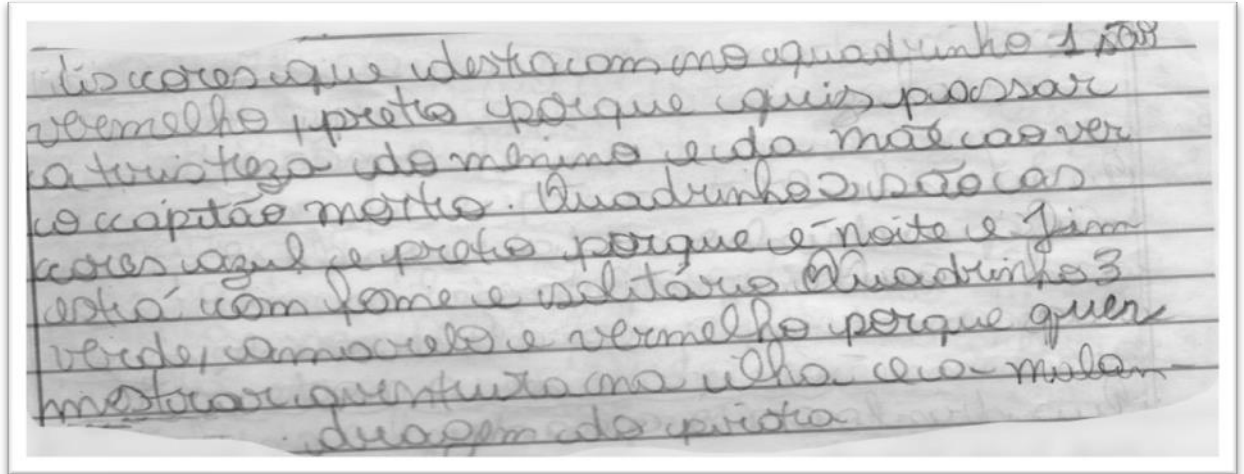
Fonte: Sujeito 16

Transcrição: Sujeito 16: 1- Azul, branco e vermelho. A predominância do I quadrinho de vermelho e preto é porque estão sentindo perigo e medo. A predominância da cor azul e do preto no II quadrinho indica que estava uma noite tranquila. Jim estava triste e cansado. A predominância da cor azul, vermelho e verde no III quadrinho representa a aventura, perigo e malandragem das personagens.

O Sujeito 16 conduz sua interpretação sobre o sentido das cores na *Ilha do tesouro* observando todo o contexto. As cores mais fortes, como o preto e o vermelho, por exemplo, representam, segundo sua análise, perigo iminente, o que desperta medo, sentido pelas personagens. Sua análise está pautada no que interpreta das imagens e nos sentimentos que infere que as personagens estão

experienciando, mostrando o quanto as cores despertam emoções. Pode-se notar que o mesmo tipo de análise acontece também com os Sujeitos 17 e 18.

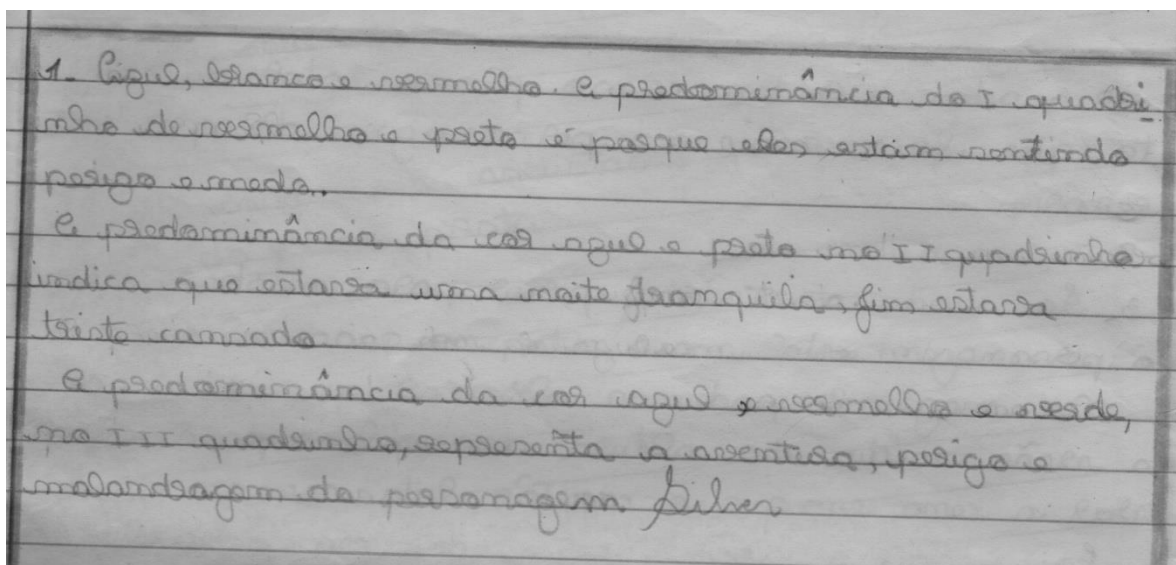
Figura 79 -- As cores e seus sentidos 2



Fonte: Sujeito 17

Transcrição: Sujeito 17: As cores que destacam no quadrinho 1 são vermelho, preto porque quis passar a tristeza do menino e da mãe ao ver o capitão morto. Quadrinho 2 são as cores azul e preto porque é noite e Jim está com fome e solitário. Quadrinho 3 verde, amarelo e vermelho porque quer mostrar aventura na ilha e a malandragem do pirata.

Figura 80 -- As cores e seus sentidos 3



Fonte: Sujeito 18

Transcrição: Sujeito 18: 1- Azul, branco e vermelho. A predominância do I quadrinho de vermelho e preto é porque eles estão sentindo perigo e medo. A predominância do azul e preto no II quadrinho indica que estava uma noite tranquila. Jim estava triste, cansado. A predominância da cor azul, do vermelho e verde, no III quadrinho, representa a aventura, perigo e malandragem da personagem Silver.

Nas aulas seguintes, voltei a falar sobre planos e ângulos, sem me separar dos quadrinhos *A ilha do tesouro*. Continuaram muito surpresos com a proximidade dos quadrinhos com o cinema e a fotografia. Expliquei também sobre figuras cinéticas e as expressões faciais e corporais destacadas pelo quadrinista e a importância desses recursos para o entendimento da história em quadrinhos. Quanto a esse último assunto, não demonstraram qualquer dificuldade em compreender a finalidade e a importância desses meios tão expressivos na elaboração de quadrinhos. (05 dez. 2018)

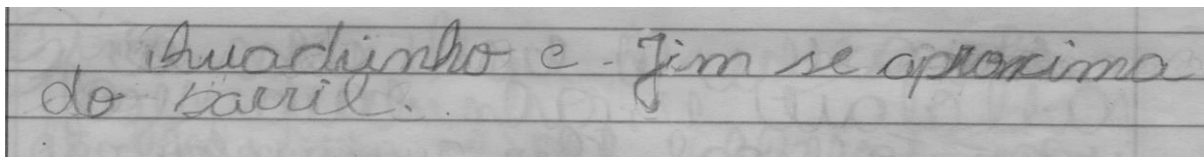
Após a explicação, entreguei as atividades para cada dupla. Apesar de não terem tido maiores problemas em classificar os ângulos e os planos nos quadrinhos selecionados por mim para as atividades, tiveram dificuldade em explicar, por escrito, a finalidade do uso de cada um.

Mesmo assim, pelo grau de dificuldade do conteúdo e o pouco tempo que tive para explorá-lo, eles conseguiram compreendê-lo satisfatoriamente, pois, durante o debate, um completava a análise do outro e fluiu melhor deixá-los mais à vontade durante a formulação das respostas das atividades, permitindo que respondessem oralmente, em forma de debate, em uma conversa mais informal, mas sempre atendendo às especificidades da oralidade.

As respostas por escrito foram dadas, de uma forma menos técnica e mais próxima à maneira de se expressarem oralmente, porque tiveram certa dificuldade quanto ao vocabulário utilizar, em razão da necessidade de domínio de vocabulário técnico.

No exemplo abaixo, notei que o Sujeito 19 expressa o que vê, mas se esquece de colocar o nome do plano e de fazer a relação dele com o quadrinho. No entanto, o que mais importou foi que ele demonstrou saber o efeito do plano analisado, ao dar a resposta.

Figura 81 -- Planos

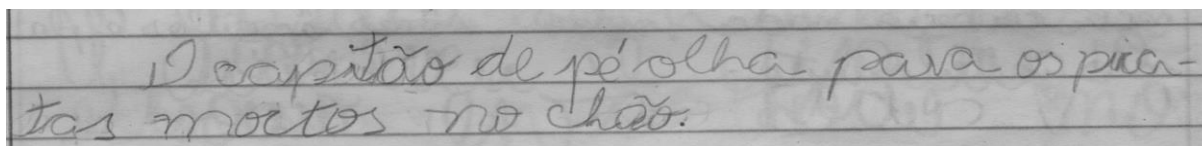


Fonte: Sujeito 19

Transcrição: Sujeito 19: Quadrinho C – Jim se aproxima do barril.

Observando o Sujeito 19, percebe-se que ele entende que há o ângulo de visão superior, mas não expressa esse conhecimento por meio de vocabulário mais técnico. Isso se repetirá nos próximos exemplos, com menor intensidade.

Figura 82 -- Ângulos



Fonte: 19

Transcrição: Sujeito 19: O capitão de pé olha para os piratas mortos no chão

Os alunos demonstraram timidez e insegurança ao escreverem, pois perceberam que ainda não dominavam tal vocabulário e nem a dissertação.

Com certeza, essa dificuldade está associada à falta de domínio do texto mais técnico e científico e dos gêneros que o representam, como os das respostas discursivas. Todavia, não há demérito algum em se organizar respostas às atividades também por meio de debates, sempre com a presença do/a professor/a, para a mediação. Antunes (2003, p. 99) diz que,

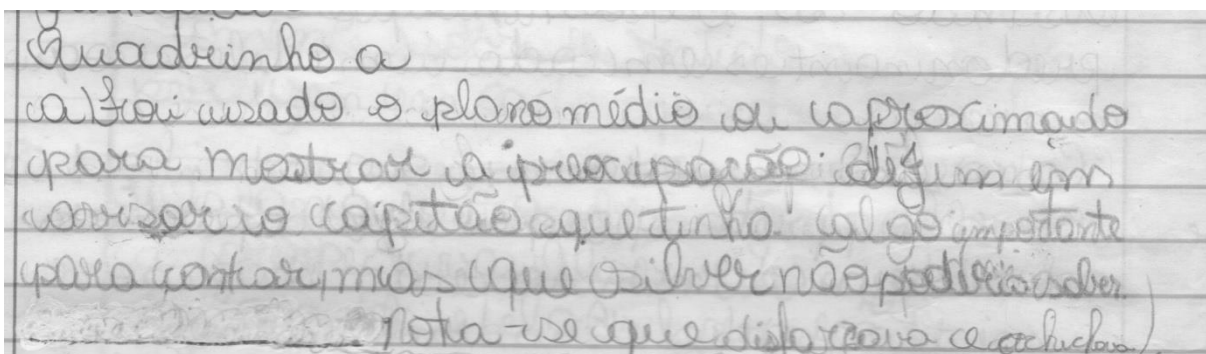
embora cada uma tenha as suas especificidades, não existem diferenças essenciais entre a oralidade e a escrita nem, muito menos, grandes oposições. Uma e outra servem à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros textuais, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica.

Portanto, bem conduzido, o debate acrescentará tão bons resultados aos estudos quanto às respostas por escrito. A oralidade não possui maior ou menor relevância para o discurso. É apenas um outro recurso, tão importante quanto a escrita, que o ser humano tem para se expressar.

Em relação ao estudo de planos e ângulos relevantes na composição de *A ilha do tesouro*, discutimos algumas respostas, a partir da análise, da reflexão e do debate realizado, durante a execução das atividades. Percebi a coerência e a compreensão, sobre planos e ângulos, em todas as respostas, em relação aos quadrinhos analisados.

Planos

Figura 83 -- Análise sobre planos 1

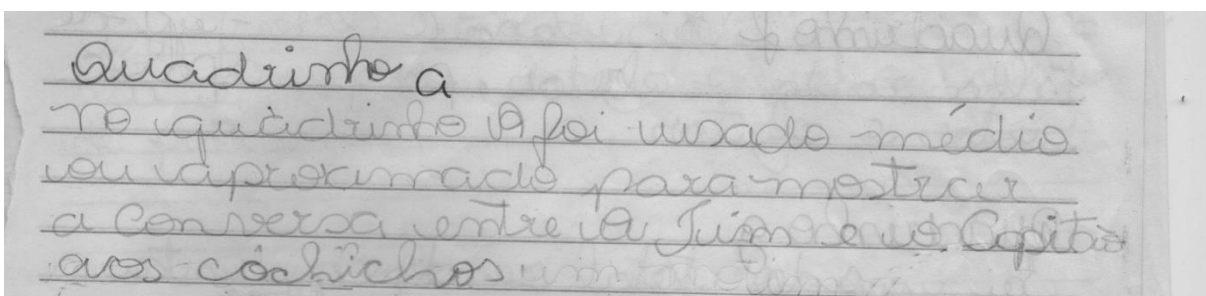


Fonte: Sujeito 21

Transcrição: Sujeito 21: Quadrinho a – Foi usado o plano médio ou aproximado para mostrar a preocupação de Jim em avisar o capitão que tinha algo importante para contar, mas que Silver não poderia saber. Nota-se que disfarça e cochicha.

Observando a reflexão feita pelo Sujeito 21, pode notar que ele entendeu a importância do *plano médio ou aproximado* ao relacionar seu uso ao fato da personagem Jim ter que cochichar com o capitão, em uma situação que exigia discrição e sigilo. Notou também que esse plano facilitou observar, na imagem, a preocupação de Jim em relação ao que tinha descoberto.

Figura 84 -- Análise sobre planos 2

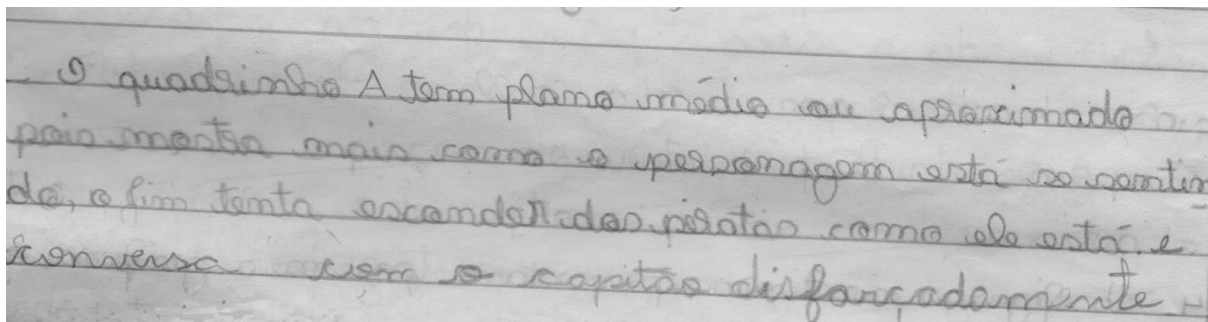


Fonte: Sujeito 22

Transcrição: Sujeito 22: Quadrinho a – No quadrinho A foi usado médio ou aproximado para mostrar a conversa entre o Jim e o Capitão, aos cochichos.

Quanto ao Sujeito 22, notei que ele entendeu a importância do *plano médio ou aproximado* ao relacionar seu uso ao fato da personagem Jim ter cochichado com o capitão, inferindo que o plano utilizado foi apropriado, mas não a relacionou ao fato de Jim estar preocupado.

Figura 85 -- Análise sobre planos 3

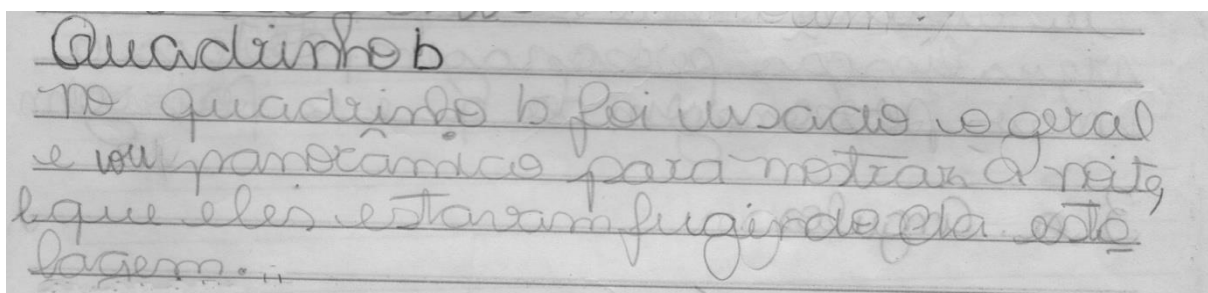


Fonte: Sujeito 23

Transcrição: Sujeito 84: O quadrinho A tem plano médio ou aproximado pois mostra mais como a personagem está se sentindo, o Jim tenta esconder dos piratas como ele está e conversa com o capitão disfarçadamente.

O Sujeito 23 fez uma reflexão semelhante ao Sujeito 22, sem, todavia, dizer que tipo de sentimento Jim expressava naquele momento.

Figura 86 -- Análise sobre planos 4

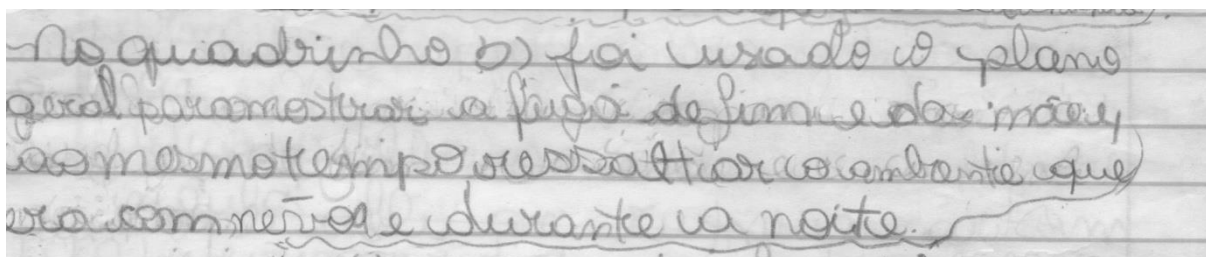


Fonte: Sujeito 22

Transcrição: Sujeito 22: Quadrinho b – No quadrinho b foi usado o geral ou panorâmico para mostrar a noite e que eles estavam fugindo da estalagem.

Nessa outra atividade, o Sujeito 22 não relaciona totalmente o plano ao que vê, por meio da escrita. Faltou aproximar mais a escolha do plano ao contexto em que a imagem foi inserida.

Figura 87 -- Análise sobre planos 5

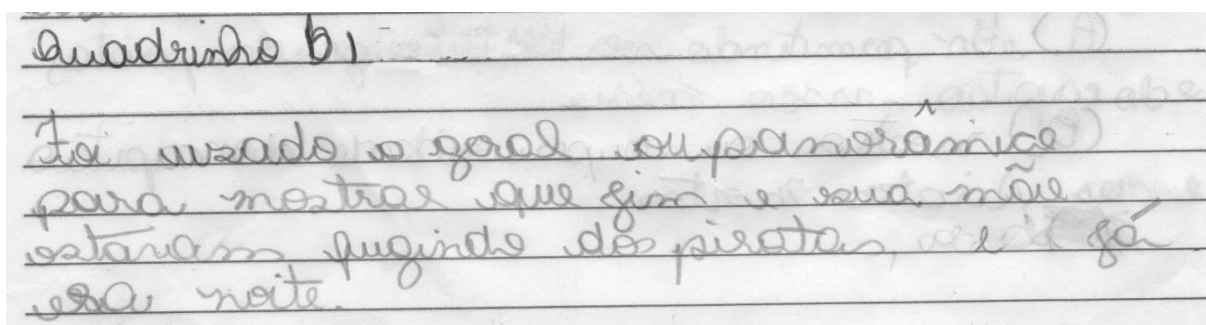


Fonte: Sujeito 21

Transcrição: Sujeito 21: No quadrinho b) foi usado o plano geral para nos mostrar a fuga de Jim e da mãe, ao mesmo tempo ressaltar o ambiente que era com névoa e durante a noite.

O Sujeito 21 foi bastante feliz ao analisar o *plano geral* e compreender que, na imagem, espaço, tempo e personagens se completam.

Figura 88 -- Análise sobre planos 6

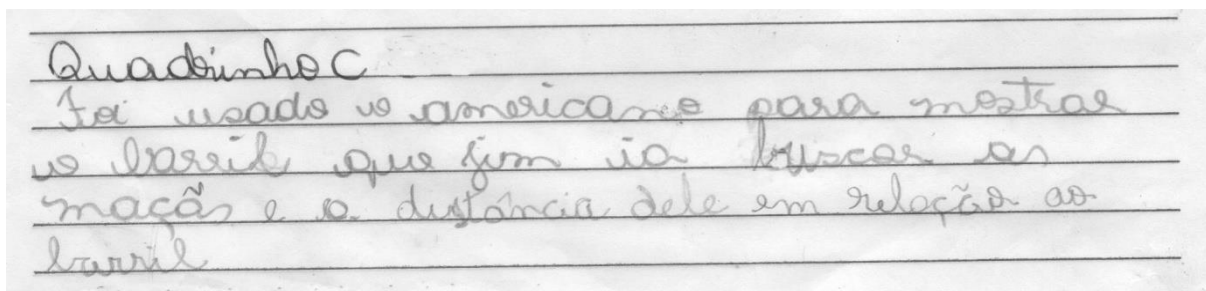


Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: Quadrinho b) Foi usado o geral ou panorâmico para mostrar que Jim e sua mãe estavam fugindo dos piratas e já era noite.

Mais sucinto, o Sujeito 24 fez uma reflexão semelhante ao Sujeito 22. No entanto, pela dificuldade do assunto, pela falta de domínio de vocabulário técnico e de um tempo maior para as análises, entendo que foram muito bem ao realizá-las.

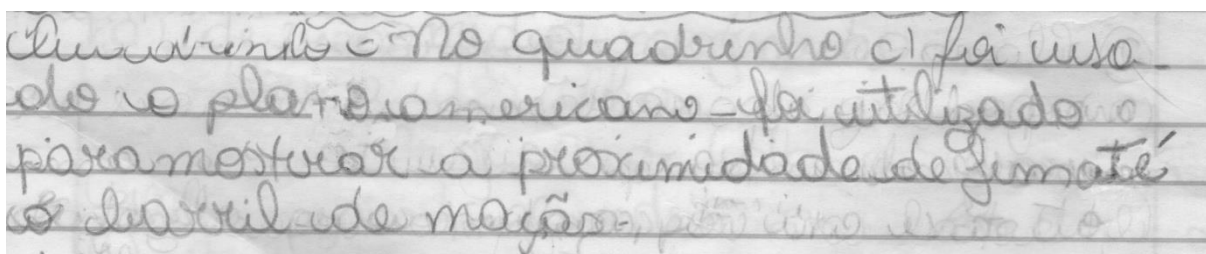
Figura 89 -- Análise sobre planos 7



Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: Quadrinho C – Foi usado o americano para mostrar o barril que Jim ia buscar as maçãs e a distância dele em relação ao barril.

Figura 90 -- Análise sobre planos 8



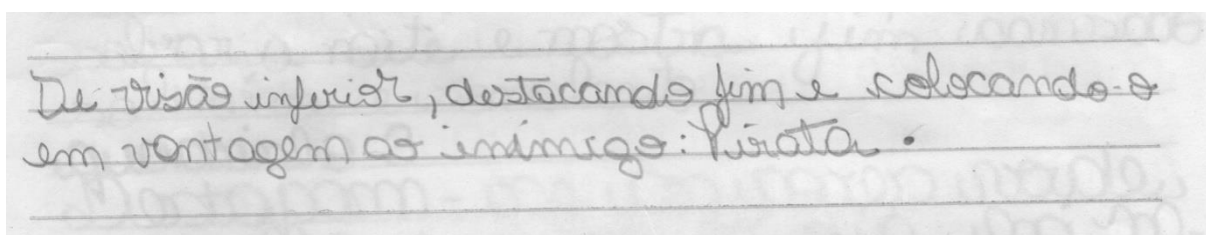
Fonte: Sujeito 25

Transcrição: Sujeito 25: Quadrinho C. No quadrinho c, foi usado o plano americano – foi utilizado para mostrar a proximidade de Jim até o barril de maçãs.

A análise feita pelos Sujeitos 25 foi incompleta, mas importante porque sinaliza a distância entre Jim e o barril, marcada pelo *plano americano*. Posso inferir com essa análise que eles entenderam a importância do plano no contexto.

Ângulos

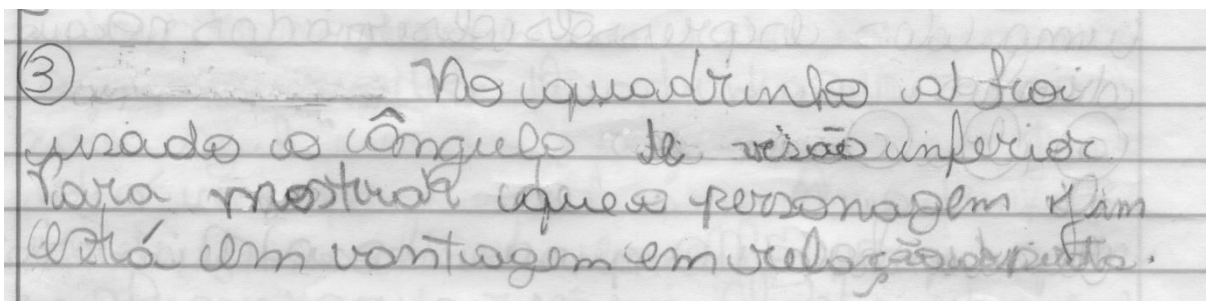
Figura 91 -- Análise sobre ângulos 1



Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: De visão inferior, destacando Jim e colocando-o em vantagem ao inimigo: Pirata.

Figura 92 -- Análise sobre ângulos 2

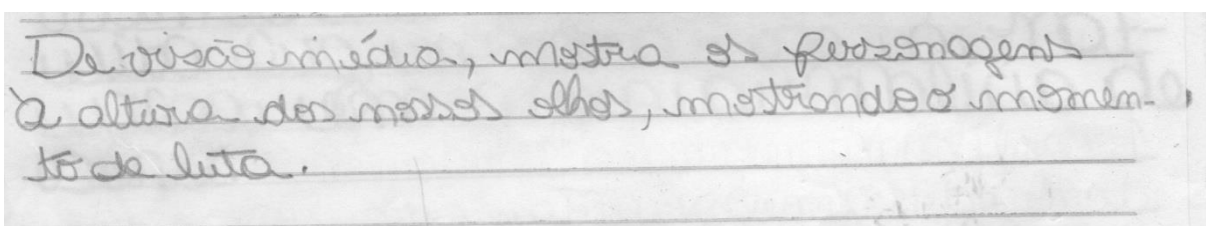


Fonte: Sujeito 25

Transcrição: Sujeito 25: 3) No quadrinho a) Foi usado o ângulo de visão inferior para mostrar que a personagem Jim está em vantagem em relação ao pirata.

Os Sujeitos 24 e 25 observam Jim do alto e relacionam a imagem com o *ângulo de visão inferior*, analisando que este ângulo foi usado para mostrar a vantagem que o protagonista tem em relação ao pirata. Análise condizente com o que foi estudado.

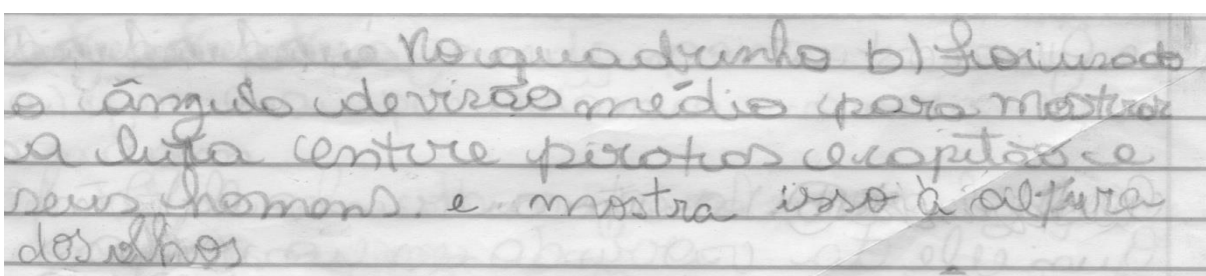
Figura 93 -- Análise sobre ângulos 3



Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: De visão média, mostra as personagens à altura dos nossos olhos, ressaltando o momento de luta.

Figura 94 -- Análise sobre ângulos 4

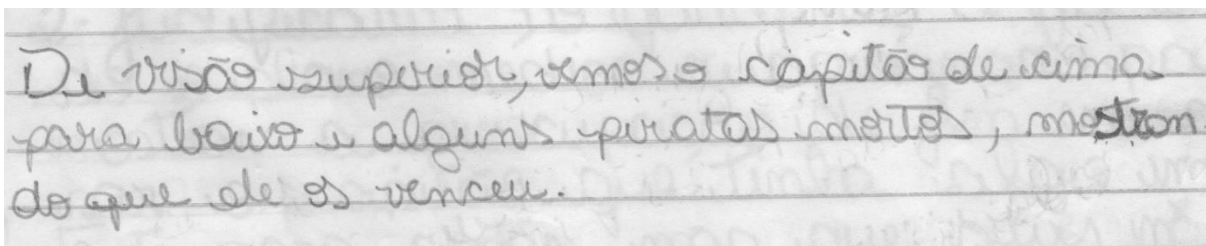


Fonte: Sujeito 25

Transcrição: Sujeito 25: No quadrinho b) Foi usado o ângulo de visão médio para mostrar a luta entre piratas e capitão e seus homens e mostra isso à altura dos olhos.

Os Sujeitos 24 e 25 compreenderam, nesta atividade, que o ângulo de visão médio é importante quando se quer destacar, aos olhos do leitor, toda a cena.

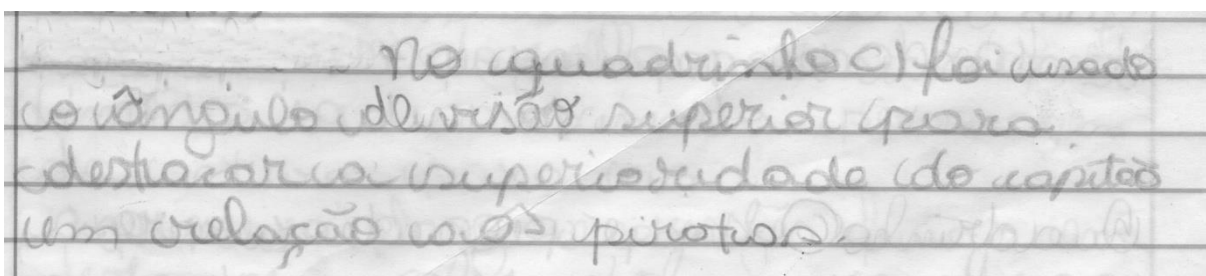
Figura 95 -- Análise sobre ângulos 5



Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: De visão superior, vemos o capitão de cima para baixo e alguns piratas mortos, mostrando que ele os venceu.

Figura 96 -- Análise sobre ângulos 6

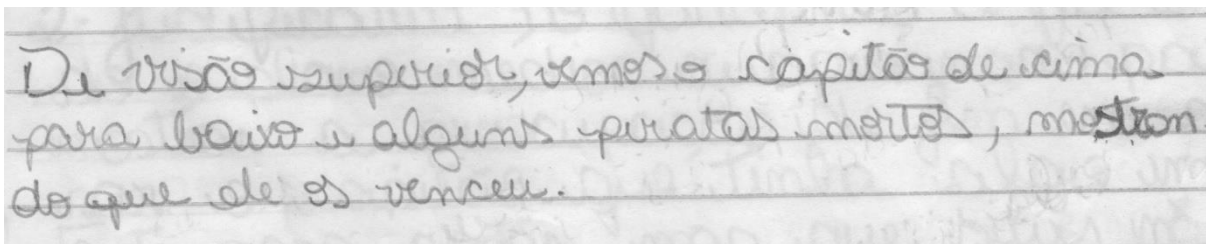


Fonte: Sujeito 25

Transcrição: Sujeito 25: No quadrinho c) foi usado o ângulo de visão superior para destacar a superioridade do capitão em relação aos piratas.

A análise feita pelos Sujeitos 24 e 25 mostrou que eles compreenderam a importância do uso do ângulo de visão superior, ao destacar que o capitão estava vencendo a luta e que o ângulo empregado teve a intenção de mostrar isso.

Figura 97 - Análise sobre ângulos 7

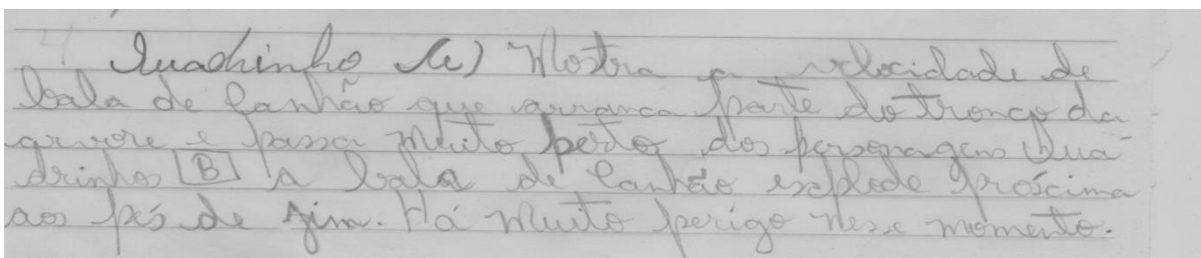


Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: De visão superior, vemos o capitão de cima para baixo e alguns piratas mortos, mostrando que ele os venceu.

Em relação aos estudos sobre figuras cinéticas e expressões faciais e corporais, as atividades das páginas 140, 141, 142 e 143, foram muito bem compreendidas pelos alunos. As respostas foram resultado da observação, da reflexão e do debate feito em conjunto.

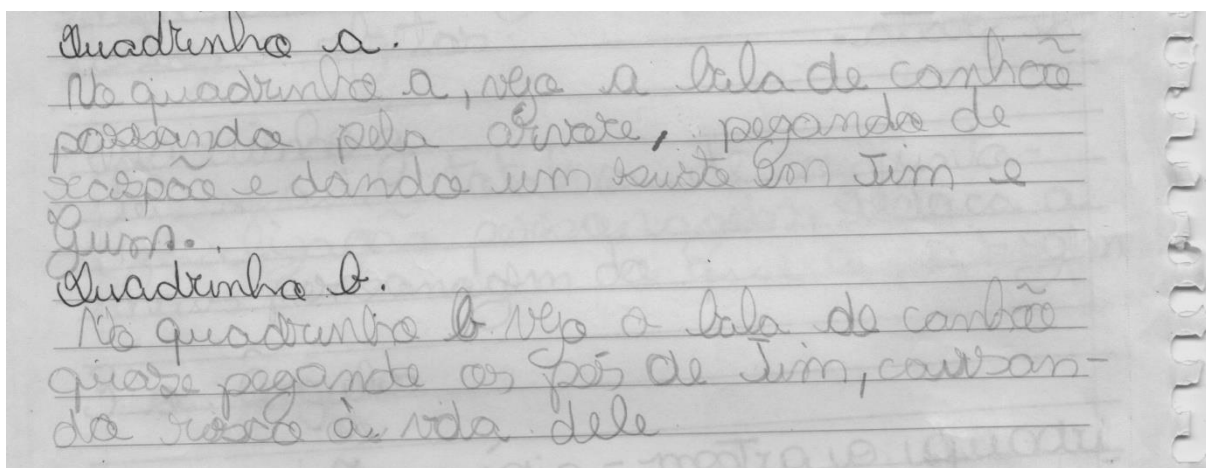
Figura 98 -- Explosão 1



Fonte: Sujeito 14

Transcrição: Sujeito 14: Quadrinho A) Mostra a velocidade da bala de canhão que arranca parte do tronco da árvore e passa muito perto das personagens. Quadrinho B) A bala de canhão explode próxima aos pés de Jim. Há muito perigo nesse momento.

Figura 99 -- Explosão 2



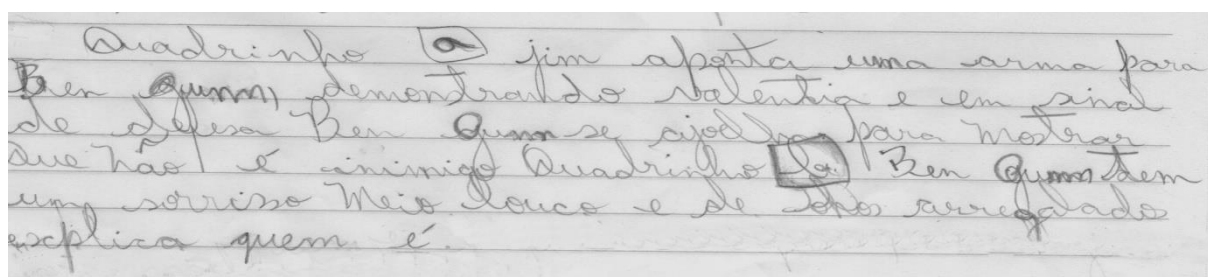
Fonte: Sujeito 17

Transcrição: Sujeito 17: Quadrinho a – No quadrinho a, vejo a bala de canhão passando pela árvore, pegando de raspão e dando um susto em Jim e Gunn.

Os Sujeitos 14 e 17 notaram a importância da figura cinética para destacar o perigo do protagonista de ser morto pelas balas de canhão. Houve interpretação condizente com o que foi estudado.

Quanto ao estudo sobre expressões faciais e corporais, seguem algumas análises realizadas por alguns alunos.

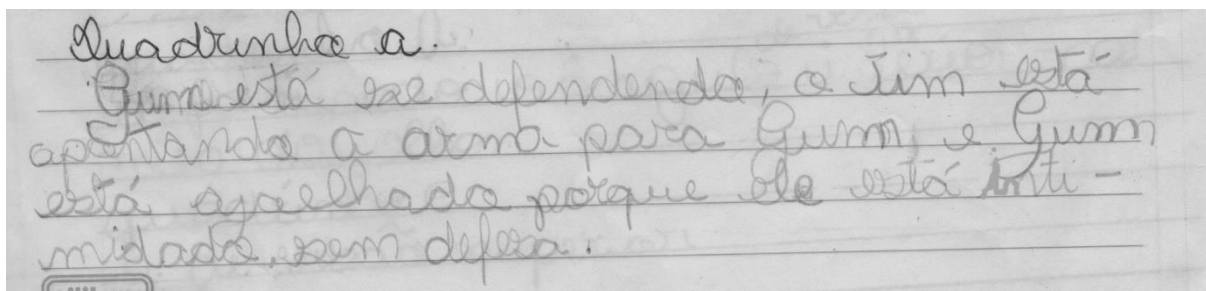
Figura 100 -- Expressões faciais e corporais 1



Fonte: Sujeito 14

Transcrição: Sujeito 14: Quadrinho a – Jim aponta uma arma para Ben Gunn, demonstrando valentia e em sinal de defesa. Ben Gunn se ajoelha para mostrar que não é inimigo. Quadrinho b – Ben Gunn tem um sorriso meio louco e de olhos arregalados explica quem é.

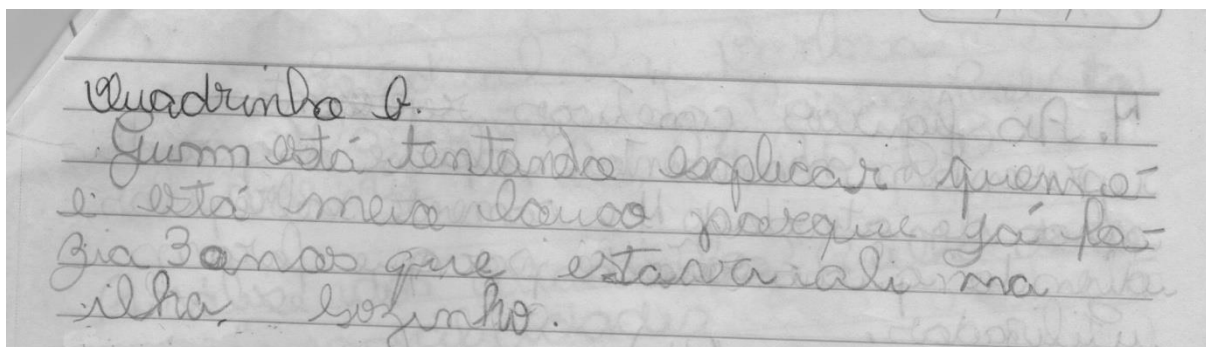
Figura 101 -- Expressões faciais e corporais 2



Fonte: Sujeito 20

Transcrição: Sujeito 20: Quadrinho a – Gunn está se defendendo, o Jim está apontando a arma para Gunn e Gunn está ajoelhado, porque ele está intimidado, sem defesa.

Figura 102 -- Expressões faciais e corporais 3



Fonte: Sujeito 20

Transcrição: Sujeito 20: Quadrinho b – Gunn está tentando explicar quem é e está meio louco porque já fazia 3 anos que estava ali na ilha sozinho.

Nessas atividades, os Sujeitos 14 e 20 exploraram, além das expressões faciais e corporais, características psicológicas das personagens e temporalidade, ao citarem o tempo em que Ben Gunn estava sozinho na ilha.

Na última parte das atividades, dedicada à reflexão sobre a narratividade dos quadrinhos, retomei, com os alunos, a obra em quadrinhos, lembrando fatos, personagens e lugares importantes. Retomei, também, conteúdo sobre os elementos que constituem uma narrativa e fomos observando, novamente, a construção psicológica das personagens mais relevantes, o tipo de narrador, as imagens que representam lembranças e a interpretação de alguns momentos destacados por meio de excertos.

Os alunos se sentiram muito à vontade em relação às atividades e se divertiram muito relendo a obra em quadrinhos *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette, e comentando entre eles.

Realizaram, assim como as atividades anteriores, em dupla, e cada uma destacava, nos comentários, algo não visto ou ressaltado pela outra. Duas duplas, formadas por alunos de 12 anos, aqui com pseudônimos: Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5, comentaram, por exemplo, o fato do senhor Arrow, nas imagens, ter sido empurrado, mas no balão o narrador diz que ele desapareceu “em uma noite escura, com mar turbulento” (BOYETTE, p. 24, 1991). Concluíram que as “pessoas” ali presentes no navio foram omissas ou coniventes com quem o empurrou. De qualquer forma, o fato, segundo eles, passou a sensação de que pouco se importaram e até gostaram da morte da personagem beberona e encenqueira.

Outra observação feita por alguns alunos foi o fato do jovem Jim sair para uma aventura, com pessoas pouco conhecidas, de navio, para uma ilha desconhecida, atrás de um tesouro que nem sabiam se realmente existia.

Durante o debate, todas as duplas sinalizaram terem observado a evolução do protagonista Jim Hawkins, ao longo da narrativa, pois notaram que, no início, quando conheceu o capital Billy Bones, ele se mostrou inseguro e, conforme os fatos foram acontecendo e o perigo se intensificando, a personagem foi amadurecendo, demonstrando ser muito inteligente e esperta, como quando chama o capitão para contar, em sigilo, sobre o motim que os piratas estavam prestes a realizar. Além disso, notaram que o jovem demonstra também coragem, em vários momentos e citam quando enfrenta sozinho, no navio, um pirata perigoso e leva o navio a um lugar seguro, próximo à ilha.

Ao terminar a última etapa das atividades, pedi a todos aqueles que quisessem, que expressassem, oralmente ou por escrito, se gostaram das aulas sobre quadrinhos e o que mais foi significativo, importante nesse aprendizado.

A maioria respondeu oralmente, apenas três alunos entregaram um texto escrito. A seguir, as reproduções dos três pequenos textos.

Figura 103 -- Opinião 1

A professora trouxe diversão e conhecimento sobre quadrinhos. Eu gostei muito do personagem Jim ele é esperto.

Fonte: Sujeito 17

Transcrição: Sujeito 17: A professora trouxe diversão e conhecimento sobre quadrinhos. Eu gostei muito do personagem Jim ele é esperto.

Figura 104 -- Opinião 2

muito legal ler quadrinhos não sabia nada sobre ângulo e plano

Fonte: Sujeito 22

Transcrição: Sujeito 22: Muito legal ler quadrinhos. Não sabia nada sobre ângulo e plano.

Figura 105 -- Opinião 3

Foi emocionante o trabalho com quadrinhos. Eu não conhecia nada sobre cores, ângulos e planos. Gostei muito.

Fonte: Sujeito 23

Transcrição: Sujeito 23: Foi emocionante o trabalho com quadrinhos. Eu não conhecia nada sobre cores, ângulos e planos. Gostei muito.

Em geral, resumindo o debate, disseram que as aulas foram divertidas e diferentes, pois puderam ler histórias em quadrinhos de aventura e debater sobre elas, e aprenderam a admirar ainda mais esse gênero, pois conheceram recursos que eles não sabiam que existiam até então.

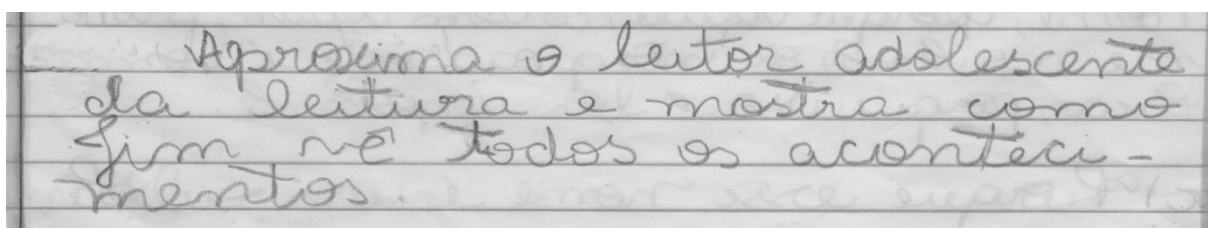
Todos disseram, durante o debate, que gostaram muito dos quadrinhos *A ilha do tesouro*, de Boyette (1991). Sujeito 6 e Sujeito 7, de 12 anos cada, observaram que voltar à obra várias vezes, para compreendê-los a partir da análise de alguns recursos usados ali, como cor, planos, ângulos, expressões faciais e corporais, foi muito importante para “uma leitura diferente que os quadrinhos pedem”.

Os demais alunos concordaram. Sujeito 7 e Sujeito 8, também de 12 anos cada, comentaram que, de um modo geral, a comunicação, especialmente em nossos dias, é uma “mistura de palavras, imagens, sons, símbolos”, pois reconheceram isso durante as aulas, por meio dos conteúdos mostrados no *datashow* e das pesquisas feitas no laboratório de informática. Ao dizerem isso, durante a conversa, estavam se referindo ao virtual com o qual estão familiarizados, mas de forma mais intuitiva. Agora terão um olhar mais atento a todas essas linguagens que os cercam e que tanto os fascinam.

Sobre o narrador-protagonista, notei que destacaram os fatos da narrativa estarem intimamente ligados a ele. Essa constatação feita pela turma é muito importante porque mostra que compreenderam o papel desse tipo de narrador, que é o da subjetividade, baseado em sua visão e suas emoções sobre o que aconteceu.

Os Sujeitos 18 e 22 observaram a interação existente entre o narrador-protagonista e o leitor.

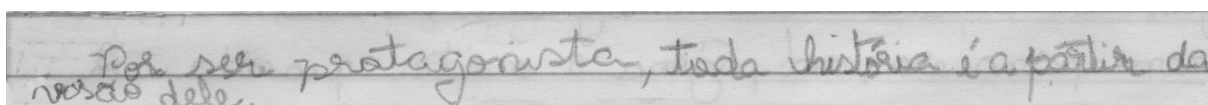
Figura 106 -- Narrador e leitor 1



Fonte: Sujeito 22

Transcrição: Sujeito 22: Aproxima o leitor adolescente da leitura e mostra como Jim vê todos os acontecimentos.

Figura 107 -- Narrador e leitor 2

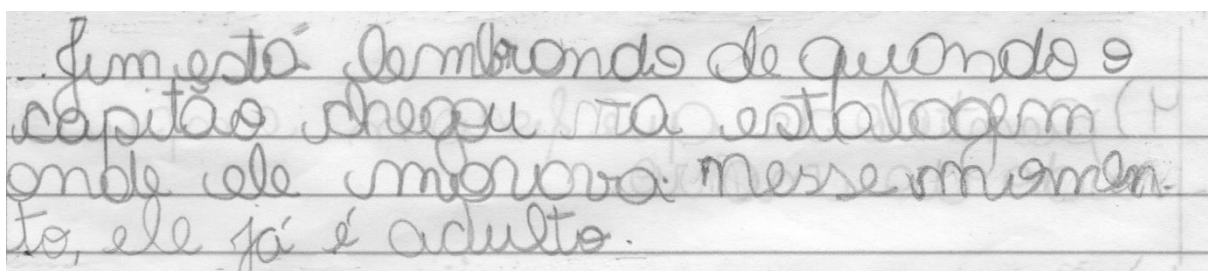


Fonte: Sujeito 18

Transcrição: Sujeito 18: Por ser protagonista, toda história é a partir da visão dele.

Quanto à temporalidade, observei que eles não exploraram totalmente o momento. Fixaram a atenção no que era fundamental: o fato de Jim já ser adulto e a lembrança de como tudo começou, isto é, quando Billy Bones apareceu na estalagem. No debate, os Sujeitos 20 e 23 comentaram sobre as moedas de ouro ao lado, simbolizando o motivo da grande aventura, ou seja, o tesouro. No entanto, ao transporem para a escrita, não registraram essa observação.

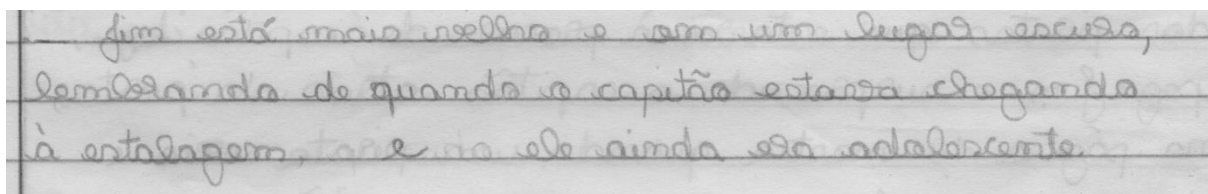
Figura 108 -- Temporalidade 1



Fonte: Sujeito 20

Transcrição: Sujeito 20: Jim está lembrando de quando o capitão chegou à estalagem onde ele morava. Nesse momento, ele já é adulto.

Figura 109 -- Temporalidade 2



Fonte: Sujeito 23

Transcrição: Sujeito 23: Jim está mais velho e em um lugar escuro, lembrando de quando o capitão estava chegando à estalagem e ele ainda era adolescente.

Uma personagem emblemática, que oportunizou a Jim a chance de viver a grande aventura de navegar por mares desconhecidos, até a uma ilha deserta, e encontrar o tesouro foi Billy Bones. As duas respostas sobre a personalidade de Bones confirmam essa minha constatação, ao dizerem que, com a chegada dele, a aventura começa.

Figura 110 -- Bones: como tudo começou 1

Ele era misterioso, desbocado, desconfiado, e assustador. A partir do aparecimento dele, há a expectativa de que a história será de muitas aventuras e perigos.

Fonte: Sujeito 21

Transcrição: Sujeito 21: Ele era misterioso, desbocado, desconfiado e assustador. A partir do aparecimento dele, há a expectativa de que a história será de muitas aventuras e perigos.

Figura 111 -- Bones: como tudo começou 2

Violento, desconfiado, agressivo e misterioso. Com isso, a história vai tomando forma de aventura.

Fonte: Sujeito 22

Transcrição: Sujeito 22: Violento, desconfiado, agressivo e misterioso. Com isso, a história vai tomando forma de aventura.

A atividade a seguir, ainda é relacionada à personagem Billy Bones e os sentimentos que ela desperta em Jim. Os alunos compreendem as emoções provocadas pela chegada da personagem Billy Bones em Jim Hawkins e como isso foi decisivo para a aventura. No caso do Sujeito 18, ele destacou sentimentos como medo, tristeza. E destaca a importância dos fatos para a aventura.

Figura 112 -- Fortes emoções

d) Na p. 5 Jim se sente assustado com as histórias do capitão. Na p. 8 Jim se sente com medo do pirata Black Dog. Na p. 12 ele se sente triste pela morte de Billy Bones. Depois desses fatos a aventura começa.

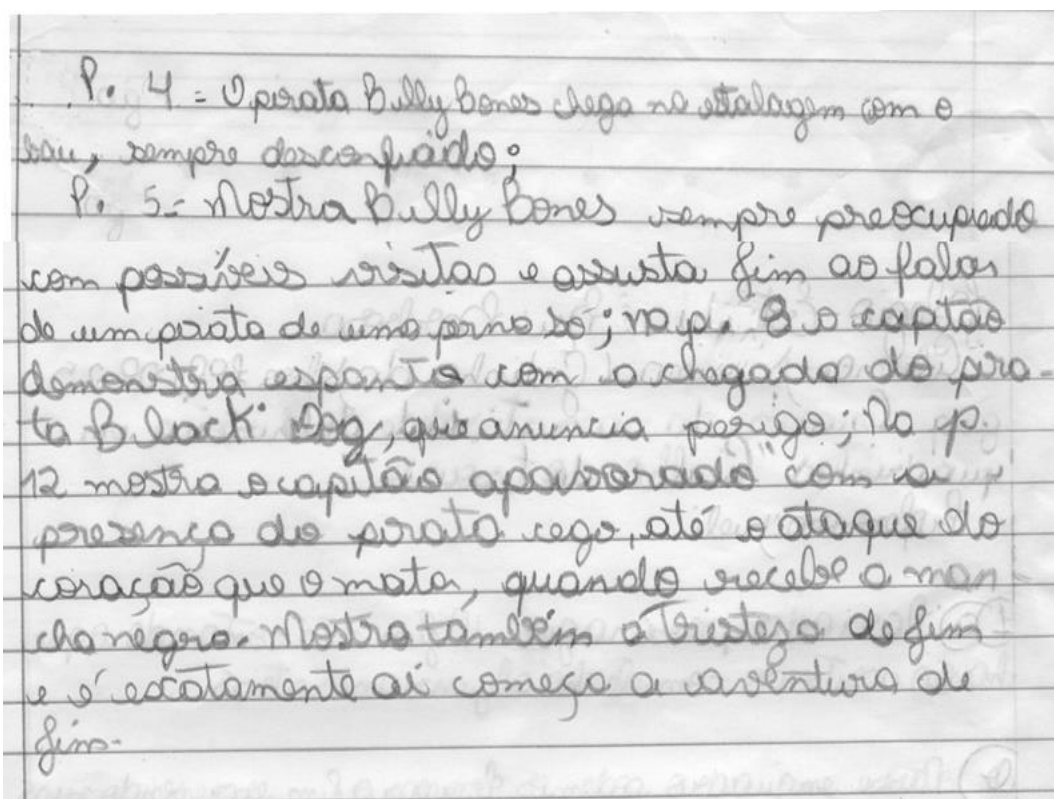
Fonte: Sujeito 18

Transcrição: Sujeito 18: d) Na p. 5 Jim se sente assustado com as histórias do capitão. Na p. 8 Jim se sente com medo do pirata Black Dog. Na p. 12 ele se sente

triste pela morte do Billy Bones. Depois desses fatos a aventura começa.

Compreender a progressão narrativa nem sempre é tão fácil. No entanto, as respostas dadas a atividade que explora essa progressão indicam a percepção sobre os fatos mais importantes, nos quadrinhos destacados. Segue um exemplo.

Figura 113 -- Progressão narrativa



Fonte: Sujeito 24

Transcrição: Sujeito 24: P. 4 – O pirata Billy Bones chega na estalagem com o baú, sempre desconfiado; P. 5 – Mostra Billy Bones sempre preocupado com possíveis visitas e assusta Jim ao falar de um pirata de uma perna só; Na p. 8 o capitão demonstra espanto com a chegada do pirata Black Dog, que anuncia perigo; Na p. 12 mostra o capitão apavorado com a presença do pirata cego, até o ataque do coração que o mata, quando recebe a mancha negra. Mostra também a tristeza de Jim e é exatamente aí começa a aventura de Jim.

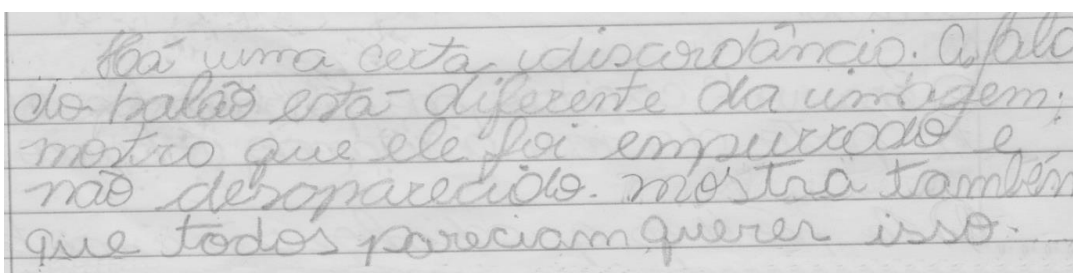
O Sujeito 24 mostra todo o percurso da personagem Billy Bones, desde sua chegada até sua morte, e a influência dela sobre os sentimentos de Jim.

Nesse momento, os alunos analisaram um quadrinho específico, da página 24, em que o imediato Arrow, em uma noite de tempestade, cai ou é jogado do

navio. Durante o debate e a discussão das atividades, os alunos compreenderam que o que estava escrito no balão não correspondia à imagem. De acordo com o contexto, chegaram à conclusão na sequência. Se observado, com cuidado, o quadrinho, de fato, mostra falta de preocupação, por parte dos que estavam no navio, com o que tinha acontecido ao imediato e, portanto, eles fizeram, nessa atividade, uma importante inferência, pois a conclusão a que chegaram foi por meio perceberem o que estava implícito.

O Sujeito 1 e o Sujeito 7, ambos com 12 anos, comentaram, durante o debate, sobre o fato de não só os demais quererem o desaparecimento do imediato, como também, de certa forma, foram cúmplices em relação ao sumiço dele. Inferiram pelo fato de a imagem mostrar duas mãos empurrando-o, enquanto o texto dizia que havia desaparecido. Todos concordaram.

Figura 114 -- Inferência



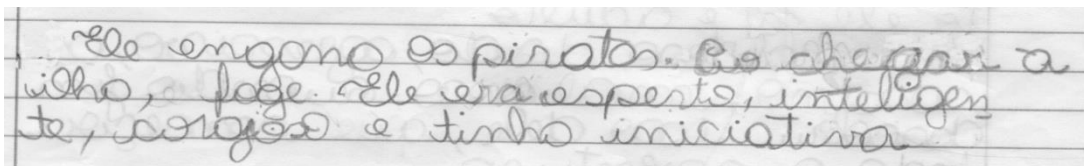
Fonte: Sujeito 19

Transcrição: Sujeito 19: Há uma certa discordância. A fala do balão está diferente da imagem, mostra que ele foi empurrado e não desaparecido. Mostra também que todos pareciam querer isso.

O Sujeito 19 reflete sobre o que está implícito e infere sobre o desejo de todos do navio.

Ao analisarem a personagem protagonista, os alunos compreenderam que, por ser protagonista de uma aventura, Jim Hawkins era corajoso, esperto e cheio de iniciativa. Essas características foram observadas, por todos, durante o debate e nos quadrinhos analisados.

Figura 115 -- Jim, o herói



Fonte: Sujeito 21

Transcrição: Sujeito 21: Ele engana os piratas. Ao chegar à ilha, foge. Ele era esperto, inteligente, corajoso e tinha iniciativa.

O Sujeito 21 aponta fatos que indicam a esperteza e a coragem da personagem protagonista.

Vale ressaltar que pude atestar, durante toda a reflexão e o debate feitos sobre a leitura de *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette (1991), que os alunos compreenderam como acontece a construção de uma história em quadrinhos de aventura: é formada por momentos de grande perigo, que envolvem heróis e vilões e há, geralmente, a predominância do bem sobre o mal. No caso dos quadrinhos em questão, houve diferença em relação a Silver, o principal vilão, com características psicológicas muito particulares, pois, como foi visto durante a leitura, consegue escapar, no final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, tudo o que foi proposto aos alunos foi muito bem recebido por eles. Houve momento em que pediram mais tempo para o desenvolvimento de algumas atividades, como a de leitura dos quadrinhos trazidos por eles. Diante de tanta animação para novas leituras, o pedido foi aceito e eles puderam ler uma quantidade maior das obras em quadrinhos que estavam à disposição.

É importante frisar que esse momento em que eles trazem, exploram e trocam os quadrinhos deve ser oportunizado pelo professor, pois terá a dimensão do quanto sabem sobre o assunto e quanto precisarão ainda conhecer. Além disso, essa interação entre eles traz maior tranquilidade e segurança, quando as atividades são feitas em dupla e, depois, exploradas e comentadas por todos. Percebe-se o envolvimento de todos, o que torna o trabalho mais interessante.

O momento da pesquisa sobre quadrinhos, no laboratório de informática, também necessitou de mais aulas do que as previstas, devido à lentidão da internet e as paradas para troca de informações e debates, o que tornou a atividade bastante dinâmica.

O/A professor/a, nesse momento, precisa estar atento/a ao que a escola oferece, verificando número de computadores em funcionamento e fazer o agendamento. Caso isso não seja possível, precisará organizar um material, com todas as informações relevantes, relacionadas à pesquisa e disponibilizá-lo aos alunos, para que possam fazê-la em sala de aula, na biblioteca ou em outro ambiente interessante que a escola ofereça.

Flexibilizar o tempo, de forma organizada, favoreceu, sem dúvida, o bom andamento dos trabalhos. No entanto, melhor não deixar para aplicar as atividades no final do ano, como aconteceu comigo, pois, mesmo motivados, os alunos estarão cansados e ansiosos pelo resultado final das avaliações e pelas férias.

As atividades que envolveram planos e ângulos foram as que mais exigiram reflexão e compreensão dos alunos. Como já estavam organizados em dupla, continuaram dessa forma durante todo o trabalho. Mesmo assim, colocar por escrito o que refletiam e analisavam era uma tarefa mais complicada para eles, pois a turma, de um modo geral, ainda não dominava os recursos da linguagem da HQ, de

análise e conceitos. No entanto, ao expressarem oralmente, percebi que tinham compreendido e apreendido o conteúdo.

Recomendo ao/à professor/a que fique atento/a a situações como essa. Por isso, sugiro que essas atividades relacionadas a planos e ângulos sejam menos sistematizadas e que, ao invés de se selecionar excertos para serem classificados e analisados, como está em meu trabalho, que os próprios alunos busquem, na obra, exemplos diversos de planos e ângulos e, com suas próprias palavras, de acordo com o que compreenderam, façam as análises. Sendo assim, segue um exemplo de atividade que considero mais produtiva.

Você já sabe que os planos e os ângulos ajudam a formar a perspectiva da imagem, dando-lhe efeitos de sentido. Em dupla, volte à obra em quadrinhos, escolha, pelo menos, três exemplos de cada um, citando, no caderno, as páginas onde foram localizados e indicando quais foram os quadrinhos escolhidos. Depois, analise, com seu/sua colega de equipe, a importância deles para o entendimento dos fatos. Todos deverão anotar, no caderno, o que foi analisado, para o momento da correção e do debate.

Acredito que essa atividade seja mais produtora, porque partirá de uma maior observação do aluno em relação à obra em quadrinhos analisada. Além disso, há uma dinâmica mais intensa, o que torna a atividade mais interessante para o aluno.

Seria bastante interessante e oportuno se todo esse estudo se tornasse um curso de capacitação para professores de Língua Portuguesa, tendo o respaldo da SEED, a fim de garantir certificação. Isso foi comentado pelos colegas professores, durante a exposição do trabalho.

Outra sugestão seria que houvesse momento para que os alunos se divertissem com produções de quadrinhos, que poderiam ser feitos nos sites disponíveis e gratuitos, que já trazem várias opções de ambientes e personagens. Os alunos elaborariam as narrativas e as produziram em quadrinhos, com a ajuda dessas ferramentas. Poderiam produzi-las, também, por meio de desenhos ou recortes e, ainda, criar quadrinhos a partir de pequenos contos ou criar os diálogos a partir do que se observa nos quadrinhos. O principal objetivo seria o uso da

imaginação, em uma atividade que exigirá domínio dos elementos da narrativa e das especificidades dos quadrinhos.

Quanto à leitura, após os alunos terem adquirido o conhecimento sobre as especificidades dos quadrinhos, seria muito interessante que o professor/ a professora os deixasse ler, em equipe, os diferentes gêneros em quadrinhos. A partir dessas leituras, os alunos elaborariam as apresentações, em equipe, destacando o que considerassem importante, tendo como referência o conteúdo estudado, expondo o trabalho realizado ao restante da turma e ao professor, com a ajuda de um *data show* e *notebook*.

O objetivo maior dessa atividade é confirmar o aprendizado sobre as especificidades dos quadrinhos e, além disso, valorizar a autonomia quanto às escolhas, a interação, o trabalho em grupo, utilização das ferramentas tecnológicas e o desempenho quanto à exposição e à oralidade.

Meu desejo maior é que esse trabalho venha contribuir satisfatoriamente para o entendimento das particularidades nele apontadas, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores.

Quanto a mim como pessoa, este trabalho me fez compreender melhor um universo do qual já gosto muito, que é o dos quadrinhos, e observar como a imagem se integra a eles. Como profissional, eu me sinto muito feliz por ter apreendido um conhecimento tão relevante e ter a oportunidade de ser mediadora dele, com o objetivo de tornar meus alunos mais atentos, reflexivos e capazes de analisar e de atuar no mundo em que, cada vez mais, a imagem invade os espaços e traz uma nova forma de comunicação.

Finalizando, reconheço que, diante de um assunto tão amplo e tão presente em nossas vidas, realimentado, dia após dia, com novas linguagens e tecnologias, precisa ser explorado à exaustão, pois ainda há muito a se acrescentar, nos futuros estudos e pesquisas. E inovadores materiais pedagógicos deverão ser elaborados, para melhor compreendê-lo.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Juan. **Como fazer história em quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. M. **Marxismo e filosofia da linguagem** São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.
- BARROSO, Fabiano Azevedo. Quadrinizar a literatura ou literaturizar o quadrinho? In: BORGES, Renata Farhat. **Clássicos em HQ**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- BOYETTE, Pat. **A ilha do tesouro**. São Paulo: Abril Jovem, 1991.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016.
- CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- CAGNIN, Antônio Luís. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: Inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. Tradução: Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.
- FARINA, Modesto, PEREZ, Clotilde, BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERINI, Andreia; BARBOSA, Teresa V. R. (Org.). **Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução.** São Paulo: Peirópolis, 2013.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão.** Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação.** Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Tradução: Sérgio Teralloli. São Paulo: Ática, 1994.

KOCK, Ingridore Villaça. ELIAS, Maria Vanda. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2008.

LEFFA, Vilson Jose. **Aspectos da leitura.** Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** São Paulo: MaKron, 1995.

McCLOUD, Scott . **Desenhando quadrinhos.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A literatura em quadrinhos: formando leitores hoje.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária.** São Paulo: Ática, 2007.

RAMOS, Paulo. **Leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da história em quadrinhos. **Comunicação & Educação.** São Paulo, ECA-USP, n. 22, set./dez. 2001. p. 46-51.

SANTOS, R. E.; VERGUEIRO, W. **Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática.** *EccoS*, São Paulo, n. 27, jan./abr. 2012. p. 81-95.

SILVA, Fabio Luiz Carneiro Mourilhe. **O quadro nos quadrinhos.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1988.

TIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

VARELLA, Drauzio. **Maurício de Sousa conta sua trajetória nos quadrinhos.** 2014 (6m29s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wE3upxNE3JM/>>. Acesso em 22 mar. 2018.

VERGUEIRO, Valdomiro; RAMOS, Paulo. (Org.). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In. VERGUEIRO, Valdomiro; RAMOS, Paulo; MENDONÇA, João Marcos Parreira; VILELA, Túlio; BARBOSA, Alexandre; ZENI, Lielson; **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. O uso das HQs no Ensino. In. RAMA, Ângela et al. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos nas salas de aula**. São Paulo: Contexto, 2014.

ZENI, Lielson. **A metamorfose da linguagem: análise de A metamorfose em quadrinhos** (Dissertação). Curitiba. Universidade Federal do Paraná. Letras. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2007.

APÊNDICE

Material Didático - Orientações ao/a professor/a Quadrinhos: hipergênero na escola 7º ano

Professor/a, o nosso trabalho partiu da preocupação que temos quando o assunto é leitura. Notamos que a leitura de textos com linguagem não verbal é ainda menos explorada em sala de aula, se comparada ao texto verbal, e, em um mundo onde a imagem faz parte de várias linguagens como a fotografia, o cinema e produz novos sentidos, não podemos deixar de compreender como isso acontece, e mais, repassar esse conhecimento. Barbosa (1988, p. 188) afirma que a imagem é pouco explorada, pois os professores não recebem formação suficiente sobre ela e, por isso mesmo, têm grande dificuldade de explorá-la, "porque não foram preparados para decodificá-la e usá-la em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos".

Pensando nisso, as atividades aqui propostas têm como principal objetivo orientar alunos e trazer subsídios aos professores de Língua Portuguesa sobre leitura de texto literário adaptado para quadrinhos. Em nossas pesquisas, pudemos constatar que unir obras literárias aos quadrinhos é um meio interessante de atrair leitores, como defende Ramos (2009, p. 14) ao dizer que "ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal). A expectativa é que a leitura dos quadrinhos ajude a observar essa rica linguagem de um outro ponto de vista, mais crítico e fundamentado."

Escolhemos, para desenvolver nossas atividades, a leitura da obra em quadrinhos *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette, publicada, no Brasil, em 1991, pela editora Abril Jovem.

É possível encontrá-la digitalizada e disponível na Internet, o que muito facilitará a realização das atividades propostas.

Acreditamos que, por se tratar de uma grande aventura vivida por um jovem adolescente, provocará uma certa cumplicidade entre o aluno e a personagem protagonista, atraindo o leitor para a leitura. Além disso, histórias em quadrinhos são

frequentemente bem aceitas pelos jovens, especialmente os da faixa etária para a qual as atividades propostas foram planejadas, entre 11 e 12 anos, 7º ano.

Ao planejarmos as atividades, buscamos alcançar os objetivos a seguir.

Objetivo geral:

- Levar os alunos a compreenderem e interpretarem a linguagem dos quadrinhos de aventura, oportunizando a motivação necessária ao aprendizado e, ao mesmo tempo, refletir sobre comportamento humano: individual e social; cultural e político.

Objetivos específicos:

- Proporcionar aos alunos a leitura de história em quadrinhos de aventura, especificamente *A ilha do tesouro*, de Pat Boyette;
- Localizar informações implícitas nos quadrinhos;
- Identificar o processo de criação dos quadrinhos: as cores, a disposição dos quadros, a construção das personagens, do cenário, dos balões, entre outros recursos;
- Auxiliar o trabalho do professor, em relação à leitura de histórias em quadrinhos, levando-se em conta suas especificidades;
- Oportunizar, por meio de material didático produzido, orientações teóricas e novas estratégias quanto à leitura de histórias em quadrinhos.

Primeira etapa de atividades: Levantamento de dados e apresentação de histórias em quadrinhos

Professor/a, primeiramente, há a necessidade de expor, aos alunos, a proposta de trabalho e observar a reação. Uma boa conversa, procurando saber se conhecem histórias em quadrinhos, se já leram ou ainda as lêem, se gostam delas. Isso ajudará aproximá-los ao trabalho. Depois, procure saber quem tem histórias em quadrinhos em casa e peça aos alunos que tragam as de sua preferência. Eles poderão trazer, também, exemplares da biblioteca da escola. Se houver a possibilidade, você poderá apresentar essas obras, por meio de *data show* ou do laboratório de informática e deverá trazer, também, exemplares, para que eles possam manuseá-los, lê-los. Importante deixá-los à vontade para que possam fazer a leitura, sem a preocupação, nesse momento, de uma cobrança feita por você. Poderão, durante as aulas, fazer trocas entre eles, para lerem o maior número possível de quadrinhos. Durante e depois da leitura, você, professor(a), poderá fazer algumas perguntas, oralmente, sugeridas a seguir, observando as respostas de seus alunos. Eles deverão estar com as obras em mão. A finalidade é a de observar esse contato feito pelos alunos, a fim de compreender até onde sabem sobre a leitura desse hipergênero.

Para a leitura das narrativas em quadrinhos, debate e intervenção do(a) professor/a, serão necessárias, aproximadamente, duas aulas.

Conversa inicial

Sugestão

- 1) Você gosta de ler histórias em quadrinhos?
- 2) Você tem alguma dificuldade em fazer esse tipo de leitura?
- 3) Com que frequência você lê quadrinhos?
- 4) Prefere histórias em quadrinhos coloridas ou somente em preto e branco?

Por quê?

5) Ao ler um livro de literatura e uma história em quadrinhos, quais diferenças há entre essas leituras?

6) Você conhece algum(a) quadrinista ou autor(a) brasileiro(a) de histórias em quadrinhos? Caso conheça, qual/quais?

Professor/a, você também poderá acessar ou pedir que seus alunos acessem, durante essas duas aulas, os *sites* sugeridos a seguir, para que possam conhecer os principais quadrinistas brasileiros e diferentes histórias em quadrinhos. Poderão, inclusive, baixar as que estiverem disponíveis em pdf.

Quadrinistas:

Nos *sites* a seguir, você encontrará os mais importantes quadrinistas/cartunistas brasileiros.

<http://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2016/01/trezequadrinistas-brasileiros-que-voce-precisa-conhecer.html>

Os treze quadrinistas brasileiros apontados pelo *site*: Bianca Pinheiro, Carol Rossetti, Cristina Eiko e Paulo Crumbim, Danilo Beyruth, Eduardo Damasceno e Luís Felipe Garrocho, Fábio Moon e Gabriel Bá, Felipe Nunes, Gustavo Duarte, Lu e Vitor Cafaggi, Marcello Quintanilha, Marcelo D'Salete, Pedro Cobiaco e Shiko.

<http://www.bananaquantica.com.br/category/quadrinistas-brasileiros/>

Esse *site* destaca: Maurício de Sousa, Ziraldo, Glauco Villas Boas, Arnaldo Angeli Filho, Laerte Coutinho e Mike Deodato.

<http://heroisnopapel.com/gibis-brasileiros-alguns-autores-importantes/>

Nesse última, ressalta: Mariana Cagnin.

Sites para leitura de quadrinhos e download

Nos *sites* a seguir você encontrará diversas narrativas em quadrinhos em pdf. Fique à vontade para explorá-los.

<http://superscans.net/>

<http://baixarquadrinhos.com/>

<http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/>

<https://doisespressos.files.wordpress.com/2009/11/classicos-ilustrados-herman-melville-moby-dick.pdf>

<https://doisespressos.files.wordpress.com/2009/11/classicos-ilustrados-william-shakespear-hamlet.pdf>

<https://doisespressos.files.wordpress.com/2009/11/classicos-ilustrados-alexandre-dumas-o-conde-de-monte-cristo.pdf>

Segunda etapa das atividades: O reconhecimento do gênero por meio de pesquisa

Professor/a, a segunda etapa tem como atividades questionamentos que exigirão pesquisa por parte dos alunos. Caso não seja possível, você deverá trazer materiais impressos para pesquisa e as aulas destinadas à segunda etapa poderão ser de forma expositiva e por meio de consultas feitas, pelos alunos, a esses materiais disponibilizados. O principal objetivo, nesta etapa, é que os alunos conheçam sobre o surgimento, a motivação e a evolução das histórias em quadrinhos. Para tanto, serão utilizadas três aulas, que possibilitarão a aquisição desse conhecimento e, nesse momento, você poderá pedir a participação do professor da disciplina de História para que indique aos alunos participantes outros *sites*, livros ou até uma conversa sobre os acontecimentos históricos que motivaram o surgimento das histórias em quadrinhos.

Hora da pesquisa

Os quadrinhos são conhecidos, admirados e lidos no mundo todo. É muito interessante saber sobre o surgimento e toda a evolução dessa linguagem, até chegar aos dias atuais, pois essas informações, além de nos trazer maior conhecimento, preparam-nos melhor em relação à leitura que será realizada durante as aulas.

Com base nas explicações dadas pelo/a professor/a e pelo material e/ou ferramenta que estão à sua disposição, pesquise e anote no caderno sobre as narrativas em quadrinhos:

- o surgimento, considerando o contexto histórico-social-cultural da época;
- os primeiros representantes e os suportes nos quais foram publicadas as primeiras ideias;
- o surgimento, no Brasil, considerando o contexto histórico-social-cultural da época;
- os primeiros representantes brasileiros;
- a evolução dessa linguagem multimodal até os nossos dias, destacando o surgimento dos profissionais da área, como roteirista, quadrinista, editor, letrista, arte-finalista;
- o porquê de, às vezes, serem coloridas e, às vezes, em preto e branco;
- a utilização da computação gráfica, atualmente, para a produção dos quadrinhos;
- os principais representantes da atualidade, no Brasil e no mundo, e suas obras mais importantes.

Elabore um texto, tendo por base a pesquisa, e o entregue ao/à professor/a, na data indicada.

Terceira etapa de atividades: leitura da obra em quadrinhos

Professor/a, a terceira etapa é a leitura da obra *A ilha do tesouro*, adaptada por Boyette para os quadrinhos. Para tanto, é necessário disponibilizar uma cópia impressa, em cores, para cada aluno. Você poderá encontrá-la gratuitamente, para download, no site:

<https://caminhopoetico.wordpress.com/2016/04/30/a-ilha-do-tesouro-de-robert-louis-stevenson-download/>

O aluno terá uma semana para fazer a leitura da obra, em sua própria casa, como tarefa.

**Quarta etapa de atividades:
Lá vem mais pesquisas!
Estudos sobre as especificidades do hipergênero HQ**

O objetivo maior, nessa etapa, é explorar as especificidades dessa linguagem multimodal. Antes, porém, após a leitura integral dos quadrinhos, acontecerá o debate, destacando aí o que acharam sobre a aventura, os personagens, o adolescente Jim, o tesouro, pois é o momento destinado para a apreciação da leitura feita. Em seguida, os alunos farão algumas atividades escritas, a fim de identificar se sabem reconhecer o tema; a época em que a narrativa foi ambientada; se já ouviram falar sobre Boyette; se conhecem outras histórias sobre a pirataria; se já leram sobre a Escócia e o envolvimento desse país com a pirataria, na época em que foi ambientada; se compreendem o uso de certas palavras; se conseguem compreender como é conduzido o conflito. Os alunos poderão, nesta etapa, receber auxílio dos professores das áreas de História e Geografia, para que se possa acrescentar conhecimento acerca do contexto histórico e geográfico que ambienta essa narrativa sobre pirataria. Para isso, sugerem-se três aulas.

Em seguida, conduzir o reconhecimento das especificidades das histórias em quadrinhos, à disposição durante todo o momento da análise. As atividades propostas exploram a observação da construção dos quadros, do enquadramento das cenas, das calhas como recursos utilizados para a marcação de tempo e espaço, do uso e da finalidade dos balões, a utilização dos balões recordatórios, do rabicho, da importância das onomatopeias, da utilização das cores e seus efeitos de sentido, da disposição dos personagens, dos requadros e dos balões para a produção de sentidos, do fluxo e do layout, do espaço (planos e ângulos). Neste momento, os alunos poderão pedir ajuda ao/à professor/a de Arte, a fim de compreenderem melhor o uso dos planos e ângulos em uma imagem e seus efeitos de sentido.

Para a realização dessas atividades, sugerem-se cinco aulas.

Primeira parte: Vamos comentar?

- 1) O que achou da história em quadrinhos de aventura que você acabou de ler?
- 2) Conhece outras histórias sobre pirataria?
- 3) Jim é um adolescente vivendo uma grande aventura. Que qualidades você destaca nessa personagem?
- 4) De qual momento da narração você mais gostou? Por quê?
- 5) Olhando os requadros, qual deles mais lhe chamou a atenção? Por quê?
- 6) Você já leu sobre a Escócia? Sabe sua localização? Qual o envolvimento desse país na pirataria do século XVIII? Faça uma pesquisa e apresente à/ao professora/professor.
- 7) Para que a obra seja elaborada em quadrinhos, é necessário o trabalho de um artista. Esse artista, no mundo dos quadrinhos, é chamado de quadrinista. Quem é o quadrinista da obra lida? Pesquise sobre ele e transcreva as principais informações para o seu caderno.
- 8) O pirata e capitão Billy Bones falou sobre a *mancha preta*. O que significava recebê-la?
- 9) O que o pirata cego, chamado Pew, e seus companheiros procuraram, ao invadir a estalagem?
- 10) Lorde Trelawney era um nobre rico e financiou a viagem até a ilha onde supostamente havia um tesouro, que constava no mapa guardado pelo capitão Billy Bones, encontrado pelo garoto Jim Hawkins. Ao organizar a viagem, foi o próprio Trelawney quem contratou a tripulação. Observe o quadro abaixo e responda, justificando: Long Jonh Silver parecia ser de confiança, um patriota? Comente.

Figura 1 - Contratação do marinheiro



Fonte: Pat Boyette (1991, p.19)

11) Ao longo da narrativa, a personalidade de Long Jonh Silver foi sendo definida. Como era, de fato, essa personagem? Qual é a importância dele para o desenrolar de todo o conflito? Comprove suas respostas citando as principais situações em que ele esteve envolvido, suas atitudes controversas, até o desfecho.

Sugestão de resposta

Primeira parte: vamos comentar?

Perguntas: 1,2,3,4 e 5 - respostas pessoais sempre coerentes com a leitura feita, o debate e a reflexão.

Perguntas: 6 e 7 - pesquisa

8: Um sinal de ameaça.

9: Procuravam o baú do capitão.

10: Observando a fala do Lorde Trelawney e a expressão no rosto da personagem Long Jonh Silver, podemos notar malícia e cinismo, demonstrando não ser alguém que merece confiança.

11: Long Jonh Silver se mostra um mentiroso e manipulador. Conforme os fatos foram ocorrendo, percebemos as intenções de Long Jonh Silver: promover o motim e encontrar o tesouro. A personalidade do personagem se mostra ambígua, uma vez que pode ter atitudes muito más ou demonstrar bondade. Esse personagem representa a energia que uma história em quadrinhos de aventura deve ter. Há muitos momentos que comprovam esse comportamento dúbio do personagem, entre eles: fazer-se passar por alguém honesto, quando contratado pelo Lorde Trelawney; participar do motim ao navio; proteger o protagonista Jim Hawkins.

Segunda parte: As especificidades das narrativas em quadrinhos

1) As onomatopeias são representações dos sons por meio de palavras. Transcreva as onomatopeias encontradas na narrativa em quadrinhos, diga os sons que elas representam e os efeitos de sentido alcançados.

2) Sabemos que os balões, em uma narrativa em quadrinhos, desempenham importante função, pois são eles que representam as falas, os pensamentos, a intensidade com que se fala e podem, inclusive, representar a fala do narrador. Indique, embaixo de cada quadrinho, o tipo de balão utilizado e com qual finalidade foi usado.

a)

Figura 2 - Grito



Fonte: Boyette (1991, p.41)

Reflexão esperada: Balão do grito – Jim se assusta com o grito do papagaio do pirata. O balão do grito foi utilizado para anunciar, tanto a Jim como aos leitores, perigo iminente.

b)

Figura 3 - Pensamento



Fonte: Boyette (1991, p. 35)

Reflexão esperada: Balão do pensamento – o capitão faz um levantamento dos mortos e feridos em batalha. É um momento de introspecção e, por isso, foi utilizado o balão do pensamento.

c)

Figura 4 - Silver em apuros



Fonte: Boyette (1991, p. 36)

Reflexão esperada: Balão recordatório – o balão recordatório foi utilizado para mostrar a visão do narrador-protagonista em relação aos acontecimentos. Jim relata a saída de Silver do forte.

Sugestão de resposta para atividade 1, da segunda parte:

Há dois tipos de onomatopeia: "boomm", indicando tiro de canhão; "Pow! Pow!", indicando tiros, ambas indicando momentos de grande perigo.

Importante saber, professor/a

Segundo Santaella (2012, p. 9), para se interpretar e compreender uma imagem, há a necessidade de lê-la primeiramente, pois, o "leitor não é apenas aquele que lê livros, mas também o que lê imagens", argumentando que

desde os livros ilustrados e, depois, com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre a palavra e a imagem, entre o texto, a foto e a legenda, entre o tamanho dos tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação. (SANTAELLA, 2012, p. 10)

Defende, ainda, que há a necessidade de se sistematizar o ensino da leitura das imagens nas escolas, tendo em vista sua relevância no cotidiano das pessoas, especialmente no contexto contemporâneo. Para tanto, se faz necessário conhecer "os três domínios da imagem". O primeiro diz respeito ao imaginário de cada um, na formação mental das imagens; o segundo, ao que se vê, se observa, se vive; o terceiro, a reprodução do mundo pelas artes. (SANTAELLA, 2012, p. 19).

Ao sabermos disso, é necessário aplicarmos esses conhecimentos à leitura dos quadrinhos, para que ela aconteça com maior eficiência. É necessário compreender que os quadrinhos são a fusão de linguagens: verbal e imagética, tornando-se, por isso, uma linguagem específica.

Nesse momento, portanto, as experiências com leitura dos quadrinhos ultrapassam o que está expresso e pedem um olhar atento também ao que não foi expresso e, mesmo assim, está ali e necessita da capacidade e do conhecimento do leitor para inferir as informações não evidentes.

É bom saber também, professor(a)

A cor é o elemento que traz maior expressividade à imagem, despertando o lado emocional do leitor. As cores possuem sentidos, seduzem e despertam a atenção do leitor. Segundo Farina, Peres e Bastos (2006, p. 2),

as cores influenciam o ser humano e seus efeitos, tanto de caráter fisiológico como psicológico, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão, atividade ou passividade, calor ou frio, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem etc. As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos.

Percebe-se que elas “exercem uma ação tríplice” sobre cada pessoa. Impressionam, ao serem vistas; são sentidas e, por isso, emocionam; conseguem transmitir ideia, construir significados. (FARINA; PERES; BASTOS, 2006, p. 13)

Sabe-se que as cores, além de motivar diversas sensações e emoções, também possuem “uma dinâmica envolvente e compulsiva” ao “produzirem sensação de movimento”. (FARINA; PERES; BASTOS, 2006, p. 85)

As cores escolhidas, na obra em quadrinhos, possuem significados que se relacionam intimamente com a trama. No caso da obra analisada, percebe-se na primeira parte: começo da narrativa até o momento em que Jim embarca no navio, para a sua grande aventura, o predomínio do preto, do marrom e do vermelho, criando uma atmosfera de medo, suspense, perigo; na segunda parte: quando Jim está no navio até a chegada à ilha, o predomínio do azul, certa tranquilidade, e do preto, como referência ao motim prestes a acontecer; na terceira e última parte: na ilha, o verde, indicando aventura, o preto e o vermelho, ressaltando traição, perigo, morte. O uso do preto também indica tempo e espaço. Muitas vezes, em lugares fechados, como a estalagem, o preto aparece para indicar profundidade e ambiente fechado. Durante a viagem, indica também que é noite.

3) *A ilha do tesouro* em quadrinhos é uma grande aventura, composta por momentos de certa tranquilidade e muitos de perigo. As cores apresentadas trazem essas atmosferas próprias do gênero. Observe os quadrinhos a seguir, analisando-os. Depois, indique as cores predominantes, no geral. Em cada um dos excertos, analise quais os possíveis efeitos de sentido provocados, tendo em vista o contexto: tranquilidade, medo, aventura, perigo, morte, traição, alegria, suspense.

I

Figura 5 - A morte de Bones e o secreto baú



Fonte: Boyette (1991, 14)

II

Figura 6 - Jim dentro do barril de maçãs



Fonte: Boyette (1991, 25)

III

Figura 7 - Traição



Fonte: Boyette (1991, 30)

Sugestão de resposta

Percebe-se na primeira parte: começo da narrativa até o momento em que Jim embarca no navio, para a sua grande aventura, o predomínio do preto, do marrom e do vermelho, criando uma atmosfera de medo, suspense, perigo. Além disso, em relação à imagem I, a cor marca o ambiente interno da estalagem.

Na segunda parte, quando Jim está no navio até a chegada à ilha, o predomínio do azul traz certa tranquilidade. O preto, ao fundo, pode ser considerado como uma referência ao motim prestes a acontecer e do perigo que os cerca, além de marcar ser noite e estar em alto mar.

Na terceira e última parte, na ilha, o verde claro, indica aventura e que é dia. O preto e o vermelho podem ser interpretados, como o contexto sugere: traição, perigo, morte. Assim, as cores, além de poderem expressar sentimentos, podem marcar o tempo e o espaço.

O espaço

O espaço é construído a partir do que o roteiro indica, com quadrinhos que “possibilitam a percepção de uma série de elementos, como distância, proporção, volume.” (RAMOS, 2009, p. 136). Essa percepção, que é visual, mostra a proximidade ou o distanciamento do personagem e dos objetos que estão inseridos no espaço, em diferentes planos e ângulos, como se fosse uma filmadora ou uma máquina fotográfica, permitindo diferentes perspectivas. Ao se preocupar com os planos e ângulos nos quadrinhos, o quadrinista demonstra cuidado com a estética e a narratividade do mesmo.

Planos

- Geral ou panorâmico – engloba cenário e personagem;
- Total ou de conjunto – aumenta a visualização do personagem;
- Americano – do joelho para cima;
- Médio ou aproximado – aparecem, ainda de forma sutil, as expressões faciais;
- Primeiro plano – evidencia as expressões faciais;
- Close-up – detalha rostos ou objetos;
- Em perspectiva – soma de diferentes planos.

Ângulos

Ramos (2009) também enumera três possibilidades de ângulos a partir dos quais a imagem é construída.

- De visão médio – mostra o quadrinho à altura dos olhos;
- De visão superior (plongê ou picado) – uma abordagem de cima para baixo;
- De visão inferior (contra plongê ou contra picado) – uma abordagem de baixo para cima.

4) Os planos ajudam a formar a perspectiva da imagem, dando-lhes efeitos de sentido. Relacione os tipos de plano às imagens, de acordo com a classificação e, em seguida, explique os efeitos de sentido provocados pela escolha feita em cada um dos exemplos.

Plano:

- (a) geral ou panorâmico – engloba cenário e personagem.
- (b) total ou de conjunto – aumenta a visualização da personagem.
- (c) americano – do joelho para cima.
- (d) médio ou aproximado – aproxima a personagem da cintura para cima.
- (e) primeiro plano – expressões faciais em destaque.
- (f) close-up – detalha rostos ou objetos.
- (g) em perspectiva – soma de diferentes planos.

a) (d)

Figura 8 - Cochicho



Fonte: Boyette (1991, p. 27)

Reflexão esperada: Por meio do plano médio ou aproximado, o leitor poderá observar a preocupação de Jim em contar ao doutor, sem que os outros homens percebam, sobre o motim que estava prestes a acontecer, descoberto durante a conversa entre Long Jonh Silver e os comparsas. Jim coloca a mão esquerda próxima ao rosto, para não ser ouvido pelos demais, e não se dirige diretamente ao doutor, como se apenas observasse o mar.

b) (a)

Figura 9 - Fuga



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Reflexão esperada: Nesse exemplo, o leitor percebe que foi usado o plano geral ou panorâmico para representar a fuga de Jim e sua mãe, durante a invasão dos piratas à estalagem da família. Percebe-se, também, a importância do plano escolhido porque acolhe, com a mesma importância, as personagens e o espaço, num momento de perigo, e sinaliza o tempo: apesar de estarem expostos em um espaço aberto, sendo noite, haveria menos chances de serem vistos.

c) (c)

Figura 10 - Barril de maçãs



Fonte: Boyette (1991, p. 25)

Reflexão esperada: O plano americano foi utilizado para enfatizar a ação da busca de Jim por maçãs, no barril, e a percepção de que não havia muitas, estando o mesmo quase vazio, o que levou a personagem a entrar ali para pegar as que estavam no fundo e, ao adormecer no seu

interior, ser acordada pela conversa de Long John Silver com os demais companheiros, conhecendo, assim, os planos do pirata.

d) (f)

Figura 11 - Olhos esbugalhados



Fonte: Boyette (1991, p. 33)

Reflexão esperada: Foi utilizado o plano close-up para destacar a seriedade da fala proferida; demonstrar a preocupação da personagem com o que pode vir a acontecer; revelar o sentimento de medo e apreensão demarcado especialmente pela centralidade dos olhos arregalados, mas também pelas rugas e sobranceiras arqueadas.

e) (g)

Figura 12 - Tropeções



Fonte: Boyette (1991, p. 35)

Reflexão esperada: Optou-se pelo uso de perspectiva com vários ângulos para demonstrar que a trégua havia acabado, pois nenhum dos dois lados aceitou se entregar, fazendo com que Long John Silver se retirasse, às pressas, evitando-se a possibilidade de ser capturado. Narrativamente, mostra dois grupos de personagens: um que age (primeiro plano) e outro que apenas observa, ao fundo, mais distante.

f) (e)

Figura 13 - Malícia



Fonte: Boyette (1991, p. 27)

Reflexão esperada: O primeiro plano, utilizado para destacar as expressões faciais, mostra Long John Silver com sorriso malicioso, sem se preocupar muito em transparecer as verdadeiras intenções, tanto pela expressão quanto pela fala.

g) (b)

Figura 14 - Mãe desmaiada



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Reflexão esperada: O plano total ou de conjunto foi usado para aumentar a visualização das personagens e destaca o esforço de Jim em esconder a mãe desmaiada, para livrá-la de ser avistada pelos piratas que estão por perto.

5) Os ângulos também ajudam a formar a perspectiva. Observe os requadros a seguir, classifique cada um conforme a perspectiva representada e explique por que foram usados, tendo como referência o contexto.

a) De visão médio – mostra o quadrinho à altura dos olhos.

b) De visão superior (plongê ou picado) – uma abordagem de cima para baixo.

c) De visão inferior (contra plongê ou contra picado) – uma abordagem de baixo para cima.

Figura 15 – Jim em perigo



Fonte: Boyette (1991, p. 40)

Resposta: C

Reflexão esperada: Nesse momento em que Jim está em grande perigo, ao utilizar uma abordagem de baixo para cima, Boyette traz, para o leitor, o destaque da personagem protagonista, colocando-a em vantagem em relação ao inimigo, apesar de ser ameaçada pelo pirata e correr o risco de se desequilibrar e cair no mar, deixando nas entrelinhas que o menino sairá vencedor.

Figura 16 – A luta no forte



Fonte: Boyette (1991, p. 36)

Resposta: A

Reflexão esperada: Ao se ter uma visão da imagem à altura dos olhos, o leitor consegue compreender exatamente quem está levando vantagem no conflito, no caso, os amigos de Jim.

Figura 17 – Piratas mortos



Fonte: Boyette (1991, p. 37)

Resposta: B

Reflexão esperada: A abordagem de cima para baixo, nesse exemplo, tendo em vista o contexto, diminui a relevância das personagens e aumenta a da ação que, naquele momento é a vitória dos amigos de Jim sobre os piratas.

6) As figuras cinéticas representam, por meio gráfico, movimento. Observe os quadrinhos abaixo e comente sobre as figuras cinéticas ali representadas e a importância delas para o efeito de sentido, tendo em vista o contexto.

Figura 18 – Bala de canhão



Fonte: Boyette (1991, p. 34)

Figura 19 – Jim foge do ataque



Fonte: Boyette (1991, p. 34)

Sugestão de resposta

As figuras cinéticas representam, nos dois quadrinhos, a velocidade com que as balas de canhão passam próximas a Jim, cortam algumas árvores e explodem em seguida. Elas representam um dos momentos de maior tensão, quando a vida do protagonista é gravemente ameaçada. Há, nesse momento, a certeza de que o conflito entre os piratas e os amigos de Jim só se intensificará.

7) As expressões corporal e facial são muito importantes para a narrativa. Comente sobre a importância dessas expressões, nos quadrinhos a seguir, observando, também, o contexto.

Figura 20 – Ben Gunn



Fonte: Boyette (1991, p. 31)

Reflexão esperada: O posicionamento de Jim, empunhando e apontando uma arma de fogo, indica que ele age com segurança e valentia. Ben Gunn, ao se ajoelhar, tentar se proteger da ameaça da arma, com as mãos, além dos olhos arregalados e a boca aberta, indica susto, medo e submissão, para a proteção da própria vida.

Figura 21 – O segredo



Fonte: Boyette (1991, p. 32)

Reflexão esperada: Ben Gunn sorri insana e entusiasticamente. Nota-se particularmente pelos olhos, além da boca semi-aberta em sorriso, as bochechas levantadas.

Figura 22 -- Susto



Fonte: Boyette (1991, p. 41)

Reflexão esperada: Jim foi surpreendido pelos piratas. Há a expressão de surpresa e de medo nos olhos arregalados e na boca aberta.

Quinta etapa de atividades A narratividade dos quadrinhos

A leitura das imagens e a relação das mesmas com o texto verbal e com a narratividade, na obra *A ilha do tesouro*, de Boyette.

Nesse momento, a partir do conhecimento que os alunos têm sobre os elementos da narrativa e das especificidades das HQs, serão instigados, por meio de debates e das atividades propostas, a analisar a narratividade, na obra *A ilha do tesouro*, de Boyette. A partir disso, priorizar o foco narrativo, o tempo e o espaço da narrativa em quadrinhos; a construção psicológica de personagens como o antagonista Long John Silver e o protagonista Jim Hawkins; como se desenrola o conflito e como acontece o desfecho. Sugerem-se 4 aulas.

1) Observe o enquadro a seguir e responda às perguntas.

Figura 23 -- Lembranças



Fonte: Boyette (1991, p. 4)

- Qual é o tipo de narrador presente na história? Justifique sua resposta.
- Qual é a importância desse tipo de narrador para o desenrolar do enredo?
- Ao observar o enquadro, percebe-se, por meio da imagem, temporalidades diferentes. Comente, fazendo um paralelo temporal entre os elementos que compõem o narrador em seu momento presente e os que compõem suas memórias.

Sugestão de resposta

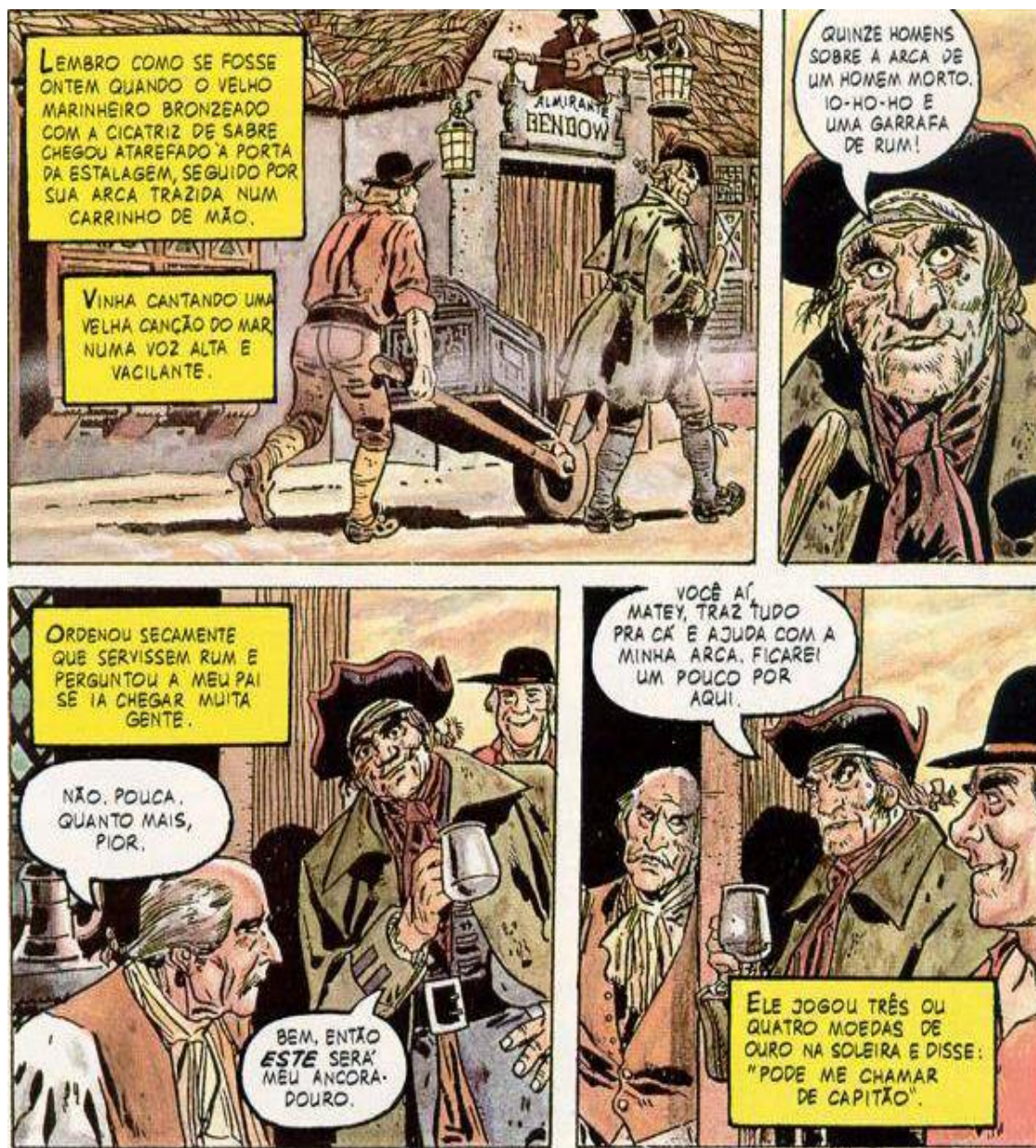
1 a) Narrador-personagem, pois o protagonista Jim Hawkins conta a sua própria história, de acordo com as suas lembranças.

1 b) Ao utilizar um narrador-personagem, o autor consegue aproximar o jovem leitor da leitura e valoriza o olhar do narrador e protagonista em relação aos acontecimentos que se sucedem.

1 c) O tempo do narrador é quando já é adulto. Pode-se ver pela imagem de um homem maduro, em lugar de pouca luz, com uma vela acesa, recordando o passado, para contá-lo. Em suas recordações, volta ao tempo de adolescente e as imagens ressaltam as suas memórias de quando e onde tudo começou, ou seja, à época em que o pai ainda era vivo e tinha uma estalagem, que aparece nas imagens, sendo parte de suas lembranças. Além disso, há a chegada do personagem que motiva a aventura que será vivida pelo protagonista, o pirata e capitão Billy Bones. Nota-se também que as cores do tempo da escrita são sutilmente um pouco mais vivas.

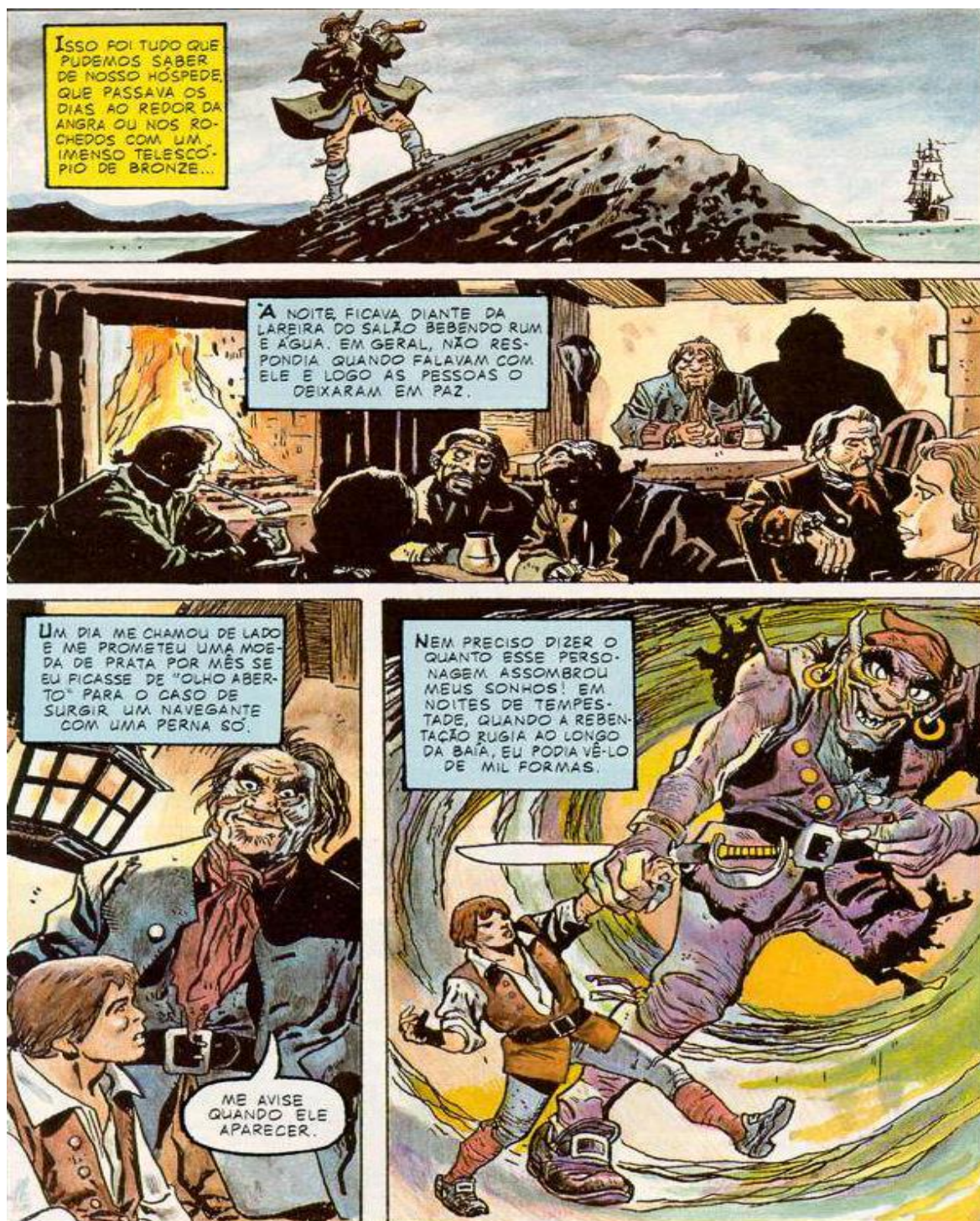
2) Observe o desenrolar da narrativa e responda as perguntas a seguir.

Figura 24 – Chegada de Billy Bones



Fonte: Boyette (1991, p. 4)

Figura 25 – Billy Bones e suas histórias



Fonte: Boyette (1991, p. 5)

Figura 26 – A chegada de Black Dog



Fonte: Boyette (1991, p. 8)

Figura 27 – A morte de Billy Bones



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

a) Quais são as características psicológicas mais marcantes na personagem capitão Billy Bones e qual a importância delas para o desenrolar do enredo?

b) Ao observar a página 4, terceiro quadrinho, por que o pronome demonstrativo *este* foi destacado? Comente.

c) Por que o nome do pirata visitante também foi destacado na página 8, sexto quadrinho?

d) Jim Hawkins é um adolescente cujos aspectos psicológicos vão se definindo ao longo da narrativa. Nas páginas analisadas, quais os aspectos psicológicos marcam as ações do menino? Confirme sua resposta comentando como esses aspectos afetam as ações da personagem.

e) Na página 5, o capitão fala sobre alguém muito perigoso a quem tinha medo de encontrar. Por causa disso, Jim chegou a ter pesadelos. Baseando-se em toda a narrativa, como era descrito esse inimigo de Billy Bones e quem de fato era ele?

f) As páginas destacadas marcam situações importantes que geram a grande descoberta: o mapa do tesouro, dando início à aventura. Comente sobre a importância de cada uma delas para o enredo.

Sugestão de resposta

a) O capitão Billy Bones demonstra ser, durante a narrativa, desconfiado, grosseiro, solitário e violento. Por ser assim, traz ao enredo um clima de suspense e de perigo, que é confirmado pelos próximos acontecimentos.

b) O pronome este foi destacado para marcar a entonação do personagem ao se referir ao lugar em que ficaria, acreditando ser ideal como esconderijo, pois poucas pessoas frequentavam o espaço.

c) Houve o destaque do nome Black Dog, junto ao ponto de exclamação e o gesto abrupto do capitão Billy Bones, deixando cair a luneta, para marcar o susto e a surpresa de ver o pirata inimigo.

d) Jim Hawkins, nas páginas em destaque do início da narrativa, demonstra ser um adolescente inseguro, corajoso, apreensivo, hospitaleiro, respeitoso, educado. Desde o início da narrativa, ele foi sempre receptivo ao capitão e muito respeitoso, ao mesmo tempo que as conversas que tem com o pirata o tornam receoso do que está por vir, chegando a causar-lhe pesadelos terríveis, como mostra a página 5, quarto quadrinho. Mesmo assim, enfrentou os perigos com coragem.

e) Billy Bones pediu ao Jim que o avisasse sobre a chegada de "um navegante com uma perna só". Na verdade, esse navegante era Long John Silver, o perigoso pirata com quem o rapaz viveria sua aventura.

f) O aparecimento do enigmático capitão Billy Bones na estalagem, o baú que traz consigo, a preocupação em ser encontrado pelo viajante de uma só perna, as visitas recebidas: Black Dog e Pew, até a morte inesperada e a apropriação do mapa por Jim Hawkins marcam o início da aventura do adolescente.

3) Observe os quadrinhos a seguir.

Figura 28 – O capitão cai morto



Fonte: Boyette (1991, p. 12)

Figura 29 – A mãe e filho



Fonte: Boyette (1991, p. 13)

Comente sobre os possíveis sentimentos de mãe e filho nesse momento, observando a informação dada pelo narrador e as imagens.

Sugestão de resposta

Na página 12, Jim se assusta ao ver o capitão cair morto. A mãe tenta consolá-lo, pois o adolescente demonstra grande tristeza diante do acontecido. Mãe e filho demonstram, pelas imagens e informações dadas pelo narrador, tristeza, preocupação e medo. Além disso, a mãe se aproxima do filho, nas páginas 12 e 13 e, numa demonstração de proteção e amparo, toca-lhe as costas. As imagens marcam o cuidado de Boyette em reforçar tais sentimentos por meio das imagens.

4) Muitas vezes, a imagem pode acrescentar sentidos à narrativa, eliminar ou criar ambiguidades. Observe o quadrinho e comente sobre o sentido que foi acrescentado por meio da imagem.

Figura 30 – O imediato



Fonte: Boyette (1991, p. 24)

Sugestão de resposta

Nota-se que o narrador comenta sobre o desaparecimento do sr Arrow, "em uma noite escura, com o mar turbulento". A imagem vem acrescentar sentido à narrativa quando mostra mãos empurrando-o. Além disso, na própria narrativa mostra-se o desejo de todos que ele sumisse. Sendo assim, qualquer um poderia tê-lo empurrado para o mar.

5) No decorrer da história, Jim vai amadurecendo e mostrando outras características psicológicas, além das apresentadas no início. Analise os quadrinhos, a partir da descoberta de Jim sobre o motim planejado pelos piratas, página 26, e indique características psicológicas da personagem protagonista, exemplificando por meio dos próprios quadrinhos.

Figura 31 – Jim chega à ilha



Fonte: Boyette (1991, p. 29)

Figura 32 – Jim fuge dos piratas



Fonte: Boyette (1991, p.29)

Sugestão de resposta

Jim demonstra, nos exemplos escolhidos, (quadrinhos da página 29) inteligência, coragem, esperteza, chegando a enganar os piratas.

Trechos do Caderno de Campo

possam ler nos próximos aulas.
Fui à biblioteca do colégio
e encontrei três quadrinhos de merel.
Ao todo, consegui juntar 45 histórias
em quadrinhos. Estou muito contente.
Teremos histórias em quadrinhos
para iniciarmos nosso trabalho.

Mônica e sua turma, do Maurício de
Souza foram muito disputados também.
Ao término das duas aulas, disponi-
bilizadas para a leitura dos quadrinhos,
os alunos pediram que eu os deixasse
ler por, pelo menos, mais duas aulas.
Não pude recusar. É assim, as próxi-
mas duas aulas serão ainda para
a continuação das leituras.

03/11 (duas aulas)

Ao começarmos a aula, perguntei se conheciam a história dos quadrinhos, como surgiam, onde, quais as motivações.

A turma toda desconhecia a história sobre o surgimento dos quadrinhos.

Como já havia reservado o laboratório de informática, informei aos alunos que iríamos até lá, mas que só havia onze computadores funcionando e que, por isso, teriam de fazer a pesquisa proposta por mim em dupla.

Os alunos pesquisaram sobre a origem dos quadrinhos, cartunistas famosos, tanto mundiais quanto nacionais, a evolução dos quadrinhos, os diversos sites dirigidos aos quadrinhos e os ferramentas disponíveis na web para construção de histórias em quadrinhos.

A turma toda ficou animada com as descobertas e as equipes trocaram informações entre si. Esse compartilhar informações encontradas foi uma experiência bastante produtiva.

Durante a pesquisa descobri que eles conheciam o menino maluquinho,

Foram percebendo a importância dos planos e dos ângulos para o posicionamento dos personagens em relação aos próprios fatos.

Aproveitei para falar também sobre as expressões faciais e corporais dos personagens e como isso provoca novos sentidos e estimula o surgimento de novos fatos. Falei também sobre as figuras cinéticas e como auxiliam na construção de sentidos.

Em seguida, entreguei as atividades. Percebi certa dificuldade em se expressar por meio da palavra escrita.

Procurei saber se não tinham compreendido o conteúdo. Mais uma vez me surpreendi. Disseram que tinham entendido, mas achavam complicado justificar por escrito porque não dominavam aquele vocabulário técnico.

Resolvi, então, intervir e, juntos fomos buscando ~~com~~ resposta na

ANEXOS

Documentos

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

Eu, Sueli Aparecida Ros Fajardo dos Santos, brasileira, casada, professora, inscrita no CPF/ MF sob o nº 66847354968, abaixo firmado, assumo o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre todas as informações técnicas e outras relacionadas ao projeto de pesquisa intitulado "**O texto literário em quadrinhos**" a que tiver acesso nas dependências do Colégio Estadual Rui Barbosa, Jandaia do Sul, Paraná.

Por este termo de confidencialidade e sigilo comprometo-me:

1. A não utilizar as informações confidenciais a que tiver acesso, para gerar benefício próprio exclusivo e/ou unilateral, presente ou futuro, ou para o uso de terceiros;
2. A não efetuar nenhuma gravação ou cópia da documentação confidencial a que tiver acesso;
3. A não apropriar-me de material confidencial e/ou sigiloso da tecnologia que venha a ser disponível;
4. A não repassar o conhecimento das informações confidenciais, responsabilizando-me por todas as pessoas que vierem a ter acesso às informações, por meu intermédio, e obrigando-me, assim, a ressarcir a ocorrência de qualquer dano e / ou prejuízo oriundo de uma eventual quebra de sigilo das informações fornecidas.

Neste Termo, as seguintes expressões serão assim definidas:

Informação Confidencial significará toda informação revelada através da apresentação da tecnologia, a respeito de, ou, associada com a Avaliação, sob a forma escrita, verbal ou por quaisquer outros meios.

Informação Confidencial inclui, mas não se limita, à informação relativa às operações, processos, planos ou intenções, informações sobre produção, instalações, equipamentos, segredos de negócio, segredo de fábrica, dados, habilidades especializadas, projetos, métodos e metodologia, fluxogramas, especializações, componentes, fórmulas, produtos, amostras, diagramas, desenhos de esquema industrial, patentes, oportunidades de mercado e questões relativas a negócios revelados da tecnologia supra mencionada.

Avaliação significará todas e quaisquer discussões, conversações ou negociações entre, ou com as partes, de alguma forma relacionada ou associada com a apresentação da dos itens "1;2;3 e 4", acima mencionados.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Londrina, 09/07/2018.

Ass. Sueli Aparecida Ros Fajardo dos Santos
SUELI APARECIDA ROS FAJARDO DOS SANTOS



Governo do Estado do Paraná
Secretaria Executiva de Educação
COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA



Declaração de Concordância dos Serviços Envolvidos e/ou de Instituição Co-Participante

Jandaia do Sul, 05 de julho de 2018

Ilma. Sra. Profa. Dra. Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
Coordenadora do CEP/UEL

Senhora Coordenadora

Declaramos que nós do **COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA**, localizado na rua Clamentino S. Puppi, nº 1125, centro, na cidade de Jandaia do Sul, estamos de acordo com a condução do projeto de pesquisa “O texto literário em quadrinhos” sob a responsabilidade da Professora **Sueli Aparecida Ros Fajardo dos Santos**, nas nossas dependências, com alunos do Ensino Fundamental II, 7º ano, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, até o seu final em Dezembro de 2018.

Estamos cientes de que as unidades de análise da pesquisa serão: a) atividades de interpretação de história em quadrinhos; b) o projeto de intervenção que trará atividades relativas à leitura das especificidades dos quadrinhos: imagens, cores, quadro, balões, entre outros; c) demais atividades pertinentes realizadas no decorrer do ano na disciplina de Língua Portuguesa. Estamos cientes também de que o presente trabalho deve seguir a Resolução 466/2012 do CNS e complementares.

Atenciosamente,

SEBASTIÃO SÉRGIO FABRÍCIO

Sebastião Sergio Fabricio
Diretor RG 885 754 7
Res 741/2016 DOE 04/03/2016



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Ilma. Sra.
Profa. Dra. ALEXANDRINA APARECIDA MACIEL
COORDENADORA DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS - UEL

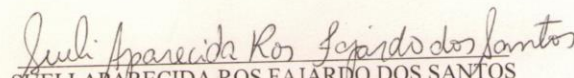
DECLARAÇÃO

Eu, **SUELI APARECIDA ROS FAJARDO DOS SANTOS**, aluna do Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras, da Universidade Estadual de Londrina, declaro para o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP/UEL- que me comprometo a conservar por tempo indeterminado, com o devido sigilo, os dados coletados dos alunos do 7º ano, do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Rui Barbosa, de Jandaia do Sul, Paraná, oriundos dos resultados da pesquisa, que está em avaliação por este Comitê, intitulada “O texto literário em quadrinhos”, em conformidade com a Resolução CNS 466/2012, tendo em vista o processo de aprendizagem e, como base, as atividades de leitura e interpretação de narrativas em quadrinhos e análise de suas especificidades.

Declaro, ainda, que os referidos dados serão utilizados apenas e tão somente em futuras publicações decorrentes da pesquisa que ora tramita.

Londrina, 09 de julho de 2018.

Atenciosamente,


SUELI APARECIDA ROS FAJARDO DOS SANTOS



Conselho de Ética em
Pesquisa envolvendo
Serres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 2.938.693

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 04 de Outubro de 2018

Assinado por:

Alexandrina Aparecida Maciel Cardelli
(Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br

COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O texto literário em quadrinhos

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidar o(a) adolescente sob sua responsabilidade para participar do projeto de pesquisa "O texto literário em quadrinhos", a ser realizada no COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA, pela professora Sueli Aparecida Ros Fajardo dos Santos, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Sônia Aparecida Vido Pascolati. O objetivo da pesquisa é capacitar os alunos a compreenderem e interpretarem textos literários em quadrinhos. Vimos a necessidade desse estudo e trabalho porque em um mundo onde a imagem se mistura com outras linguagens e produz novos sentidos, não podemos deixar de compreender como isso acontece, e mais, repassar esse conhecimento a alunos por meio de leitura, interpretação e análise. A participação do(a) adolescente é muito importante, pois o resultado das atividades propostas será utilizado no estudo da dissertação a ser desenvolvida como trabalho de conclusão de Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Estadual de Londrina-UEL.

Esclarecemos que a participação do(a) adolescente é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação do(a) adolescente a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa e/ou ao/à aluno(a). Esclarecemos, também, que as informações do(a) adolescente sob sua responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta e de futuras pesquisas, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade e a integridade do(a) educando, permanecendo sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora. Os dados serão guardados e usados o mais confidencialmente possível. Nenhuma identidade

pessoal será usada em qualquer relato ou publicação que possam resultar do estudo.

Esclarecemos, ainda, que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado(a) por sua participação. Todas as despesas materiais ficarão sob nossa responsabilidade. Esclarecemos também que a participação do(a) adolescente deve-se por ele/ela estudar no COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA, na turma selecionada para o desenvolvimento do projeto.

Os benefícios esperados relacionam-se ao fato de esta pesquisa poder contribuir com a melhora no processo ensino-aprendizagem da modalidade leitura de textos da língua materna do(a) aluno(a), com análise das especificidades das narrativas em quadrinhos. Quanto aos riscos, há um mínimo de se revelar a identidade dos participantes e leitores dos textos que serão analisados no projeto de pesquisa, não colocando, dessa forma, o(a) aluno(a) em situações desconfortáveis. Para minimizar ainda mais essa possibilidade e garantir a integridade dos participantes, todo o material coletado durante as aulas de realização do projeto será utilizado exclusivamente para o desenvolvimento desta pesquisa, mediante autorização dos participantes e seus responsáveis legais, resguardando o direito à privacidade dos sujeitos participantes, através da garantia de anonimato dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá contatar a professora Sueli Aparecida Ros Fajardo dos Santos (Rua Dr João Maximiano, 749, centro, Jandaia do Sul - PR), telefone: (43) 996663735, email: suelifajardo@gmail.com, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail:

cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Jandaia do Sul, _____ de _____ de 201____.

<p>Eu, _____ _____, responsável pelo menor _____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação voluntária do(a) adolescente sob minha responsabilidade na pesquisa descrita acima.</p> <p>Assinatura: _____</p> <p>Data: ___/___/_____</p>
--

Caso o adolescente seja maior de 12 anos, deverá constar o espaço abaixo para assinatura do menor.

<p>Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.</p> <p>Assinatura: _____</p> <p>Data: ___/___/_____</p>
